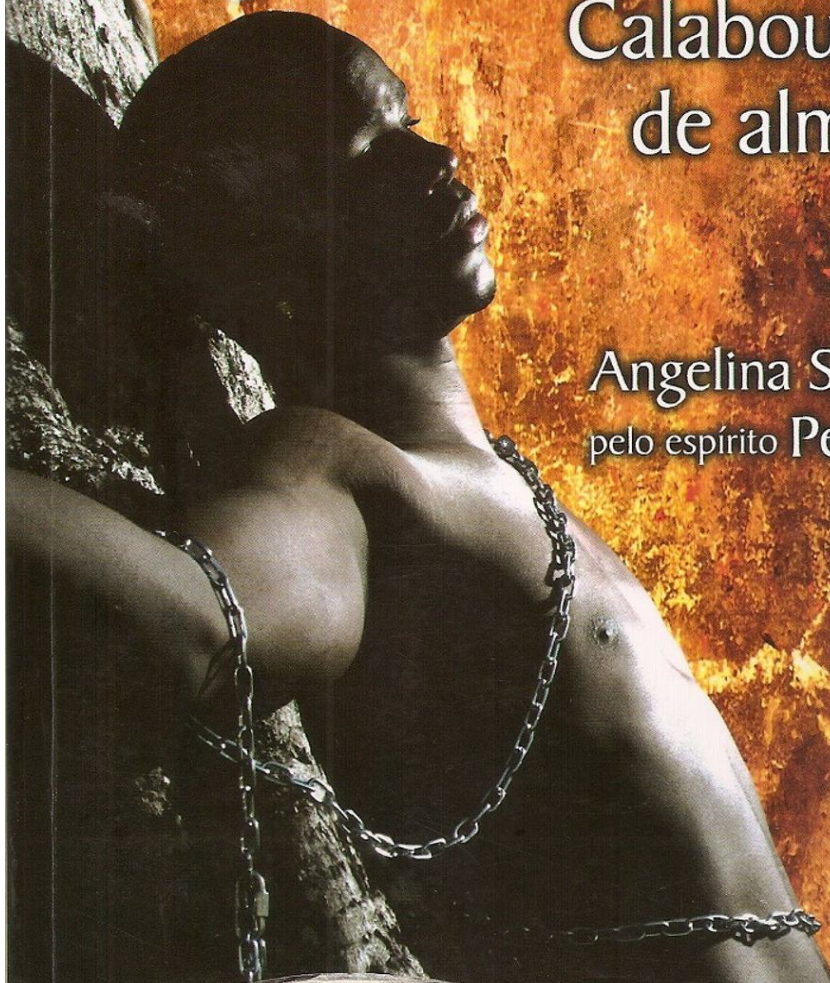


Ninguém joga impunemente com a vida do próximo!
Até quando a pele será a nossa proteção ou a nossa derrota?

Quilombo

Calabouço
de almas

Angelina Sales
pelo espírito Pedro



Quilombo, calabouço de almas

Angelina Mota Sales

pelo espírito

Pedro

Sinopse

Europa, berço de uma experiência doutrinária que, em nome e Deus, acorrenta almas tingidas, pela necessidade geográfica. no suposto intuito de serem evangelizadas.

África, nação da recomposição emocional aprisionada pelas correntes da escravatura.

De senhores a escravos do próprio destino, o homem forja a lei sagrada.

Transcorrem os anos e séculos, e o aventureiro e destemido europeu engaja a esperança na Terra Santa - Brasil.

Nasce uma nação mercantilista que se utiliza do recurso de almas de pureza regional; para atingir o eldorado da fartura. Neste belo romance, acompanharemos a história de Pedro Zumbaia - desde sua captura; no Zambe, na África, até seu destino final, a cidade de Sabará...

Bandeiras de homens destemidos e gananciosos percorrem mata adentro, com seus escravos e guiados pelos índios.

Nesta corrida desenfreada, o europeu se encasula mais no reforçar a posição de senhor do rodopio de almas, que se amarguram e se entregam a quilombos imaginários perdidos.

Nomes e renomes, até o apogeu denominado Sabará, fixam em seu eixo central seu magnetismo próprio.

De sentimentos de ganho a sentimentos de perda, os gigantes e os escravos ataram laços de recomposição de vida.

No hoje, alimentados pela desonra emocional, os envolvidos neste transcurso África, Brasil e Sabarabuçu, acorrentados, farejam a libertação dos quilombos mentais.

Nosso amigo Pedro

Pedro é um incansável trabalhador na seara de Jesus, que procura junto a nossa equipe, que é liderada pelo nosso querido Dr. Bezerra de Menezes ser socorrista de almas que também experimentou a sensação de um quilombo, calabouço de almas. Como somente o filho que rebela nos processos encarnatórios, pode experimentar o sabor da libertação, quando caminha servindo ao seu Maior Senhor, o Pai Criador, Pedro conquistou o direito de ser um servo a caminho da luz, no exercício do resgate das almas que se encontram no calabouço íntimo. Como um socorrista incansável, ele galga a expressão da transposição literária e reproduz em linhas o aprisionamento dos que ainda se encontram nos calabouços íntimos, em busca da libertação.

Aos irmãos desencarnados e encarnados que caminham na direção da luz, encontrem, nestas páginas, o caminho do entendimento, do que é ser Servo.

Ânimo, Fé e Coragem, para efetuarem a própria remoção do calabouço íntimo

Adolfo Fritz

Angelina Sales é terapeuta com consultório em Belo Horizonte/Minas gerais. Durante muitos anos atuou na área da educação como professora de Português e Inglês Espírita desde o berço; é oradora

e expositora com trabalhos desenvolvidos em várias casas espíritas, trabalhos estes, voltados ao estudo e divulgação do espiritismo. Médium a mais de 25 anos atualmente colabora ativamente na Casa Fraternidade e Amor; durante as reuniões de orientação e tratamento espiritual, atuando ainda na orientação às gestantes** carentes. Voluntária nas Instituições: Novo Céu; lar do Marcos; asilo Frei Otton. Por meio da psicografia tem trazido até nós obras de grande importância ;na divulgação d Doutrina Espírita, tais como: -Gota de Luz na Flor de Laranjeira:
- O Despertar de um Novo Dia;
- Quilombo, Calabouço da Alma.

Quilombo, calabouço de almas

Angelina Mota Sales

pelo espírito

Pedro

Agradecimento

Hoje estamos em agradecimento ao Pai Maior que nos auxiliou nesta experiência de partilha com o nosso amigo Pedro.

Retratar uma jornada encarnatória, com amor ao próximo, se torna um exemplo para todas as almas, que se colocam despertas para a evolução da vida.

Felizes são todos que observam o registro do trilhar do irmão, com expressão de auxílio como assim Jesus nos ensinou.

Pedro, exemplo vivo, daquele que cuida com carinho, das almas como as nossas, que se projetam nos quilombos mentais.

Como não caminhamos sozinhos, independentes do pólo que sitiamos, agradeço os meus amigos, que partilharam junto a mim e ao Pedro deste maravilhoso descortinar, da posição mental, que alojam todos que buscam vingar algo.

Ao meu amigo, Alexandre Magalhães, pela dedicação e carinho que se colocou diante deste humilde trabalho. Aos colaboradores, que não se aprisionaram no quilombo mental do tempo, e cederam o tempo, para reajustarmos, todos os ensinamentos ofertados pelos nossos amigos espirituais, como o Dr. Renato Daré, Julio Pinho, Vilian e Luana.

Meu eterno agradecimento ao meu pai e a minha mãe, ao meu esposo e aos meus filhos, que sem eles eu não poderia caminhar.

A rica história de Sabarabuçu

Sabarabuçu é considerada uma das primeiras povoações das Minas Gerais, e teve impulso com a chegada da bandeira de Fernão Dias Paes, por volta de 1674.

Muitas eram as lendas que habitavam o imaginário dos primeiros exploradores que penetraram o Brasil. No território onde hoje está Minas Gerais, um lugar em especial chamava a atenção e atiçava a cobiça daqueles homens: uma serra de nome Sabarabuçu, repleta de ouro e pedras preciosas das mais diversas cores. Foi ela um dos principais objetivos das expedições, um troféu à espera de seu dono. Quem encontrasse Sabarabuçu, encontrava a glória.

O ouro abundante no solo movimentou os arraiais da região, elevando o maior deles à categoria de vila - Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará-, em 17 de julho de 1711.

Em 1714, a vila foi transformada em sede da extensa Comarca do Rio das Velhas, uma das quatro primeiras a ser criadas na Capitania das Minas Gerais. Sua área de jurisdição compreendia limites com Goiás, Pernambuco e Bahia.

O bandeirante paulista Manuel de Borba Gato passou à História como o fundador de Sabará, até porque foi ele quem enviou ao governador da Capitania de São Paulo as primeiras notícias sobre a existência das minas de Sabarabuçu, localizada no Vale do Rio das Velhas.

Sabará foi um dos núcleos de mineração da província que mais ouro encaminhou à Coroa portuguesa. Seus rios e lavras eram riquíssimos do precioso mineral, e houve época em que os trabalhos de garimpagem ocupavam milhares de escravos.

Tão intensa tornou-se a mineração nessas paragens, que o governo português ali fez instalar uma Casa da Intendência, para a cobrança do "quinto". Fundido o ouro, dele se excluía a quinta parte, destinada à Coroa, sendo o restante devolvido ao minerador em barras que levavam o cunho oficial. Só assim poderia o ouro ser negociado, incorrendo os transgressores em severas penas.

Sabará teve dias de esplendor, de honraria e de riqueza. Sucederam-se, todavia, dias alegres e dias sombrios. Do grande centro comercial que chegara a ser, servido inclusive pelo porto fluvial do Rio das Velhas, já nos princípios do século XIX, restaram várias lembranças do ciclo do ouro.

Localizado em um majestoso vale, no encontro do Rio das Velhas com o Rio Sabará, o município, hoje com cerca de 120 mil habitantes, possui o mais rico acervo histórico da região metropolitana de Belo Horizonte, representado por igrejas, capelas e casarões.

Sabará possui ainda vários antigos chafarizes, sendo os mais conhecidos o do Kaquende, construído em 1757, na Rua São Pedro, no antigo centro comercial da cidade, e o do Rosário, instalado ao lado da igreja de mesmo nome, na Praça Melo Viana.

A cidade possui um dos mais notáveis acervos de igrejas setecentistas de Minas. Nossa Senhora do Ó, de 1717, uma das mais representativas do barroco mineiro, possui influência chinesa em sua arquitetura externa e na decoração interna. O seu nome é devido às ladainhas de Nossa Senhora, que sempre começam com Ó.

Foi em Sabará que morreu um dos delatores da Inconfidência Mineira, o coronel do regimento de auxiliares de Paracatu, Basílio do Brito Malheiro. Morreu amaldiçoando o Brasil e os brasileiros, temendo ser emboscado em algum beco escuro, punido pelo povo de Sabará por sua vil delação. Daqui também saiu um dos mais implacáveis devassantes da Inconfidência, o desembargador César Mantti, ouvidor da Comarca e escrivão do tribunal que condenou os inconfidentes.

Nota da médium.

Quilombo, quilombando, quilombado

Desde que o homem tomou consciência de seu espaço na estrutura do Pai, vem medindo força que nem uma criança birrenta, reclamando por seus direitos.

Há milênios, os encarnados esbarram no egocentrismo e aniquilam a própria vida.

Na superação de suas ações, pretende o embrionário espírito

demonstrar que já se "desuterizou" e, sendo assim, não mais precisa exercer a obediência ao Pai.

Por trazer no pórtico encarnatorio o vício do domínio, ele continua quilombado nas encarnações e se aprisionando, cada vez mais, nas estruturas simples de nosso Pai.

Julgam-se deuses e defendem essa ideia, como assim faz um partido político em vésperas de eleições.

Vendem santos milagrosos e se esquecem que o maior santo está dentro de cada um, que é servir ao próximo como a si mesmo.

Percorrem quilômetros em busca de posição social e, quando param, observam que podem até ter enchido cofres e mais cofres, mas não alimentaram de amor aqueles que dentro do lar se encontram.

Alimentam-se com excesso e dizem, com orgulho, que não têm nada para ofertar. Preferem jogar pela porta as sobras do alimento a alimentar um necessitado.

Quilombam e são quilombados todos os que viajam de encarnação em encarnação não produzindo nada de real em favor de si mesmo nem do próximo.

E nos quilombos mentais se perdem em força e caminham para a petrificação dos quilombados.

Sempre a renovar débitos, acumulam, como em uma Mega Sena, milhões de anos para ser ressarcidos no porvir, por meio de um acolhimento fraternal e amadurecido para aguentar a vivência a dois.

Sonorizam freneticamente as experiências, e as fazem como um cartão único de visita.

Constroem as paredes íntimas e espreitam as mudanças sugeridas pelo Mestre Jesus.

Reforçam atitudes altruístas e se enforcam no egoísmo corrosivo danificador.

Abraçam a luxúria e vendem a alma a comandos distorcidos.

Assim é o homem atual, que se encontra perdido pela avareza dos próprios atritos íntimos.

Lavar os pés, para a retirada do pó perecido, é dever de todos.

A estagnação é o mesmo que a paralisação do indivíduo que busca o alimento sem nenhum esforço.

QUILOMBO, QUILOMBANDO, QUILOMBADO somos todos nós, os candidatos à mudança íntima emergencial.

Paz

Ricardo Luiz.

Nosso amigo Pedro

Como é natural do ser encarnado, que ainda se sobrecarrega pelo véu da obscuridade, fazemos uma pequena apresentação do nosso querido amigo, Pedro.

Como uma sociedade que ainda caminha em busca de apoio concreto, Pedro é um incansável trabalhador na seara de Jesus, que procura junto a nossa equipe, que é liderada pelo nosso querido Dr. Bezerra de Menezes, ser um socorrista de almas que também experimentou a sensação de um Quilombo, Calabouço de Almas.

Como somente o filho que rebela nos processos encarnatórios, pode experimentar o sabor da libertação, quando caminha servindo ao Seu Maior Senhor, o Pai Criador, Pedro conquistou o direito de ser um servo a caminho da luz, no exercício do resgate das almas que se encontram no calabouço íntimo.

Como estamos todos conectados, e isto foi muito bem desenvolvido por Jesus, quando "Ele" oferta a água da vida

para a mulher samaritana no poço de Jacó; Pedro, também como a samaritana, aceitou de Jesus essa água divina.

Pedro, através dessa belíssima reflexão, que acompanha as páginas deste livro, direciona todos à fonte da vida.

Como um socorrista incansável, ele galga a expressão da transposição literária e reproduz em linhas o aprisionamento dos que ainda se encontram nos calabouços íntimos, em busca da libertação.

Aos irmãos, desencarnados e encarnados, que caminham na direção da luz, encontrem nestas páginas o caminho do entendimento, do que é ser Servo.

O Pai Maior, através de Jesus, espera por todos os filhos pródigos que ainda perambulam no inconsciente do real estar.

Ânimo, Fé e Coragem, para efetuarem a própria remoção do calabouço íntimo.

Adolfo Fritz.

Sumário

Europa, África, Brasil, Sabarabuçu, Calabouço de um quilombo	
Colônia Lar Amparo	
1 - Filho africano e o companheiro Neil.....	
2 - Zambe Zumbaia	
3 - O navio negreiro	
4 - O cheiro da natureza	

5 - A viagem	
6 - Brusuia	
7 - O castigo de Zumbam	
8 - A grande tormenta	
9 - A alimentação de bordo	
10- Descobrimdo a liberdade	
11- Os preconceitos	
12- Reunião esclarecedora	
13- Preparativos para a chegada	
14- Castigo ao fugitivo	
15- Rio de janeiro	
16- Sinhazinha	
18-0 índio Sebastião	
19- O pelourinho	
20- Meu nome é Pedro	
21- Envolvimentocom Sinhazinha	
22- O aborto	
23- A emboscada.....	
24- A história de Sebastião.....	
25 - As instruções do Ministro Fernando	
26 - Conhecendo Outro Preto	
27-A presença da discriminação.....	
28 - Previlégios e castigos na casa de Deus....	
29 - Um lugar sem lei	
30 - Idéias abolicionistas. O amor se manifestando ...	
31 - Conhecendo João	
32-Bretão	
33 - A chacina na mina.....	
34 - Sebastião muda de "plano"	
35 - Sofrimento na Casa de Deus	
36-0 pedido de casamento	
37-0 massacre no Gaia	

38 - Padre Cirilino - o doente

39 - Epílogo - Planeta azul

Europa, África, Brasil, Sabarabuçu, Calabouço de um quilombo

Inauguram, todas as vezes, o berço sagrado da vida na busca do aprimoramento.

Reiniciam a escalada evolutiva, na oportunidade concedida pelo Criador, sob a base doutrinária do reencontro com a divindade.

Matizam esperanças na acolhida abençoada do exercício benéfico das experiências concedidas da renovação.

Assim, a história formata as ações do homem falido, que, quilombado, projeta-se de experiência em experiência.

Europa, berço de uma experiência doutrinária, que em nome do Pai acorrenta almas tingidas, pela necessidade geográfica, no suposto intuito de serem evangelizadas.

África, nação da recomposição emocional, aprisionada pelas correntes da escravatura.

A serviço da Igreja, os negros foram assim requisitados, sem questionamentos, a enfileirar a coluna dos acorrentados.

De senhores a escravos do próprio destino, o homem forja a lei sagrada.

Transcorrem os anos e séculos, e o aventureiro e destemido europeu engaja a esperança na Terra Santa - Brasil.

Desbravam oceanos e margeiam nas rotas marítimas, o ganho futuro de uma riqueza geradora de conflitos.

África, desde o início de sua formação, como em qualquer continente subdividida, encontrava-se com suas tribos ideológicas,

acolhendo cada qual o seu deus de ação.

Como o homem registra e faz seu percurso histórico e cultural, impregna de mazelas deprimidas no forjar ações distorcidas de um criador de amor.

Chega a hora de, assim, imantar a terra Santa com as propostas dos deuses homens, no ditame de regras de respeito ao criador.

Acorrentam almas no auxílio de, assim, quilombarem a si mesmos e ao próximo no exílio da contínua vingança.

Nasce uma nação desprovida da maldade, já mercantilista, que utiliza do recurso de almas de pureza regional, os índios, para atingir o Eldorado da fartura.

Bandeiras de homens destemidos e gananciosos percorrem mata adentro, com seus escravos, e guiados pelos índios, que eram tidos como bússolas humanas para direcionar o europeu aos veios do ouro e das pedras preciosas.

Inauguram a jornada do contexto histórico em 1500, com as esquadras já sobrecarregadas da mácula registrada do poderio e da falência de homens a serviço de um deus denominado ouro.

No vai e vem concorre Fernão Dias, que, acolhido pelo vento farejador, alcança Sabarabuçu. Nesta corrida desenfreada, o europeu se encasula mais no reforçar a posição de senhor do rodopio de almas, que se amarguram e se entregam a quilombos imaginários perdidos.

Borba Gato, como outros, carrega o mastro da coragem e formata a continuidade de uma história de gigantes.

Criaram pousos para refrescar a jornada de outras bandeiras, e capitão Matias Cardoso de Albuquerque desenvolveu Roça Grande para o abastecimento da vida.

Nomes e renomes, até o apogeu denominado Sabará, fixam em seu eixo central o seu magnetismo próprio.

De sentimentos de ganho a sentimentos de perda, os gigantes e os escravos ataram laços de recomposição de vida.

No hoje, alimentados pela ignomínia emocional, os envolvidos

neste transcurso África, Brasil e Sabarabuçu, acorrentados, farejam a libertação dos quilombos mentais.

Neste pequeno relato, eu, Pedro, me encontro nos recônditos abrigos edificadas pela bondade do Pai, nas esferas desta cidade de acolhimento Sabará, na busca por aliviar companheiros quilombados, que, por vez, ainda quilombam a angústia da falta do perdão e permanecem no quilombo mental.

Que as esquadras de verdadeiros guerreiros do amor auxiliem na limpeza psíquica, formada em Sabará e em outras instâncias planetárias, para o homem atual reencontrar o caminho da paz.

Pedro

Colônia Lar Amparo

Situarei e descreverei para você, leitor, a localização do Lar Amparo em Sabará.

Estamos alojados bem acima de Roça Grande, antigo arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande. Local escolhido pelos superiores em razão do intenso magnetismo que emanou neste espaço no plano adensado que foi desenvolvido por Matias Cardoso.

Aqui temos cinco ministérios, um lar-hospital e uma escola doutrinária.

O ministério que acolhe os recém-chegados, analisa as condições dos companheiros e determina qual o melhor tratamento que estes devem receber.

O ministério que administra a colônia, onde se faz a interligação dos

desencarnados recém-chegados, dos trabalhadores de todos os setores e dos guias espirituais com os superiores. Aqui não é permitido ultrapassar as regras, e todos têm de obedecer. Não existe o jeitinho que, quando encarnados, utilizamos para burlar as regras.

O ministério do serviço, que é o que eu mais visito, pois estou sempre buscando preencher meu tempo. Detesto ociosidade. Enquanto estamos com as mãos ocupadas, estamos envolvidos na seara do Pai, mas esta ocupação tem de ser em benefício do próximo.

O ministério dos superiores, onde todos sempre estão no ofício da ajuda. Eles já não precisam mais do famoso descanso que, quando encarnados, necessitamos. Quando desencarnamos, estamos viciados neste movimento, sendo necessário formar o libertar desse exercício. Eu já quase não sinto necessidade de descanso nem do alimento para me fornecer energia. Junto a Neil, meu amigo e mentor, faço o exercício da captação energética concedida aos desencarnados e já permaneço horas sem sentir a ansiedade da fome em meu perispírito.

O ministério dos socorristas, onde, sempre que posso, peço para estar. Principalmente em se tratando de um ex-escravo, sou o primeiro a buscar esta tarefa. Como é bom auxiliar! Isso nos revigora e nos fortalece na fé.

A escola doutrinária é realmente prazerosa, reeduca os espíritos nos fundamentos de Jesus. Temos horários determinados para este momento e a disciplina é rigorosa, mas, no tocante à escola doutrinária, frequenta quem assim desejar, e vejo que aqui raros são os que não se envolvem neste movimento. Creio que todos buscam recuperar o tempo perdido. Os encarnados deveriam buscar se aprimorar mais na doutrina do Mestre, para entender melhor o que é o benefício da reencarnação.

Neil elucida sempre: "O espírito evangelizado é um espírito do Pai em busca dos passos do Cristo Jesus".

Quanta luz expande do Pai para nós, filhos, e nós ofuscamos essa luminosidade por falta de simplicidade e amor. Quando retornamos às colônias de acolhimento, como esta aqui, nos envergonhamos dos bloqueios que criamos em razão do nosso orgulho, egoísmo e vaidade. De jornada em jornada, o filho, por muitas vezes, fica paralisado na evolução. Buscar o Evangelho é DEVER.

E, finalizando, o Lar-Hospital é o local mais perfumado de amor, é o aconchego de todos os flagelados, que, após a jornada encarnatória, aportam neste porto seguro.

Observo e caminho nesta colônia edificante agradecendo à vida, e vejo que só fica parado quem quer, porque tanto para o encarnado quanto para o desencarnado não falta trabalho de amor.

Pedro.

1

Filho africano e o companheiro Neil

No percurso da história do homem, foram a ele oportunizadas as descobertas, e uma delas foi a do domínio. Esse domínio precário levou muitos companheiros de cor a ressentir a árdua caminhada. Mas, no mundo espiritual, conhecido por todos, a organização dos queridos benfeitores também se preparava para a demanda do momento.

Apesar de já trazer, no âmbito da Terra, registros de uma experiência de força de um Cristo Jesus, o homem ainda margeava a

ressonância de Moisés, que trazia no Velho Testamento o olho por olho'. E esta transcendência, tão necessária para o amor que Jesus deixou registrado no planeta, necessitará ainda de muitas lutas íntimas dos companheiros em projeção à luz.

Companheiros, homens estes de alma destemida, que, como um radar, sintonizavam suas antenas para as orientações que recebiam do alto. Para esse intercâmbio que hoje se processa com certa facilidade, os amigos espirituais recorriam aos avisos, sonhos e premonições para guiar os destemidos, aqueles que estavam incumbidos de desbravar as terras e os oceanos.

Muito havia o homem percorrido para, assim, sair da fase embrionária, aquela fase latente que foi necessária para o espírito ganhar a infância e começar a buscar a adolescência tão emergencial.

Em meados de 1800, o homem ainda experienciava o Renascimento, base de experiências precárias de desenvolvimento que hoje a tecnologia do vosso tempo lhe provém.

Atualmente, a Terra experimenta a tecnologia em projeção maior, mas foi necessário o navio negreiro para o homem formar, na sua máquina cerebral, a fabulosa engenhoca que rasgou os oceanos bravios.

E necessário, prudente e salutar compreender que tudo evolui, pois assim concorre nas esferas criadas pelo Pai Maior, e também na nossa colônia espiritual a evolução concorre. Travo conversação com os companheiros de sustentação, esses abnegados irmãos que nos acompanham incansavelmente.

Como em todo período necessário se faz ser humilde e aceitar a ajuda dos que caminham na nossa frente, em entendimento maior, assim ocorreu comigo na minha encarnação.

E assim começa minha luta íntima, pois refazer a jornada dos débitos requer uma fé inabalável. Esta estadia no campo da

carne me fez, por várias vezes, executar comandos de determinação na proposta de não vacilar nas pegadas dos deuses que eu acreditava, mesmo às vezes duvidando até do firmamento, que, para nós, era um deus maior que olhava por todos.

Nessa encarnação contei com meu amigo espiritual e fraterno Neil, que me fortificou nas horas das mais intensas emoções. Sem ele e muitos outros companheiros teria fracassado. Obrigado a todos vocês, valorosos irmãos.

Nesse período de 1800, surge o conflito maior desta minha experiência encarnatória. Filho africano, filho de um pai único, registrado pelos irmãos como um irmão de jornada, servidor dos princípios mais árduos e tristes. Retirado fui, como um animal, do meu *habitat*.

Negro, forte, com arcada dentária perfeita, cuja produção ainda serviria ao meu senhor homem branco. As vezes, parece que o Pai Maior escolheu nos tingir de cor diferente para, assim, denominar quem manda no terreno. Quanta ironia da nossa parte, porque, quando atingimos um grau de compreensão, reconhecemos que a pele é somente a proteção ou a derrota de nós mesmos.

Hoje não me revolto mais ao escutar os mestres dirigentes de Casas de Amor verbalizarem: "Utilizem a túnica branca. Acolham os necessitados. Utilizem da caridade. Baseiem-se nos mandamentos do Cristo Jesus".

Falo que não me revolto porque, quando me deparei com uma Casa de Amor, por necessidade, eu, o negro, vi, muitas vezes, a discriminação acontecer no próprio meio que se intitula Casa de Amor. Mas o tempo é sábio, e a escola doutrinária nos ensina também a orar pelos fracos dirigentes de instituições que utilizam as palavras "Faremos tudo por amor". Não quero dizer que não existam companheiros que assim não exemplifiquem, tal como um companheiro no vosso meio tão

falado pela postura gigante de amor, o querido Chico Xavier. Mas ainda são poucos, pela riqueza que esta doutrina nos ensina.

Como seria belo se diante dos já falados ensinamentos os homens não se baseassem somente no querer se projetar como o melhor e o mais sábio dentro do núcleo do qual, por necessidade, partilham. Nossa realidade sobressai quando nos deparamos com o verdadeiro encontro com nosso espelho íntimo. Não tem como fugir do reflexo, e aí dói, pois a luz ofusca nossa visão e nos tornamos cegos bloqueados por nosso orgulho.

Hoje posso caminhar junto a meu companheiro Neil e observar os companheiros encarnados e desencarnados em suas ações, e me é dada esta oportunidade para assim poder, por meio do exercício, enfileirar a coluna dos socorristas e auxiliar companheiros que ainda estão presos nos quilombos mentais. Esses quilombos são formações de grupos de almas que se projetam para se vingar de seus credores de outrora. Como é triste ver companheiros prisioneiros do ódio, orgulho e vaidade tornarem-se disformes, pois começam a transformar o perispírito por tanto buscar vingança.

Bem, voltemos à cor branca que havia relatado há pouco, esta cor que me fez escravo do meu próprio destino. Quando falo do meu próprio destino, é porque eu, por vários anos, senti o tremor do ódio vibrar no meu corpo.

Revolta contra os deuses, nem tenho palavras para explicitar. Mas tudo é aprendizado, seja aos olhos dos encarnados felizes ou infelizes.

Momentos de insanidade registrei debaixo de 150 chibatadas, sem piedade, por parte daqueles que utilizaram as chibatadas com pontas de ferro nas extremidades, para melhor ferir o tecido julgado diferente do daqueles que assim ordenavam.

Bem, aqui começo a relatar minha experiência quando em vida

corpórea. Quilombo, espaço de dor, aflição, angústia, desespero, onde inúmeros companheiros, ainda por registros maltrabalhados, sobrecarregam-se formando-o para não ser presas dos senhores de engenho. O relato nos é árduo, mas se unirmos forças, ajudaremos companheiros de evolução a se libertarem dos próprios buracos formados. Que não venhamos a ter necessidade de formar nenhum quilombo.

Agradeço ao bom Pai pelos unguentos a mim ofertados nos momentos de dor maior.

Que a luz de Maria, Nossa Senhora dos Aflitos, nos abençoe.

ORAÇÃO DO APELO

Oh! Mãe Santíssima, nossa Padroeira, somos fracos e oprimidos, filhos em busca do alívio, que a própria opressão íntima eternizou, os escravos a permanecer sufocados no abismo do pelourinho.

Ajuda, oh! Mãe Santíssima, intercedendo junto às forças geradoras, o clarear dos irmãos que no processo do abismo se encontram entorpecidos pelo ódio e pela vingança. Registros estes em que não nos cabe mais permanecer.

Docíssima senhora dos eternos escravos, tu como mulher que também se aprisionou pelo teu filho, nos leva ao Calvário da libertação e suaviza a tensão do cárcere íntimo de cada companheiro que ainda cogita na tua fidelíssima presença.

Senhora das forças maiores, nos ensina a perdoar como tu mesmo assim o fizeste diante da cruz de teu filho.

Que assim seja!

2

Zambe Zumbaia

Encontro-me no terreno de amor, minha África. Denominarei o lugarejo no qual, em uma grande clareira, situava-se meu lar, de Zambe. Homens encarnados necessitam de posição geográfica para melhor situar a mente concreta em eixo seguro, o qual vim a perder quando me tiraram de lá.

Em tenra idade, pelo costume do espaço, eu já registrava o aprendizado de constituir uma família. Casado aos 19 anos com minha bela, formosa e amada Tuanã, que trazia nos braços meu filho pequeno, Tuã; quadro este registrado na minha memória, que permanece como uma pintura sagrada.

Tinha a riqueza de Deus e não sabia dar valor fiel a esse envolvimento perfeito. Mas é ainda caminho de todos os espíritos em desenvolvimento ter compreensão fiel do correr justo dos laços fraternos só quando os perdem. Vime neste principio de perda de sentimentos maltrabalhados quando, em vida, fui retirado dos laços de amor.

Bem, Zambe, terra ainda virgem de experiências, nos permitia o deleite do ambiente natural. Podia correr na mata adensada e eternizar com os puros irmãos menores. Que delícia, que perfume embriagador e envolvente que o cheiro da mata nos oferecia! Podia sentir nos pés a umidade natural de uma terra fertilizada pela bondade do Grande Arador. Nestes momentos, eu, Zumbaia, agradecia o deus da mata, registrava as vibrações dos irmãos guardiões daquele espaço manifestando-se junto às minhas preces. Sons belíssimos me faziam penetrar no íntimo de cada nota manifestada pela delicadeza dos cantores do Pai. E uma verdadeira orquestra sinfônica, bem compassada, que os homens procuram imitar, mas que é impossível, pois trazem o orgulho cravado no eu

inferior. Sons semelhantes no cativeiro pude registrar também, mas era cativeiro, e o sabor da prisão nos deixa com um torpor de raiva e perdemos o bálsamo natural que o Pai nos oferta.

Olhar para trás, fazer uma reflexão dos passos dados, reconhecer aqueles que falseamos e agradecer pelo que fomos capazes de acertar é a gratidão do filho pródigo que retorna ao seio do Pai Maior. E hoje posso dizer que sou este filho, que agradece pela acolhida do Criador.

Origem, como todos nós trazemos uma, eu nasci de pais simples, de desenvolvimento nativo, e pude, por intermédio deles, desenvolver a crença nos deuses. Deuses da mata, da água, do tempo, dos homens e outros grandes deuses, que por outras crenças também o homem ainda carrega consigo, distribuindo a fé por seus deuses. Por trazermos instintos naturais sempre em agradecimento, nos postávamos, pois a pequena aldeia era amparada pelo deus da mata, ao qual todo respeito tínhamos para reverenciar.

Como já mencionei, Zambe se situava em uma grande clareira, que os meus antepassados, por sentimento de defesa, limpavam em forma de círculo, pois assim ficaria mais fácil a defesa contra os invasores naturais. Naquele tempo, o que poderia atacar o espaço eram animais de grande porte e tribos, mas o tempo correu e em outras partes do planeta o homem evoluiu e trouxe junto a ambição.

Nossas tabas eram reforçadas com plantas naturais que provocavam o afastamento de bichinhos e insetos indesejáveis. Vivíamos pela sobrevivência natural do dia, corríamos, nadávamos, pescávamos e, às vezes, partilhávamos de festas na tribo. Era muito bom. Graças a este cultuar, sobrevivi às torturas dos homens brancos, senhores e deuses da moeda, cujo poder tortura milhares de mentes até hoje.

Zambe, local que eu, por instinto, imantei com minhas meditações, ficou como registro fixado para meu envolvimento íntimo, porque é assim que acontece. A nossa mente tem um grande poder de construir ou destruir, e esse espaço em Zambe eu construí com energias benéficas. Refúgio sagrado cujas copas frondosas me davam total amparo.

Assim eu pude, em meus delírios, retornar em vibrações de emoção o teor de energia necessária que coletei nas minhas meditações em Zambe e superar as sensações de baixo teor.

Neil me trouxe um pouco mais de conhecimento sobre essa energia que nós acumulamos quando encarnados, e repasso a vocês:

Começamos nossa jornada com uma parcela de energia adormecida, e se faz necessário reativá-la. E por isso que os pais, orientadores, tuteladores e outros mais trazem grande responsabilidade na condução de almas, pois cabe a eles redirecionar estas energias com exemplos de amor. Mas nem sempre esses orientadores estão evangelizados, e se perdem no processo mais belo da vida, porque, se somos todos aprendizes, temos de desenvolver o potencial que nos cabe trabalhar conosco mesmo e com os outros.

Como eu pude ter essa experiência dentro de uma simplicidade maior de vida, foi-me fornecido esse exercício de respeito à vida e à energia que nossos corpos exalam. Quando, em agradecimento, nos colocamos diante da vida, nos guarneçemos de vitalização, nos potencializando para que nossos corpos estejam em perfeito equilíbrio, mesmo que temporário. Esse temporário nos fornece reservas para adoecer pouco. E nos registros que trago dessa encarnação, poucas vezes adoeci, mesmo no tempo do cativo.

Posso e devo ainda continuar o exercício do agradecimento, porque só me faz bem. Se alimentarmos somente o ódio, rancor, revolta e angústia, acumulamos energias deletérias,

que, com o tempo, danificarão nosso perispírito e atingirão o corpo físico, potencializando doenças.

Caros amigos, tomem como princípio que tudo o que venha a nos acontecer é de lei. Se potencializamos todos os nossos pensamentos, ações e emoções em construção positiva, estaremos fortalecendo nosso campo fluídico e, assim, carregando de energia benéfica nosso perispírito.

Em tudo o que percorre nas linhas seguintes, eu estava apenas em reajuste do tempo. Mas, quando estamos em reajuste do tempo e nos embrutecemos, nos deixamos envolver no nosso eu inferior e nos perdemos no reajuste.

Neil, sempre a me auxiliar nos meus momentos de meditação, traz para mim o caminho do alargamento superior, pois, como ele mesmo relata, somos seres de abertura, e por sermos seres em busca da espiral da evolução, temos por obrigação nos permitir alargar nossos conhecimentos. Alguns de nós, os espíritos, tanto na experiência da carne como na erraticidade, somos morosos para nos posicionar para o aprendizado, então rodopiamos mais na queima das experiências.

Explana Neil: "Se buscarmos o Evangelho do Cristo Jesus, que é o código de referência, reativaremos o que Ele, o Pastor de almas, nos ensinou, e esta lá em Paulo¹, o apóstolo do amor, quando ele relata: 'Se não colocar amor de nada me adiantará'. Mas o homem ainda precisa se permitir sentir este amor sublime para começar a executar a ação da pacificação interior".

Zambe, aldeia progressista, dava-nos o conforto necessário para a sobrevivência nesse pequeno paraíso. Eu e todos os companheiros tínhamos o alimento necessário, que surgia das águas e da terra. A caça era o meio natural de sobrevivência, onde podíamos, por lei divina, compartilhar.

Podia correr por entre as árvores e sentir o odor de todos os animais. Graças a esse processo natural desenvolvido, pude eu, pelo

¹ Paulo, I Coríntios 13:1-3.

olfato, sentir no ar o odor do branco e, por muitas vezes, me livrar de castigo doloroso por estar a contemplar a natureza.

Bem, contemplar a natureza é um movimento que, quando assim realizado, nos permite penetrar na mais pura essência do Pai. Quando em meditação me colocava, tornava-me a árvore, e era tão forte quanto a árvore; tornava-me o rio, e era tão bravo e corajoso quanto ele; tornava-me tigres ferozes, e podia registrar a força que eles traziam; penetrava na densa mata e permanecia denso e compacto para as investidas do tempo. Assim eu havia aprendido a meditar em Zambe.

Por meio desse processo, aprendi a me defender de animais ferozes e pude, também, criar grande resistência para me defender dos homens que agiam com torpeza.

Neil, meu parceiro de luz, esclareceu que esse processo de contemplação às coisas do Pai nos abastece de energia cósmica, e quando estamos alimentados por essa energia, nos momentos de maior necessidade, seja orgânico ou espiritual, naturalmente essas forças acumuladas são acionadas.

Se os espíritos encarnados tivessem mais disciplina, colocariam-se à disposição do Criador e trabalhariam tal qual nosso Irmão Francisco de Assis, que é a representação da alma de amor.

Bem, a minha amada, nunca mais vi, pois, quando a milícia alcançou a nossa aldeia, pude lhe dar abrigo necessário e, assim, assegurar a vida dela e de meu filho amado.

Não sei bem como, mas parece que nos acompanham, durante nossa existência, sinalizadores íntimos de como devemos caminhar, e foi graças a esses sinalizadores que pude me precaver com cuidados especiais para amparar aquela que me preencheu de vida.

Após o nascimento de meu filho, temia pela vida do pequeno, esse temor que só se adquire depois de vivenciar a vida. Ele, o meu filho, era para mim o meu deus; deus que se guarda a sete chaves. Foi o que eu fiz. Atrás de minha taba era uma densa mata, havia uma enorme pedra perto de nossa cabana, que era impossível de ser removida. Do outro lado dessa grande pedra havia se formado, pela ação do tempo, uma pequena vala, que se acentuava no encontro com a base da pedra. Foi exatamente aí, nesse encontro, que aprofundei a vala. Fiz um pequeno buraco que só se encontraria se tivesse tempo para retirar as plantas naturais do caminho, pois deixei o local bem arborizado para não deixar rastro de curiosidade. Esse lugar só eu conhecia.

Ficaram somente nas lembranças as noites eternizadas de amor que pude desfrutar junto de minha deusa. Desde então, me pus em oração pela proteção dos adorados.

Só depois do meu desenlace é que pude chegar aos registros de minha flor, e mais uma vez, sem compreender, senti ódio do Criador, pois vim a saber que ela havia se casado pela segunda vez. Senti-me traído por aquela a quem eu mesmo havia dado guarida, pois aos braços de outro homem se entregou. Como ainda somos egoístas, eu queria que minha amada ficasse em cativeiro, o cativeiro da solidão, por julgar que somente a mim pertencia, mesmo sem medir a extensão do meu apego e do meu processo masculino.

Bem, superamos ou apenas aceitamos sem nos permitir o trabalho mais profundo, que é o perdão.

Volto a Zambe, em meio à mata, onde grande queda d'água registrava o cântico de Deus, embalado pelos orixás, por meio dos pássaros abençoados. Sei que também você, querido companheiro, desfruta dessa orquestra, mas a sombra do egoísmo o bloqueia dos belíssimos registros oferecidos pelo Pai, que nos aproximam da essência pura do Grande

Estruturador da Vida. A necessidade de superar a nós mesmos nos faz ignóbeis perante a oportunidade cedida pelo Criador.

Eu, no meu cativeiro íntimo ora relatado, deixei-me embrutecer pelas circunstâncias e perdi o tempo belo de aproveitar as coisas mais sublimes que o Pai nos ofertou.

3

O navio negreiro

No fim do ano de 1801, o navio negreiro, assim registrado por carregar uma carga com cor denominada, foi, para mim, o encapsulamento mental.

Embarcamos nesse navio, que seria o nosso lar por alguns dolorosos meses. Correntes nos pés e nas mãos, cinturão de ferro para impossibilitar os movimentos do corpo, controlando, assim, a revolta coletiva.

Bem, retornemos a Zambe exatamente no ano de 1801, 17 de outubro. Gritos, tiros, mortes, choros, desespero, angústia, suicídios, tudo por meus olhos negros registrado.

Tristeza, melancolia, depressão sufocada por correntes. Eu, por preservar a vida, acovardei-me diante da arma de fogo e me pus de joelhos igual a muitos companheiros de compromisso coletivo.

Lágrimas até hoje eu registro no íntimo, pois ainda quando estou a relatar me emociono e volto aos momentos de dor, de prisão e de melancolia. O que a memória perene faz com todas as almas em evolução, aí encontramos a beleza da Criação!

O Pai Maior nos dá o direito do livre-arbítrio e, ao mesmo tempo, esse mecanismo se torna concreto quando deparamos com nosso eu íntimo, nada mais que a nossa memória perene.

Bem, querido companheiro de caminhada, mesmo tendo desencarnado há bastante tempo, ainda busco a oração como auxílio para a jornada. A oração é a bênção, o refúgio, o refrigério dos aflitos. Por isso, aprendi a estar na plenitude da oração ativa.

Quando nos colocamos a servir ao Pai Maior, não nos aprisionamos, ficamos libertos em nível mental superior de vibração, e realizamos a tarefa com amor. Assim Francisco de Assis realizou sua grandiosa tarefa de luz!

Correntes nos pés e nas mãos, cinturão para aprisionar ainda mais o negro. Já havia antes relatado que no navio, por meses, ficamos assim atados uns aos outros, tratados como animais, pois nossa individualidade, nessa altura, havia se perdido no primeiro tiro assolado no terreno de Zambé.

Quantos tiros, ainda, o homem espírito registrará no infortúnio do ser refletindo no coletivo? Quando será que estaremos todos despertos para a real evolução?

Há correntes contrárias que ainda estão em percepção latente da infância maltrabalhada que busca a discórdia dos ensinamentos do Cristo Jesus e se deixam no registro do trabalho contrário ao Pai Maior.

E com grande tristeza que observamos companheiros ainda em fúria mental levar grupos de amor à derrota. Observem, companheiros, busquem a análise fria de quantos núcleos foram destruídos pela força desorganizadora.

E hora de buscar a simplicidade do abraço fraterno, do sorriso sincero, da comunhão na tarefa de amor. Os nossos companheiros de luz, como o meu fraterno Neil, vêm nos alertando incansavelmente sobre essa demanda que ainda permanece no coração dos homens encarnados. Todos, ou melhor, quase todos aprisionados pelo bezerro de ouro.

A condensação do egoísmo passa de geração a geração, pois todo esse sentimento menos feliz é ainda uma mácula de

aprisionamento que o espírito incorpora à sua jornada evolutiva.

Ser evangelizado, permitir-se ser, na criação do Grande Arquiteto, é se colocar a serviço do bem comum, alinhando o compromisso com a disciplina do amor.

Na minha mente acorrentada ao passado, volto à caminhada de dor, por horas em fila, aquela que todos nós conhecemos: a famosa fila indiana, que tanto pode elevar o ser, dando força de evolução, quanto auxiliando para a paralisação coletiva. Bem, naquela hora, começou uma corrente de paralisação coletiva desse grupo de almas.

Temos consciência do resgate de nossas ações e do Evangelho do Cristo Jesus. Que venhamos a trabalhar esse resgate. Mas o que ainda ocorre é que o homem se deixa envolver no seu eu inferior e busca a cobrança, mesmo em nível inconsciente, esbarrando no processo do "dente por dente". Como é árduo sermos coadjuvantes nesse processo!

Quando falo coadjuvantes, é porque, quando estava em trabalho no departamento de arquivos do dr. Clarêncio, o médico responsável pelo acolhimento dos recém-desencarnados, ele me explicou que todos os que encarnam trazem consigo o processo de refazimento, mas estão vinculados a outros companheiros que também estão no ressarcimento, e ora somos os protagonistas, ora somos os coadjuvantes do desenrolar das ações.

Sendo assim, é muito difícil para o encarnado saber dissociar o que lhe pertence ou não. É questão de organização energética. Se os encarnados já se colocassem em postura crística, não se permitiriam ficar presos a ações repetitivas, bloqueando, assim, o andar da evolução.

Ficam atados a elos que formam correntes energéticas. Para se desvincular delas, necessário se faz a reforma íntima, que nada mais é do que se libertar dessas repetições. Voltando aos momentos,

correntes enormes nos entrelaçavam. Estávamos descalços, porque negro não tem pé. Fomos, assim, levados ao nosso cativeiro. Durante o percurso, apenas andávamos. Não podíamos falar nem pedir nada, nem água, nem comida, somente quando o senhor de engenho julgasse a hora.

Esse senhor de engenho que conheci logo no início divertia-se a cada passo dado. Vim a saber que, por sua bravura, foi lhe dada permissão para fazer parte da expedição na qual fui capturado. Ele, homem alto, forte e sem nenhum registro de amor, comandava a expedição com gritos e chicote na mão, mostrando que mandava ali.

Bem, os estudos afirmam que os bichos agridem por medo. Então, o meu senhor, atrás daquela força imensa, registrava um grande medo. Por ter tido uma vivência maior que a nossa, já conhecia muito bem o que era uma rebelião, e sabia que poderia passar por uma, a qualquer momento, com nossa comunidade de negros.

Talvez, se nós, os negros, fôssemos mais organizados, não teríamos sido presas dos homens brancos, mas são resgates de ambas as partes. Pena que o homem se perde no poderio e arrasta mais abismos para si mesmo.

Haverá um dia em que os encarnados compreenderão que se deixarem de atirar a primeira pedra não haverá outra. Ou, se receberem a primeira e a recolherem, não haverá revide, então ocorrerá a pacificação. O homem, por não trabalhar ainda o orgulho, dilacera sua própria jornada. Que o bom Deus ampare todos os que por necessidade, como eu, ainda precisam dos registros para o autoaprendizado.

Neil me esclarece quando verbaliza sempre esta belíssima frase: "O amor cobrirá uma multidão de pecados"¹.

4

O cheiro da natureza

Estou a correr em Zambe, terra virgem de sentimentos, onde a pureza da natureza se entrelaça com os sentimentos dos homens. Éramos crianças de alma para os momentos necessários. Parece que o homem se permitiu vender a alma para o bezerro de ouro, tal qual Narciso¹ quer seu reflexo luzindo nas esferas mentais dos irmãos de jornada.

Eu, de galho em galho, pois, no meio da floresta a brincadeira saudável é imitar os animais. E nos deixávamos envolver nos galhos para deles fazermos a deliciosa queda na água. Banhávamos no balançar dos corpos; este balançar era a liberdade mais profunda que tínhamos, e à qual não dávamos a menor importância, pois simplesmente vivíamos na inocência do momento.

Tenho saudades desses momentos de grande felicidade. Ainda ecoa a doce voz de minha amada mãe a nos alertar dos perigos da mata, dos animais selvagens e de homens sem escrúpulos, mas levávamos essas advertências como simples grau de preocupação de mãe.

¹ Narciso = Mitologia Grega. Filho do rio Cefiso e da ninfa Liríope, tornou-se um belo rapaz e foi objeto da paixão de numerosas ninfas. Certa vez, numa fonte, ao se abaixar para saciar a sede, Narciso viu-se refletir nas águas e, seduzido pela própria beleza, apaixonou-se de si mesmo. Incapaz de se afastar da própria imagem, Narciso definhou.

O autor espiritual faz uma ligação entre o mito Narciso " vaidade" e o apego aos bens materiais, que do mesmo modo, aprisiona o ser.

Na profundidade da alma, mamãe sabia que um dia, no percurso da vida, iríamos ser arrebatados e ganharíamos outro caminho, árduo caminho para mim.

Hoje fico a observar o balanço projetado pelo homem atual, que não se permite a delícia da natureza íntima que nos aproxima de Deus. Aprisionam-se em quadrados de concreto e engessam o próprio espírito em nome da evolução tecnológica. Com isso, o homem moderno afasta-se da criação. Zambe era um paraíso, rico das dádivas do Pai. Podíamos correr livremente, nos embriagando com o dom mais puro; o ar era um suave cântico dos anjos a penetrar nossas narinas. O reconhecimento do odor, já relatado, era de tamanha beleza, que até o cheiro da terra removida pelas infatigáveis formigas eu podia sentir. Pensem nisso, até o odor exalado pelas formigas...

Encontro-me aqui sentado ao relento do anoitecer, pois a colônia em que estou estagiando fica bem em cima de Sabará, em Minas Gerais, no Brasil.

Neil e Clarêncio estão também usufruindo deste momento comigo. E como estamos sempre interligados, eles adentraram o meu pensamento e travaram esta conversa que irei relatar:

Neil: Que belo, irmão Pedro, o odor exalado por nossas pequenas construtoras formigas. Pelos estudos já desenvolvidos no planeta concreto, que é a Terra, as formigas formatam colônias imensas debaixo da crosta, fazendo uma proteção natural no terreno.

Clarêncio: Deve ficar bem claro, Neil, que a proteção natural não serve para os danos provocados pelos homens, pois estes são de ordem humana e terão de ser redimensionados pelos próprios homens. É da lei.

Mas sobre o odor que as formigas exalam, é belíssimo, pois é para a preservação da comunidade. É o sinal que Deus permitiu a cada colônia de animais, grupo de pessoas e até a própria natureza, como uma mata, para auxiliar na preservação da vida.

Entristece-nos saber que o homem, tido como imagem e semelhança do Criador, seja o que mais danifica o corpo da criação.

Como o homem concorre para seu próprio embrutecimento! Ele, por ansiedade de ultrapassar a si mesmo, ignora as leis já tão bem definidas. O Pai de suprema sabedoria eleva os filhos, permitindo o livre-arbítrio, do qual se fazem escravos.

Voltemos à corrente da água cristalina onde o banho salutar nos envolvia em grande proporção de benesses. O alimento tão bem distribuído nos fartava e nos beneficiava, para que não viéssemos a adoecer. Para isso, nosso curandeiro nos envolvia em pajelanças sagradas e, com suas orações, nos protegia dos maus espíritos. Eu, pelo dom natural, estava sendo conduzido para substituir o curandeiro, pois filho de curandeiro, curandeiro é.

Assim deveria ser o homem atual, voltado para as coisas do Pai, cuja bondade a natureza virgem oferta, e em grande culto de amor eternizar a criação.

Zambe, para mim, era assim. O homem de Zambe era assim. A natureza de Zambe, interna e externa, era assim. E os homens deuses somente projetam o processo falido. Consigo desenvolver, agora, o entendimento do grande espaço existente dentro de cada um de nós.

Como eternos aprendizes da Lei Maior, e pela dinâmica belíssima desenvolvida pelo Criador, começo a ampliar meus sentidos e a compreender melhor a passagem do Mestre Jesus, quando Ele eleva para a mente coletiva as estâncias das moradas de nosso Criador.

Podemos perscrutar essas moradas dentro de cada um dos irmãos encarnados e desencarnados. O processo repetitivo das ações nos aprisiona, deixando-nos rodopiar na própria poeira criada.

É fascinante. Quando nos permitirmos estudar, concluimos que o homem bifurcado não está inserido na Lei Maior do Criador, pois ele constrói sua própria lei, ficando, assim, preso ao seu bezerro de ouro nas minas falidas da ambição.

5

A viagem

Cinco de outubro de 1801, sete horas da manhã, sol despontando num belo quadro que jamais, nessa experiência encarnatória, eu teria olhos de olhar. Como se tornou, naquele momento, o mais belo e majestoso amanhecer, era como se eu tivesse recebido o maior presente do Pai, pois, apesar de estar sempre em agradecimento aos deuses, naquela manhã foi como se eu concebesse toda a minha nova vida, ou melhor, minha posição de prisioneiro e, apesar da apoteose do lindo dia, já não estava mais liberto.

Olhei para o céu e escutei o guincho do pássaro visitante retumbar junto do tambor ensurdecido. Lágrimas ao olhar para trás e ver minha Zambe desaparecer por entre as árvores. Que quadro deprimente!

Sabem, companheiros, não damos a devida atenção, ou melhor, a devida importância ao movimento real da vida, e nos deixamos vencer pelo cotidiano. E quando ele nos escapa das mãos, sentimos o teor profundo da perda.

Eu estava gradualmente perdendo Zambe, minha amada, meu filho, meus pais que, por serem velhos, foram aniquilados. Corpos no chão e, entre eles, os meus pais. Quanta dor! Nem chorar os mortos eu pude, ainda mais os meus pais!

Por que tanta provação em tão pouco espaço de tempo? Mas negro não tem sentimentos. E assim seguimos, por cinco dias de caminhada árdua. Quando chegamos à margem do grande mar, orei à deusa das águas, conhecida no vosso meio por Iemanjá, pedindo a ela que não permitisse o grande monstro se apoderar daquela enorme embarcação.

Quanto medo registrei, e quanto já me encontrava irritado, pois aquele maldito tambor não parava de marcar, registrar o compasso de marcha. Eles chamavam as batidas de disciplina. Que disciplina! Creio que para eles também negro era surdo, pois, pelo resto da vida escutei os tambores.

Tambores para Vossa Alteza Real; tambores para oficializar momentos de vultos históricos; tambores para açoitar negro na praça; tambores para decapitar aqueles que, por rebeldia, ultrapassaram as leis.

Leis criadas para coordenar as estruturas civis, mas, como já relatei, o homem, por vezes, se perde e faz sua própria lei. E naquele momento a lei era só dos homens que ali estavam a comandar vidas cedidas pelo Criador. Pois eles eram como miniaturas de deuses direcionando a vida.

Subimos em pequenas canoas, em grupos de dez homens, sempre com a mira da carabina nas nossas faces, para assim alcançarmos a grande embarcação. E, pela primeira vez, ousei olhar para trás, fazendo um movimento maior com meu corpo, e no meu movimento fui abordado por uma chicotada.

Que dor pude perceber! Como o cipó que se usa para bater nos animais doía no lombo! Como o homem pode utilizar chicotes para punir os animais e os próprios homens?

Naquele momento, vi minha terra natal ficar distante, e percebi que a mesma água que fecunda pode destruir.

Entrei naquela embarcação com temor do chicote. Tentei movimentar meu corpo com toda a suavidade que pude, porque bem ao certo não sabia o motivo da chicotada. E, por receio de outra com o mesmo teor, procurei me mover como se movimenta uma cobra por entre as ramas.

A embarcação era linda, isso ninguém podia contestar. Tinha velas enormes, um grande timão e cabina de máquinas perfeitas. Os homens, como deuses, gritavam a mostrar que eles dominavam aquele enorme veículo.

Como o homem ainda se torna infantil diante de suas conquistas terrenas! Valerá o dia em que nós conquistarmos nosso verdadeiro passaporte para o aprimoramento íntimo.

Levaram-nos ao porão, lugar bem fúnebre. O cheiro da morte ali se registrava. Como eu trazia a sensibilidade maior, pude entrar na psicofera dos que ali já haviam estado em dor, angústia e desespero.

Lágrimas involuntárias começaram a sobressair das minhas vias lacrimais e, não sei bem como, escutei um companheiro já desencarnado falar: "Ajude-me, quero sair daqui". Olhei à minha volta e percebi que o navio estava assombrado. Comecei a rezar aos deuses defensores para que não me deixassem envolver nas forças ruins. Temi ficar como Tapuia, companheiro que morreu porque ouvia vozes dos mortos, vozes trevosas. Tapuia ficou louco.

Acomodaram-nos em paus mal acomodados, pois era assim que nos primeiros dias eu os percebia. Lugar estranho, escuro, num formato que não nos dava estabilidade por não estarmos acostumados com tamanha embarcação. As nossas canoas eram só para uso pequeno. O que mais fazíamos era andar, e agora, pelo menos por um período, íamos navegar.

Somente podia ver o sol ou as estrelas por frestas, que, com o decorrer do tempo, a madeira permitiu surgirem. Aí, mais uma vez analisei a bondade do deus sol, por penetrar nos cantos mais obstruídos que se possa imaginar.

O homem branco temia nossa crença, então não podíamos cantar nem reverenciar nossos deuses em voz de amor. Assim aprendi a reverenciar em silêncio, e vi que o deus do céu recebia minhas oferendas mentais, pois a mesma luz no céu piscava para mim em bênção maior.

O temor do monstro das águas, este eu sofri por meses. Sei que foram meses pelos registros do tempo, pois dentro da embarcação negro não podia ter nenhuma informação.

Mas, como em qualquer lugar sempre há aquele que fala, encontramos um aliado que sabia andar com os dois lados.

Ele era jovem, alto, forte, mas dócil, tal como eu, e assim ficou fácil ele estar no meio dos brancos e passar para nós as informações necessárias.

Como nossa terra, exatamente nossa tribo, ficava bem dentro da África, os mais velhos traziam a crença de que o dialeto desenvolvido pelos antigos deveria perdurar para não passarmos nossa cultura mais profunda para outras tribos. Assim, poucos de nós conhecíamos o português. Como no futuro próximo eu iria substituir o curandeiro, ele próprio já havia começado a me ensinar um pouco dessa língua, pois, como curandeiro, teve acesso a outras tribos, e essas tribos, por sua vez, também transitavam em outras, fazendo assim a corrente da comunicação. Mas não chegou a ser suficiente, ainda precisaria aprender mais.

Neil, nesse momento em que relato esse processo, interveio com sua belíssima colocação a respeito da comunicação. Colocarei suas próprias palavras para ser fiel a ele:

"Bem, Pedro, a comunicação que existe desde os primórdios é o alicerce do encarnado, ou melhor, deveria ser o alicerce do

encarnado, pois ele, o espírito na forma adensada, se perde em todas as modalidades de funções que o Criador permitiu a ele ter".

Mas voltemos à comunicação. Se o Pai nos permitiu a verbalização, deveríamos cuidar com todo apreço desse belíssimo veículo concedido a todos nós, mas o que vemos são homens utilizando essa ferramenta em paradigmas obsoletos, arrastando milhares de companheiros para o abismo.

Mas é também de consciência que todos os companheiros trazem o livre-arbítrio para se deixarem aprisionar uns pelos outros. Jesus não aprisionou ninguém; ele libertou quando trouxe ao conhecimento coletivo as leis de amor por tudo e todos.

Entristece-nos muito vermos companheiros de casas espíritas manipulando os irmãos, conduzindo e afirmando que as leis do espiritismo devem ser seguidas tais como eles a compreendem.

A ordem é necessária em todos os reinos de nosso Pai, concordo, mas manipular as leis, forjando o egoísmo, é o mesmo que cegos conduzindo cegos. E, na atualidade, companheiros das casas intituladas de amor estão destruindo esta belíssima estrutura codificada por nosso saudoso Allan Kardec.

Existe uma evolução que emparelha todos os espaços de nosso Criador. Se é concedido ao planeta Terra concorrer para a evolução, é porque os homens que habitam essa esfera também galgaram esse patamar, após várias experiências encarnatórias.

Vemos que quanto mais o homem evolui, mais vaidoso se torna. Médiuns que trazem a responsabilidade de ampliar a união forjando, por intermédio de outros companheiros, a desunião. E o que, por vezes, nos entristece, é que ainda esses médiuns estão experienciando o "dente por dente".

Quantos companheiros poderiam ter a oportunidade de resgate moral, tanto encarnados quanto desencarnados que circulam em âmbito comum nos centros espíritas!

Mas o local em que ocorre desunião, intrigas, desavenças, preconceitos e indiferenças de uns para com os outros não pode concorrer para trabalhos salutareos, se somos todos energias lidando com energias.

O planeta Terra grita por socorro, e os homens brincam de ser deuses. A lei é implacável; todos os atos por nós provocados terão de ser ressarcidos. Por isso a comunicação é fundamental para o homem que já traz o Evangelho como suporte de vida. Se Jesus verbalizou amor, compreensão e união, por que ainda o homem não se permite comunicar unificando? O que ainda arrasta o homem para o aprisionar e comandar desordenadamente, valendo-se de regras falidas?

6

Brusua

Voltemos ao desenrolar do processo. No balançar da grande embarcação, a nossa angústia começava. Coloquei "nossa" por estar dividindo o espaço com irmãos da mesma tribo e outros capturados de outras tribos.

Ali, naquele buraco flutuante, nos tornamos amigos, sendo que, antes daquele confinamento, éramos inimigos.

Como nós não conseguimos nos relacionar com harmonia com nossos vizinhos e os fazemos inimigos! Fiquei pensando nisso quando vi o Brusua encolhido no canto à minha direita

passando mal, como outros, devido à fragilidade do estômago, iniciando, assim, o processo de desencarne.

Não suportando o balançar, pelo processo de vomitar iniciava-se o quadro doloroso da desidratação.

As primeiras regurgitações já nos davam sinal de coisa séria, pois dentro da embarcação seria impossível usar as ervas salutares de Zambe.

Chorei, primeiro, por sentir nojo, depois por minha falta de capacidade de estancar o processo que, com o decorrer do tempo, vira sangue misturado com bile em quem já não tem o que vomitar.

Orei aos deuses da mata e me entristeci, pois eles não me responderam. Orei aos deuses das águas e me frustrei, pois eles também não me responderam. Orei, aos deuses do firmamento e me sufoquei.

Vi, então, que os deuses buscavam o companheiro mais frágil. Em menos de um dia ele partiu.

Melhor para ele, não é? Jogado ao mar, foi arremessado como um qualquer. Fiquei recolhido por três dias em completo silêncio, recordando os momentos, e chorei no mais completo abandono.

Quando desencarnei, após ter sido recolhido, direcionado pelo tempo de reajuste natural do adequamento de espaço, que levou exatamente trinta anos no tempo da Terra, comecei a sondar os superiores sobre a existência dos companheiros que guardava na minha mente, e perguntei sobre Brusuia. Aí chorei, pois vim a saber que ele estava preso mentalmente no navio negreiro, juntamente com outros companheiros, registrando a mesma angústia que eu havia presenciado.

Como eu, com minha pouca compreensão, poderia incorporar tamanho desajuste mental? Como poderia compreender que ainda estaria preso no navio negreiro? Questionei bastante o

superior Francisco, que, pacientemente, respondeu-me todas as perguntas, e me dei por satisfeito quando ele falou:

"Pedro, ficamos presos, se assim quisermos ficar, pois quem comanda é a mente associada às ações de respeito, perdão e aceitação aos desígnios de Deus. Como Brusuia, há muitos companheiros presos, pois ele ainda não perdoou o processo que vivenciou e está fixado na vingança. Ficar lá até que os companheiros de luz encontrem um afrouxamento da vingança em seu coração para, assim, fazer o resgate.

E da lei, cada um colhe o que planta. Mas na bela escola da evolução, o Pai Maior permite a companheiros abnegados compartilharem do processo, envolvendo em energias salutares os companheiros impregnados pelo ódio.

E por isso, Pedro, que a doutrina do amor veio complementar o Evangelho do Mestre Jesus, quando o apóstolo Pedro assim nos ensinou: 'O amor cobrirá uma multidão de pecados'.

Sabe, Pedro, ficamos rodopiando, quando encarnados, nas necessidades do dia a dia, e perdemos o direcionamento real da vida, que é a simplicidade, esta companheira que nos eleva os sentidos aclarados do Criador".

A partir daquele momento, passei a orar por Brusuia, recordei meus momentos de dor íntima esperando meu resgate e fiquei penalizado por saber que ele ainda se encontrava com as amarras do ódio.

Quanto o espírito precisa despertar, retirar do coração qualquer ponto fixo de desordem, pois esses pontos nos aprisionam e não nos deixam caminhar!

A evolução se processa lentamente no âmbito terreno porque o homem ainda não se permitiu sair do irreal buscado há milênios pelo próprio homem.

Surgem sempre no planeta companheiros voluntários para impulsionar o desenvolvimento coletivo. Como são ciclos que

a humanidade experiencia, cada etapa exige discernimento para acompanhar o processo evolutivo.

Se buscarmos a ciência e fizermos uma análise, veremos o grande salto desenvolvido na atualidade, mas o homem-espírito está se afastando do real e fixando a mente no irreal.

Será necessária a parada para retomar o real, mas, para essa parada, vemos que o homem busca a dor, e aí esbarramos no paradigma criado tempos atrás - "Se não for pelo amor, será pela dor" -, sendo que o Pai Criador nos fez simples de alma para sermos felizes.

Se nos foi dada esta realidade, por que ainda os espíritos encarnados navegam no irreal?

Bem, voltemos à embarcação. A limpeza do nosso espaço era realizada com baldes de água salgada, que eram jogados do alto em nós, e vários baldes recebemos, pois era preciso retirar o cheiro da morte do porão. Mal eles sabiam que o cheiro, com o tempo, se desfazia, mas a coletividade de dor mental ali permanecia.

Após o último dos trinta e dois baldes de água, recebemos panos para acabar a limpeza. Era realmente nojento o processo, pois nossas necessidades eram também ali realizadas. Estávamos expostos a todo tipo de doença, pois o asseio deixava a desejar.

Havia buracos com rolhas que eram retiradas das laterais, por onde escorria a água suja.

Quanta falta de humanidade! Tal como os bichos, nós assim éramos transportados. A limpeza era realizada só para dar conforto aos senhores do ouro, pois nós, os negros, não tínhamos conforto nenhum. O porão ficava molhado por muitas horas, por não haver possibilidade de os raios solares nos atingir, e assim passamos meses nessa verdadeira agonia.

Ficava horas a pensar como e por que éramos carregados para longínquas águas. Qual era o real objetivo dos homens de pele

branca? Será que nos matariam? Será que nos venderiam? Será que nos trocariam como carga de animal? E assim eu vagava nesses pensamentos.

Enquanto estamos encarnados não observamos com olhos libertos e nos deixamos vencer pelo desejo do ter contínuo, que nos faz atravessar o abençoado momento reencarnatório com enorme desperdício de tempo, porque ficamos somente projetando o que iremos ganhar no próximo movimento que fizermos.

Naquele momento, na embarcação, quantas dúvidas assolavam meus pensamentos. Mas os dias corriam e, com eles, a distância ficava maior.

7

O castigo de Zumbam

Às vezes, em sonhos reais, no balançar da embarcação, lembrava de minha doce amada. Até dos momentos de não entendimento registrava agora como complemento de partilha, partilha que ficou nos meus registros pelos cinco anos que desfrutei do enlace.

Recordei do nascimento do meu príncipe, Tuã. Sonhei, até na hora do seu despertar, que ele seria conduzido a comandar Zambe, coisa de pai que projeta os filhos como donos, e pude sentir que ser dono é perigoso. E neste momento de reflexão, pedi ao Deus do firmamento que livrasse meu Tuã dessa predestinação.

Senti o adoecer da alma só em pensar que meu Tuã pudesse ferir alguém. O poder de conduzir almas, ou melhor, o dever

de conduzir irmãos que em aprendizado também se encontram é de cunho imenso, pois o Pai Maior confia e entrega aos dirigentes experiências de comando. Aqui abro mais um parêntese, pois, quando falamos de dirigentes, abrangendo todos eles, seja de nação, de estado, de cidade, de bairro, de rua, do lar ou de um centro espírita, que buscam, a próprio pedido, experiências de tal vulto. Mas, quando estamos encarnados, nos perdemos pela vaidade, nos aprofundamos em nosso egoísmo e levamos uma coletividade ao desencontro da realidade vigente ao espírito.

A partir daquele momento, comecei a formular ideias que se tornariam monstros a me perseguir. Projetava a rota que o navio vinha realizando para, depois, eu mesmo, com minhas mãos, construir o meu navio de brancos. Não seria mais um navio negreiro, e sim um navio de escravos brancos.

E por meio desse pensamento, a raiva, a fúria, a própria maldade assolava a minha alma, níveis de consciência que todos nós trazemos cravados em nossas camadas emocionais e que devemos tratar com cuidado especial, tais como feras adormecidas que espreitam o momento exato para dar o bote contra nós mesmos.

Mas eu não arriscava a me rebelar, porque, para os donos, um ou outro atirado ao mar de pouco valia constava. Foi o que aconteceu com nosso companheiro Zumbam, que de tanto se rebelar foi levado ao mar.

Jamais esquecerei essa cena. Neste dia, fomos todos levados ao convés. Era um entardecer maravilhoso, mas, não sei como, eu sentia a dor e o medo de Zumbam, acorrentado, várias correntes grossas no corpo do negro.

As correntes, também em minha alma, entrelaçavam a minha vida. Arrepios, turbilhão em minha mente, vozes aterrorizadas, grande nuvem negra começava a me sufocar. Comecei a ter uma tosse descontrolada, que chamou a atenção

do carrasco, que passou a ficar incomodado com meu proceder, julgando que estava querendo adiar o sofrimento do meu companheiro.

Gritou:

- Pare com isso, negro fedorento; preciso de concentração para exterminar o entulho.

Não cheguei a compreender todas as palavras, mas a vibração sim. Busquei força e respirei profundamente, mas não consegui suspender completamente o surto de tosse, e fui levado para perto dele, puxado pela orelha, ainda com o processo ocorrendo. Foi aí que senti uma das piores dores que alguém pode registrar. O carrasco, como que tomado pelo ódio, disse:

- Para não, negro? Então vai parar pelo processo induzido. Eu continuava a não compreender, mas sabia que coisa boa não era. Ele tomou nas mãos uma espécie de pinça de ferro, daquelas que servem para pegar ferro quente, aproximou-se da minha genitália e deu uma grande gargalhada, e todos os outros tripulantes, como que conduzidos, entraram no processo, fazendo um ritmar de vozes: aperta, aperta, aperta... Ele não teve piedade, e assim executou o processo. A tosse desapareceu, e eu vi além da embarcação, muito além. Chegou a ser realmente estranho. No primeiro momento, foi uma dor que não consigo explicar; depois, um desligar do corpo e registrar o mundo paralelo foi o que aconteceu. Foi meu primeiro contato com meu guia espiritual, ou melhor, o meu grande amigo. Ele impôs as mãos no local da dilaceração e fez uma belíssima prece para mim.

"Oh, Senhor da Criação, atenuie a dor do físico e da alma deste irmão, que hoje, por lei maior, experimenta o registro da dor.

Limpe a alma da necessidade de vingança.

Traga o alimento salutar para ele discernir os passos que assim registrará.

Tonifique o espírito, para que o corpo físico receba do alto o medicamento para as feridas.

Criador, abrande o coração de todos os homens, porque somente os brandos e pacíficos herdarão a 'Terra.'"¹

¹Mateus, V-5.

Experimentei o mundo paralelo em plena consciência, e pude ver que Zumbam estava envolto em raios de luz.

Recobrei os sentidos e voltei ao doloroso processo. Poucos de nós compreendíamos tamanha crueldade, pois as falas, para nós, não eram de total compreensão, mas os gestos e a rispidez do tom da fala davam a entender que coisa boa não era.

Gesticulavam apontando para uma tábua imensa, colocada na lateral do navio, que chegava ao mar sem nenhuma proteção. Apontavam para Zumbam subir na tábua e andar.

Chorei recolhido, e as lágrimas com gosto de sangue registrei, pois também estava ferido. Vi meu amigo olhar nos meus olhos em ato de despedida.

Voltamos a Zambe, ele e eu mentalmente, e nos vimos a nadar no grande rio, e com essa imagem tenho a certeza que ele, em rufar dos tambores, subiu acompanhado do carrasco que trazia nas mãos enorme remo, o mesmo remo utilizado para conduzir tanto para terra firme como para a morte. Odiei o remo.

Ele caminhou, com grande dificuldade, até a ponta desta tábua, e o homem, em distância favorável e fora de risco para ele, permaneceu. A marcha dos tambores mudou, começou a evolução com maior euforia, e meu coração também acompanhava o retumbar. De repente, os tambores pararam. Não sei se o silêncio foi melhor ou pior, pois naquele momento o silêncio penetrou na minha alma me causando um

enorme nó, e comecei a registrar grande falta de ar. Pude sentir a vibração dos companheiros, de revolta, angústia e dor. Fomos levados a assistir a esse quadro com tamanha violência que até hoje, quando o relato, fica fácil sentir a vibração emocional de todos os envolvidos.

Jesus nos ensinou que tudo o que realizamos fica registrado, e fica mesmo. E, dependendo dos registros, ficamos encarnações após encarnações presos a essas vibrações. É da lei. Colherás o que plantares.

O carrasco para o qual hoje oro, tomou com violência do remo e empurrou ao mar, acorrentado, o nosso Zumbam, e fomos assim conduzidos a ver as borbulhas que o pulmão de Zumbam registrou. Foi a triunfal despedida de um grande companheiro.

8

A grande tormenta

Começou o entardecer, e meu coração registrava algo de diferente no ar. Bem, queridos irmãos, eu estava sendo preparado em Zambe para ser um curandeiro para a minha tribo. Então, tive iniciação para receber as vibrações dos deuses, e pude perceber que no bloqueio no qual se registrava o tempo, *os nossos deuses do firmamento* começavam a se organizar para fazer a limpeza, a varredura de elementos negativos.

Aprendi que quando a aglomeração das nuvens no céu se formava, era para eliminar a contaminação de pensamentos.

Em razão da violência que até ali havíamos registrado, já se fazia necessário esse processo. E para que as águas venham há

toda uma organização da natureza, e pelas circunstâncias ali vivenciadas, provavelmente os guardiões que circundavam aquelas águas estavam conclamando reajustes.

Agitado eu fiquei, porque, ao mesmo tempo, percebia que a deusa das águas também regia o grande encontro das águas, tanto do firmamento quanto do grande mar. Os deuses se intercomunicavam para a verdadeira fúria necessária.

Pus-me em prece, orei aos deuses pedindo que abrandassem o que eu percebia, mas, por mais uma vez, os deuses não me ouviram. E começou assim a tormenta.

Homens na proa a correr e a gritar. Eu não compreendia a fala, mas registrava as vibrações de medo. O balanço das águas, agora em maior dimensão, fazia a embarcação nos descontrolar no porão do navio.

Todos os companheiros estavam em grande agitação, pois permanecíamos acorrentados, e os movimentos começavam a ferir nossos tornozelos e punhos. Não conseguíamos ficar sustentados pelo pau interno que corria de fora a fora no porão, e os mais fracos se perdiam em rolar de um lado para outro, presos ao desespero.

Eu podia escutar os passos acima em grande desordem, e com todo esse descontrole, era-me impossível ter a organização lógica para a oração.

Quando estamos sob pressão, se não trazemos a devida elevação, não somos donos de nós mesmos, ficamos margeando o mental coletivo e nos tornamos presas das circunstâncias.

O querido Neil me salientou a respeito desse magnetismo que promovemos quando temos o hábito sagrado da oração. Aqueles companheiros que, tal como Francisco de Assis, entregam-se à postura contínua da oração, em qualquer situação trazem o equilíbrio e se alinham a esse magnetismo real de concórdia íntima.

Mas como o espírito-homem encarnado ainda se perde no irreal, ele, por si mesmo, desorganiza sua estrutura de sentimentos e perde o alinhamento com a real lei deixada pelo Cristo Jesus.

Bem, como eu estava desalinhado pelo medo, não trouxe a postura devida, e me perdi com meus sentimentos inferiores, desperdiçando a oportunidade de colaborar com o real magnetismo da fé.

Escutei o comandante gritar: "Homem ao mar!" Logo nesse momento senti prazer por imaginar que o homem branco estava se afogando. Depois, um grande calafrio na coluna, pois poderia ser um negro já adestrado ao trabalho com os senhores.

Aí chorei, porque olhei pelo buraco e vi que o deus raio chicoteava as águas, levantando enormes ondas. E se esse fosse um companheiro de cor, provavelmente, nenhum esforço seria realizado para retirá-lo das águas.

Homens gritavam, lanternas a óleo ao vento a iluminar o que era impossível de iluminar, pois, pela violência do vento, seria impossível manter aceso qualquer coração.

As velas se danificaram e houve grande perda para nos guiar a nosso destino. Um dos escravos, já preparado para esses momentos, desceu ao porão e nos falou:

- Bartolomeu foi lançado ao mar. Ele não teve chance de se salvar. Uma enorme onda, o grande e assustador monstro, o pegou. Ele estava sustentando umas das velas que se soltou das amarras e foi lançada ao mar juntamente com esse grande companheiro. Agora estamos parados e vamos permanecer assim por alguns dias, pois teremos de arrumar tudo o que foi estragado. A situação não é favorável.

Passei a duvidar dos grandes deuses e, com esse processo, começamos a perder a fé. Comigo não podia ser diferente.

Foram cinco horas de grande tormenta, que se tornaram

registro para uma eternidade. Já observaram que quando estamos em processo de alinhamento com as forças da provação, e quando essa provação é prazerosa, não paramos para avaliar o processo de bem-estar, apenas vivenciamos sem nem sequer avaliar a experiência? Mas quando é de insatisfação ficamos rodopiando e não sabemos nos posicionar na fé.

Mas se os momentos são de provas reais, pelo que o aprendiz já tem como reserva a superar, este aprendiz não deveria se perder no teor das experiências encarnatórias.

Foi o que aconteceu comigo, pois não penetrei nos comandos elevados e adoeci; fiquei por seis dias a queimar em febre alta. Pedi a morte, pois a diarreia e o vômito eram o que mais acontecia.

Baldes de água gelada no lombo do negro eram pouco para me recuperar, mas o destino queria mais de mim e, assim, por recursos internos, eu sarei.

Devido à violência da tempestade, mastros, velas e o convés estavam totalmente perdidos. As velas que sobraram estavam furadas e teriam de ser remendadas; os mastros quebrados, os buracos no convés e o reparo necessário levariam algum tempo.

Como são as misturas de raças! O Pai Maior permite aos homens articularem a interação, mas essa interação vem com a perturbação que assola o instinto inferior, e assim se mesclam pela inconsciência madura e perduram no vai e vem da destruição. Faço incansavelmente as seguintes perguntas: "Se o Criador nos criou todos irmãos, o que estamos fazendo? Por que ainda não utilizamos o amor exemplificado por Jesus? Por que ainda fazemos guerra? O que falta no homem encarnado para realizar o verdadeiro cumprimento da lei divina? O que mais será necessário para despertar a dormência coletiva? Por

que o homem insiste em colocar os filhos na experiência para fazê-los egoístas e inconsequentes para com os próprios atos?" Neil nos esclareceu que é necessário um líder em qualquer agrupamento, que terá de exercitar sempre o esclarecimento do grupo sob o feixe da luz do Cristo Jesus.

E o que acontece é que o líder, por sua vez, julga-se poderoso e se sufoca no processo do orgulho exagerado. Ele leva ao abismo profundo a si mesmo e os companheiros que não se prestaram a buscar a realidade, tornando-se aprisionados pelo irreal.

Se o homem já tivesse o interesse pela realidade do Pai, se colocaria de joelhos e estudaria o Evangelho. Essa codificação ajuda a religação do homem consigo mesmo e com a estrutura do Criador. Mas o homem, por se julgar senhor do conhecimento, não se permite inferir a real lei e navega em sua lei falida.

Nós, os filhos de Zambe, deveríamos escutar os deuses para nos posicionar diante da vida. Era o que exercitávamos para as escolhas íntimas, sendo que as escolhas coletivas do grupo cabiam ao nosso líder. Jesus abençoe e proteja os líderes de todos os comandos.

Quando houve esse agrupar de ideias de nossa cultura com a cultura dos chamados senhores de escravos, o homem tornou-se receptivo ao desenrolar da própria trama.

Se o homem parasse para meditar com real propriedade, veria que o contexto é bem direcionado pelo Pai, pois em eras remotas o espaço denominado África se aglutinava com a América-Brasil.

Houve, por necessidade, a separação dos dois continentes, mas o tempo justo buscou agrupar essas duas linhas de evolução, sendo necessário o reajuste, levándonos ao encontro com esta terra em próspera evolução.

Neil, em sua peculiar sabedoria, colocou para mim que o planeta Terra, como todo o resto do universo, faz parte do corpo de Deus. O Criador é paciente, mas tudo no universo

tem limite e, por essa razão, hoje esta maravilhosa esfera azul traz o tempo contado para a reposição de alinhamento.

Alinhamento com o real posicionamento da criação torna-se uma demanda indispensável no campo mental de cada encarnado e dos desencarnados também.

Enquanto o homem procurar o que não é real, permanecerá no intangível, por vício contínuo e desenfreado, buscando doenças para o próprio corpo, vaso sagrado ofertado pelo Criador, e da mesma forma adoecendo o planeta Terra. Quando o filho da Criação comungar com o paradigma maravilhoso do Cristo Jesus, o homem conquistará o que Ele assim verbalizou: "Cuidai das coisas de meu Pai".

Neste momento de total envolvimento, Neil fitou o finito-infinito e orou por todos nós:

"Oh! Grande Arquiteto, magnífico engenheiro, educador de almas, Jesus amado. Trago em meus sentidos a esperança de um movimento irai na mente de todos os companheiros encarnados e desencarnados. Edifício no magnetismo da essência mais elevada deste pastor, que se permitiu adensar na esfera terrestre para, assim, impulsionar a elevação da humanidade. Concorro para o despertar de irmãos viajantes, descobridores do descortinar da própria alma. 'Tonifique, por mais uma vez, o coração mental de cada espírito, abastecendo-o de esperanças, amor, determinismo, vontade e humildade. Assim sendo, tal qual 'Tu, amado grande mestre, que nossos canais estejam sempre vibrando no real sentido da vida'".

Após esta oração, me permiti a reflexão e, em silêncio, permanecemos na esperança de um mundo íntimo trabalhado na esfera da paz.

A alimentação de bordo

Estamos todos atados uns aos outros, e nos mesmos movimentos do vai e vem da embarcação. Ao despertar, nossa rotineira refeição era um caldo quente e grosso. Não sei até hoje, pelos meus registros, explicar o que era aquele grude, nem salgado, nem doce e às vezes azedo. Quão dolorosa era aquela porção para todos nós!

Lembrava que todas as manhãs, em Zambe, nossa primeira refeição era um mingau de farinha mais grossa de mandioca, feita com alguns pedaços de carne; isso, sim, era alimento salutar. Aquecia nossos estômagos, nos dando a satisfação de agradecer aos deuses. E devo confessar que começava o dia, na embarcação, odiando os deuses.

Perguntas repetitivas assolavam minha mente: o que os deuses queriam de mim? Por que os deuses não me ampararam? Por que eu, o escolhido como futuro curandeiro, havia sido traído pelas forças maiores? Mal sabia que até aos brancos eu seria chamado a servir com os conhecimentos adquiridos.

Há uma colocação no vosso meio de real padrão: o que se adquiriu não se perde, e é assim mesmo. As minhas conquistas, mesmo que bloqueadas, foram de grande valia ainda nessa encarnação.

e começávamos a marear. O vai e vem se realizava no nosso organismo, as ondas começavam a fazer parte do nosso corpo, com aquela pasta compacta a subir e a descer tal qual concreto endurecido, causando-nos enjoo e o famoso vômito, até não sermos capazes de manter a massa na caçamba chamada de estômago, devolvendo-a, assim, ao fundo do barco. Era nosso contínuo martírio.

Assim percorríamos a parte da manhã. No mear do dia, eram ofertadas a nós mandiocas, até podres, grosseiramente cozidas que, com pouco sabor, nos faziam sentir o apodrecer de nossa alma.

Mas como negro, na concepção dos homens, não trazia alma, não lhes importava como seria o processo alimentício.

À noite ofertavam-nos uma pasta de arroz bem triturado, para se tornar em maior proporção.

Às vezes eu não comia, pois, apesar de ser eleito o curandeiro, tinha o estômago fraco. Falo assim porque os curandeiros trazem em si a fortaleza de suportar qualquer tipo de alimentação, pois eles sempre são os primeiros na tribo a provar qualquer alimento nunca antes degustado pelo grupo.

Mas eu, provavelmente, precisaria de um auxiliar para me ajudar nesse processo, ou então não seria curandeiro com real posição.

Procurava, pela meditação, abastecer-me pela emanção dos deuses. Sentia saudade das minhas pajelanças, que eram feitas com ervas nativas que despontavam da própria natureza. Sem nenhum auxílio do homem, elas surgiam da entranha da terra, no tempo certo, para curar a dor surgida no terreno.

Hoje, o homem embrutecido não aquiesce do potencial à sua volta, que o Pai Maior oferta aos filhos, e se aprisiona nas químicas produzidas em laboratórios preparadas mais para produzir o ouro amoedado.

Não quero dizer que as químicas não sejam necessárias ao homem. Sim, elas são, pois o Pai Maior permitiu que o homem viesse a formular remédios em laboratórios apropriados para guarnecer a vida. Faz-se necessária a intervenção de medicamentos que somente os médicos são capacitados a receitar. Mas eles próprios, os médicos, não se permitem alargar os conhecimentos e utilizar os remédios que

antigamente as vovós usavam com tamanha sapiência, pois eram passados de mãe para filha.

O Brasil é uma terra abençoada pelo saudável terreno que lhe provém. Chegará o dia em que o homem saberá respeitar a mãe natureza, e voltar-se-á para a verdadeira preservação.

Como era agradável penetrar no mundo do imaginário, ou mais real. Não sei bem diferenciar para vocês o que era sentir a brisa mais suave, ver o rio mais límpido, ouvir o canto dos pássaros mais aguçados vibrar na mata, dançar junto ao fogo e ver tal como eram fumaças, ora alvas e prateadas, ora negras e revolucionárias. Contentava-me apenas em sonhar.

O homem sonha, planeja, realiza, constrói, e nas construções modifica o curso natural da vida. Foi o que aconteceu comigo. Por várias vezes, julguei ter sido capturado por não ter tido o devido cuidado de vigiar. Bem, mas isso não vem ao caso.

Hoje sei que o Mestre Jesus nos ensina a orar e vigiar nossos pensamentos. Para não me tornar uma presa fácil dos meus pensamentos, busco o consolo nas Suas palavras, das quais vim tomar consciência maior só depois do meu desenlace.

Tínhamos a fé, a nossa fé, que aos olhos do Criador não é diferente para nenhum filho. Mas os espíritos, quando estão em processo encarnatório, esquecem-se do real compromisso com a própria encarnação e se julgam deuses a comandar o próprio caminho, e se entregam ao tempo perdido, abolindo do caminho o maior DEUS.

E o maior alimento que os corpos podem registrar é o alimento do Pai. Eu não tinha dentro de mim esta grande ciência, e queimei o tempo sagrado a mim confiado.

Descobrimo a liberdade

Às vezes, fico a olhar, pela fresta, a estrela maior. Lembro que em Zambe meu pai assim a batizara, para denominar a estrela de luz maior. Parecia que ela me perseguia, como que a dizer: "eu, seu pai, estou ainda te acompanhando". Meu pai, homem bruto e forte, que foi por várias vezes capaz de se defrontar com leões imensos, lutou com jacarés e derrubou enormes árvores para limpar o espaço tão necessário.

Na calma do balançar da embarcação, sentia-me como em uma enorme rede afagado pela ternura de minha esposa. Nesse momento, deixei-me envolver nos meus pensamentos, ultrapassar as barreiras da dor e me banhar na bela forma de Zambe, na minha taba, a espreguiçar no meu enorme pano tecido com as grosseiras cordas que as árvores favoreciam, e que, por meio de uma perfeita estrutura, tornavam-se tecido justo para ao leito se poder deliciar o prazer do repouso do corpo, cansado pela saudável luta do dia.

Transportei-me para perto da estrela maior e cheguei a sentir a essência de minha flor. Se nós estivéssemos mais desprendidos, poderíamos sentir o odor natural dos corpos, que é sagrado e que, por lei, faz os filhos se diferenciar.

Mas o homem, com seu acultramento, buscou as belas formas de essência que a natureza também oferta e transformou-as em fragrância embriagadora, bloqueando o poder do faro natural.

Bem, vamos um pouco mais além. Como é de ordem natural, a própria natureza emite sons, produz aromas e tinge com belas cores a grande organização do Pai. Por que, então, nós, a obra dita mais perfeita, por sermos racionais, nos permitimos ser

tingidos de sangue buscando o odor apodrecido de sangue maltrabalhado?

Ah se nós, quando em aprimoramento aqui no planeta Terra, tivéssemos um pouco mais de discernimento, trabalharíamos para buscar a encarnação completista. Mas ainda somos filhos rebeldes, nos deixando envolver em processos danificados, e nos tornamos obsoletos para nós mesmos. Temos de passar pelo processo do desprocessar para, depois, começar a processar todo o proceder de novo. E o eterno vai e vem.

Voltemos à embarcação. Estava eu registrando a calma do mar e, sob esse torpor de emoção assim represada, pude me aprofundar em belíssimas meditações e ver no céu belas formas a riscar a imensidão.

A cada rastro de luz que deslizava no firmamento, eu também, como que a brincar com os deuses, me punha a bailar, me posicionando como um daqueles grandes riscos, e permitia me tornar imenso, a deslizar na palma da mão de meu Xangô.

Momento de libertação do processo no qual eu me posicionei quando fui capturado, pois comecei apenas a viver, não me importando se chovia ou se o dia se apresentava ensolarado.

Hoje, às vezes, nos transportamos para uma dessas gaiolas que os homens, por capricho, buscaram ter para fazer prisioneiros animais; e eles mesmos serem, assim, objetos de posse.

É como se ainda fôssemos senhores com seus escravos, escravos esses coibidos a somente embelezar o que o coração está impossibilitado de registrar, que são as vibrações de desconforto, pois, se um pássaro tem asas e pelo dom de Deus elas foram feitas para voar, por que o homem bloqueia esse belíssimo proceder?

O homem experiente contradiz o proceder porque diz que está em busca do voo da libertação, mas não percebe que ele próprio impede esse voo.

A partir desse momento, comecei a reconhecer que a liberdade está realmente dentro de cada um e, então, decidi me sentir livre. Não me envolvia mais no sentimento de amargura, e comecei a admirar aqueles homens-lobos. Lobos porque traziam a bravura e o determinismo desse animal, os olhos vermelhos assim se apresentavam sempre quando era necessário tomar decisões.

Apesar da brutalidade, eram homens de fibra buscando seu ideal. Pena que o ideal deles não era o meu. Traçavam, rabisavam e analisavam para buscar outra vez a rota, então eram homens inteligentes, pois, por um conjunto de estrelas e uma bússola ainda rústica, eles, os incansáveis homens, desbravaram horizontes e atingiram a evolução. Pena que o custo dessa evolução ainda repercute nos corações que, sedentos de justiça, conclamam o reajuste. Por isso Jesus nos ensinou que deveríamos perdoar setenta vezes sete. Dádiva ofertada pelo Pai Maior e que ainda não sabemos vivificar com sabedoria. Perdemos oportunidades grandiosas, que são dividir, compartilhar e aprimorar cada momento.

Pude ver, nesse dia de paz momentânea, que eles também utilizavam o firmamento, o nascer e o pôr do sol. Permanecemos na proa até o anoitecer, e vi que eles gesticulavam mostrando as estrelas e apontavam para a minha estrela maior, aquela à qual meu pai havia ofertado o nome, e me lembrei de meu pai mais uma vez.

A partir daquele dia, um dos cativos teria a incumbência de nos ajudar com algumas palavras, como por exemplo: "Sim Sinhô; Sim Sinhazinha", e assim por diante. Seria a maneira de nos dirigir aos nossos senhores.

Em um desses momentos de prática, percebi uma marca no corpo do companheiro que estava exercitando as frases conosco, e ousei tocá-la. Vi que algo dolorido havia se passado com aquele irmão, e senti medo, pois provavelmente eu também passaria por aquele processo, e perguntei a ele o que era aquela marca.

Com objetividade, ele me respondeu que era a marca do seu dono, e que em breve eu também receberia a minha. Essa marca era feita com ferro quente, tal qual se faz com o animal para deixar registrado quem é o dono. Então cada dono marcava seu grupo de escravos como se marca o gado, para que não houvesse perda.

Homens brancos fazendo de homens negros registros de seres sem alma.

Em razão da tormenta já relatada e de termos ficado à deriva nas águas, a grande embarcação foi paralisada no meio do grande mar. Ficamos assim por alguns dias, e com essa paralisação pudemos, os escravos, respirar a liberdade na proa.

No primeiro contato com o sol, ele e eu nos tornamos virgens. Vocês não podem imaginar o que é ficar recluso sem poder ver o sol e o céu na sua totalidade. Assim como a expulsão do bebê, o choro que ele emite, eu também registrei. Era como se estivesse renascendo, com o domínio maternal. Comecei a registrar sons antes nunca registrados e pude agradecer à mãe das águas por provocar tamanha desordem no tempo. Talvez, se não tivesse ocorrido a tempestade, eu não teria percebido o dom mais perfeito do Pai, por meio das águas.

Tivemos a felicidade de ser cortejados por um cardume belíssimo. Naquele momento, eu queria fazer parte daquele imenso cardume e me banhar, tal como eles, nas águas do Pai.

Retornei ao real estar, e comecei a observar com mais cautela todos os movimentos dentro da embarcação. Os homens

estavam em grande movimento para organizar o serviço que teria de ser executado. Todos, sem exceção, seriam solicitados a contribuir para os reparos, e eu fiquei na turma que iria reparar as velas. Gomo havia relatado, a tempestade fez estragos.

Foi o mesmo que abrir o portal da minha mente, e me vi na minha querida África.

Nesse período, a África era pouco desenvolvida, éramos muito puros, pois nos contentávamos com o que a natureza nos ofertava. Alguns espaços eram em grande proporção arborizados e outros totalmente sem vegetação, o que nos fazia perdê-los de vista.

Tínhamos comunicação precária com outras tribos, que era realizada por intermédio de mensageiros, que corriam de um local ao outro levando as devidas informações.

A minha tribo não era grande, pois nos reservávamos a tradição de não nos deixar misturar com outras culturas. Na África, cada tribo trazia e traz sua cultura dos antepassados, e isso deve ser respeitado, pois é a história, e assim deveria ter continuado, até que o homem de pele não tingida veio, sem pedir licença, e roubou nossa liberdade.

Ainda registramos, com grande tristeza, o que o racismo faz com os companheiros que estão aprisionados no contexto do Deus de tez alva. Que Pai é esse que seleciona os filhos, se somos cópia da perfeição? Vemos grandes homens, os mesmos que alardeiam e conclamam ao mundo o proceder da igualdade, também excluïrem o homem pardo, amarelo, negro e outros que, pela miscigenação, venha a raça assim ocasionar as mudanças necessárias.

E de lei. Flabitarás o reino que te convenhas, mas é também de lei que farás o que de melhor lhe aprouver. Não é assim a lei maior? Então cada um busca a prisão por meio de suas ações.

O preconceito é registrado em vários aspectos que o homem nem mesmo vislumbra nesse parecer.

África, o espaço ainda castigado pela estrutura geográfica, traz até hoje contexto bem precário em algumas áreas, mas o desenvolvimento de cada país depende da permissão do Pai para o comando maior acionar esse proceder.

Existe todo um planejamento do mundo astral, onde os construtores executam o comando de ordens superiores e os filhos obedientes trabalham no comando correto das leis, para não danificarem os comandos do Pai. Inspiram os homens de boa vontade, e esses encontram grandes dificuldades para realizar as inspirações, pois encontram no caminho companheiros que trabalham na corrente contrária, como que impedindo o trabalho a ser realizado.

Mas como todo o trabalho do Construtor tem de ser realizado, de uma maneira ou de outra ele alcança o apogeu.

11

Os preconceitos

Nossa alimentação era à base de papa e carnes de animais, como já relatei. Devido à influência dos espaços geográficos, fica no mental dos homens o vibrar das ondas regionais, e minha querida África vibrava naquele contexto de precariedade, mas que não nos perturbava, pois era a realidade que conhecíamos. Não se deseja o que não se conhece, não é!

Dei uma pausa em minhas lembranças para escutar e aprender mais sobre o proceder da vibração da vida, e fui ter com Neil. Encontrei meu querido Neil a trabalhar. Nossos guias espirituais jamais param de elaborar na senda da divindade. E Neil estava em companhia de um grupo que iria alcançar a

esfera adensada, o plano Terra. Quando ele me viu, perguntou-me:

- Pedro, querido irmão, gostaria de fazer esta tarefa junto conosco, pois hoje Carlos está ocupado com os arquivos e não poderá nos acompanhar?

Logo me coloquei à disposição.

- O que iremos fazer?

- Pedro, nossa tarefa é um pouco árdua, pois teremos de inspirar dois dirigentes de uma casa espírita, alojada no interior de Minas Gerais, a abraçar um companheiro médium de grande vulto, mas os dirigentes estão pondo em questionamento a escolaridade, o trabalho e sua tez, por se tratar de um irmão negro. -Ah! sim...

- Mas por que me procurou?

- Queria que você me esclarecesse mais sobre a vida.

- Olha, Pedro, a providência divina é perfeita, não acha? Você questionando sobre a vida e o convite chegando a você. Terás a oportunidade de acompanhar de perto o processo da vida conosco. Vamos!

A caravana era composta de vinte companheiros, contando comigo. Chegamos ao centro por volta das nove horas da manhã de domingo. O presidente, o vice-presidente e alguns dirigentes da comunidade espírita estavam se preparando. O presidente da casa começou com uma belíssima oração, que eu irei repassar, pois a oração me tocou profundamente.

"Que o Mestre Jesus seja o nosso mediano neste momento de vulto doutrinário, pois cabe a nós, que temos a direção, conduzir os companheiros no exercício da mediunidade, e necessitamos da intervenção do alto para concedermos os benefícios corretos neste intercâmbio de luz.

Sendo assim, com a proteção divina, colocamo-nos a serviço do bem. "

Fiquei transbordado de luz, pois o ambiente estava cheio de luminosidade. Mas havia um companheiro, no meio dos dirigentes, que estava altamente irritado com a situação e não se permitiu sentir os eflúvios do benefício da oração.

Começou o presidente, que chamaremos de Jacques, para não constranger nenhum companheiro. Isso se faz necessário porque trabalhamos por amor e só queremos construir o bem, e quando nos foi permitido trazer este caso aos queridos leitores, é como alimento de boa conduta que o espiritismo assim trata.

Vamos ao diálogo:

- Queridos companheiros, estamos aqui para tratar do assunto referente ao nosso médium que vem despontando como um grande colaborador da nossa instituição, que vem solicitar aprimoramento para exercitar o receituário. Como presidente do nosso núcleo, venho colocar a todos vocês todas as ponderações que a mim chegaram para, juntos, decidirmos o que fazer. Mas, antes de continuar, tornarei a colocar o meu parecer, que é de conhecimento de todos, e quero deixar bem claro que não mudarei o meu pensamento.

O nosso companheiro Joaquim traz, nesta encarnação, condições para o trabalho ativo, e trago em meu íntimo grande expectativa para o aprimoramento do mesmo.

Neste momento, nosso companheiro Max, que já estava enfurecido, tornou-se opaco, perdeu por completo o envolvimento com o grupo, rompeu para ele o cordão energético que circundava a equipe, mas o alimento que vibrava no cotação dos outros companheiros fortaleceu-se outra vez, não deixando a corrente se partir.

Fiquei maravilhado e me virei para Neil, que percebeu, e logo falou:

-Agora não irei te responder nada. Continue a vibrar, pois do mesmo jeito que eles estão neste cordão de isolamento, nós

também ficamos em outro cordão de isolamento, no qual se faz necessário o alimento contínuo da fé.

Pude ver que o irritado Ficou perdido no devaneio dos pensamentos, não fazendo mais parte do grupo energético. O corpo estava presente, mas a mente maquinando estratégias de como iria tirar Joaquim do convívio do grupo.

Jacques começou a enumerar as questões:

- Foi colocado que o companheiro não tem escolaridade suficiente para o exercício do receituário; é um trabalhador que tem como emprego recolher o lixo da fábrica central do nosso município, então não traria credibilidade para o nosso núcleo; ficou viúvo e, logo após, casou-se com uma jovem bem mais nova que ele, e alega que só queria outra esposa para cuidar dos sete filhos; três noites ele dobra como vigilante da fábrica, restando, assim, só duas noites livres para o exercício da psicografia.

Bem, aos meus olhos, não vejo nenhum desses itens interferir no trabalho do nosso médium, mas o que mais me surpreendeu foi a colocação de um companheiro aqui presente, que não irei relatar o nome por respeito a ele.

Este companheiro alegou que a cor não era de bom tamanho, pois estaríamos expondo nosso centro, uma vez que a alta sociedade nos visita sempre trazendo donativos de vulto. Fiquei extremamente chateado com esse patecer, pois foge completamente dos passos do Mestre Jesus.

Após esta fala, iniciou-se uma desarmonia no ambiente, e o próprio Jacques pediu aos companheiros para se refazerem, dando-lhes alguns minutos de silêncio para analisarem a situação.

Após alguns minutos, quando Jacques percebeu que os corações já ganhavam a quietude, continuou a falar.

- Gostaria de lembrá-los que nosso candidato à psicografia estará sendo amparado por nós o tempo todo, com

supervisões contínuas das orientações que concorrem por intermédio dele.

Nesse momento, nosso companheiro que se colocava em postura de irritabilidade pediu a palavra.

- Quero registrar minha insatisfação diante deste processo, e sei que nosso companheiro Gladson, apesar de não estar presente, é também contrário à permanência de Joaquim no nosso centro.

Se para vocês não são importantes todas essas ponderações aqui colocadas, devo lembrá-los que nosso núcleo é um centro de respeito e merece continuar a ser.

- Querido companheiro, sabemos do seu passado e das desavenças que lhe correm a alma - falou Jacques com ternura de pai -, mas temos também a consciência de que jamais nosso querido Joaquim estaria pondo nosso centro contra os princípios doutrinários ou familiares. Pelo contrário, ele tem demonstrado grande empenho em manter os filhos unidos e o lar munido de sobrevivência.

Se o ontem te atormenta, faz-se necessário o perdão imediato de sua parte. Vemos as interferências das forças negativas invadir, cada vez mais, os núcleos de amor.

Não devemos nos deixar arrastar nesta corrente de desunião que está tomando conta dos núcleos que carregam nosso Jesus como bandeira de trabalho e amor.

- Mas, desde o início, não fui com a cara desse tal de Joaquim. Nem nome ele traz para um médium. Não tem porte de médium, não tem nome de médium, não tem cor de médium.

- Agora basta desta conversa, não posso admitir tal disparate. Preconceito no nosso meio é voltar atrás e se permitir ficar preso às amarras do passado. Está na hora de limpar nossos sentidos, que estão conturbados.

Eu observava Neil empenhado, fortalecendo o núcleo central do cérebro do dirigente, tonificando-o com eflúvios de paz e segurança.

Acorrente magnética que os vigilantes companheiros emanavam para os componentes do centro era belíssima de presenciar. Gotas de luz invadiam o ponto central, impedindo que forças externas se apoderassem do processo, mas nosso irmão que vibrava na discórdia não conseguia fixar o eixo central na paz, ficando volátil nas próprias interferências.

Jacques, buscando alimentar de bom ânimo todos os companheiros, para oportunizar a Joaquim o trabalho na senda do amor, desdobrava-se em prece íntima, armazenando forças para as futuras investidas.

Mais irritado se apresentava o querido irmão, desequilibrando os vacilantes, conseguindo, assim, contaminar os companheiros com a força negativa.

E mais dois companheiros passaram a se sentir desarmônicos com o processo. Percebendo o desalinho de alguns companheiros, Jacques, com prudência, falou:

- Queridos companheiros, percebo que o ânimo de alguns preciosos amigos está se tornando um pouco desconfortado. Interromperemos a reunião por uma semana e depois voltaremos a este assunto de interesse coletivo.

E ele mesmo encerrou com outra belíssima prece:

"Pai de bondade infinita, favoreça nossos sentidos com o alargamento de nossa compreensão do sentido real de um centro espírita.

Permita-nos atingir a simplicidade, limpando da nossa alma o egocentrismo, que aniquila a humanidade, e a nós mesmos.

Amplie nosso coração para a verdade do Cristo Jesus, que exemplificou o amor incondicional na abertura do acolhimento maior.

Derrame sobre nossos sentidos a pureza de Maria, mulher concebida de ternura e paz.

Afaste-nos das intempéries que nós mesmos provocamos, e não nos deixe cair na trama da inconsciência coletiva.

Alimente nosso íntimo com benefícios de Francisco de Assis, que amou a todos sem distinção.

E não permita ao nosso núcleo a invasão do preconceito de nenhuma ordem.

Que assim seja!

Em silêncio e cabisbaixos, saíram todos refletindo na prece de teor elevadíssimo que nosso Jacques verbalizou. Jacques ficou sentado esperando até que o último se ausentasse do centro, e chorou.

Chorou pelos irmãos, chorou por Joaquim, chorou por si mesmo. Neil ficou ali a sustentá-lo, fortificando-o para seguir a jornada.

Aproximou-se bem perto dele e falou:

- Querido filho, os espinhos que hoje te perturbam são a paz do porvir. Não se enfraqueça, porque as trevas não abandonam o posto, esperando uma pequena brecha para preencher o espaço cedido. Mantenha-se em prece do coração e caminhe, você não está só.

Após essas palavras, até eu me senti mais confortável diante da situação.

Voltamos na expectativa do retorno e na rogativa ao pai para o alimento correto para todos os companheiros.

Durante o tempo decorrido de uma semana no período da Terra, retornamos ao núcleo para o auxílio necessário. Francisco permaneceu no centro, inspirando todos os companheiros ao bem, e na abertura da reunião ele se aproximou do nosso querido Jacques e o inspirou na belíssima prece:

"Que a paz do Grande Mestre esteja em nossos corações, nos banhando em luz. Venhamos ceder nosso espaço mental para o trabalho de amor que nos sustenta, pois sem os eflúvios dos nossos queridos amigos de luz não somos capazes de discernir com clareza os nossos atos. Que, apesar do nosso livre-arbítrio, não nos deixe ficar no imperialismo do nosso eu inferior. Que o alinhamento tão necessário com as forças superiores seja a canalização da paz neste ambiente. Que assim seja!"

- Bem, queridos companheiros, após esta semana de reflexão, gostaria de saber o que cada um concluiu. Podemos começar por nosso companheiro Max e, depois, o companheiro Gladson, aqui presente hoje, e depois os demais. A palavra é toda sua, Max.

- Não compreendi bem por que se fez necessário uma semana para tal reflexão. O meu parecer, como é de conhecimento do núcleo, é de que Joaquim não traz, nesta encarnação, nenhuma aptidão para o exercício mediúnic, ficando claro para todos nós que ele não pode ser receitista.

Neste momento, Claudius pediu a palavra:

- Querido companheiro, não consigo compreender por que tamanha desordem no seu coração em relação ao nosso companheiro Joaquim. Eu tenho seguido os passos dele, pois sou o dirigente da reunião de terça, à qual ele pertence, e não

vejo nenhuma agravante nas comunicações dele. Quero colocar, também, que não me afastarei dele, e que ele está sob minha total responsabilidade.

-Apesar de todo esse amparo que vejo de sua parte e da parte do presidente Jacques, gostaria de lhes dizer que a preferência, ou melhor dizendo, que seu protegido não tem melhor posição que ninguém aqui.

Para nós, do plano sutil, era notória a interferência dos irmãos desordeiros, trabalhando incansavelmente para desestruturar o núcleo. E o foco era nosso querido irmão Max. Ele trazia o orgulho aflorado por ser médium receitista e controlador da casa por intermédio do seu mentor, e temia perder o comando. E Jacques falou:

-Vamos relembrar a passagem de Jesus, quando falou aos companheiros discípulos sobre o bom samaritano. Será que seremos bons samaritanos acolhendo ou faremos o papel dos inquisidores, que, por medo de perder o comando, mandavam matar os irmãos? Sabe, Max, existem várias maneiras de acabar com os companheiros, e a meus olhos esta seria uma delas. Joaquim é um excelente companheiro colaborador de todas as horas, assim não vejo justificativa alguma para afastarmos quem trabalha com tanto amor.

Mas só a minha opinião, a do Claudius e a sua, perante o grupo, não significam a decisão, como falei. Quero escutar nosso querido companheiro Gladson. O que você pensa sobre tudo isso?

- Bem, Jacques, estou entre a cruz e a espada, pois concordo em parte com o Max na questão da vida particular do nosso companheiro. Quando a esposa estava acamada, ele já trazia o conhecimento de que ela logo partiria para outras esferas de nosso Pai Maior, e trouxe para dentro do lar sua atual companheira, que nada mais é que a prima da desencarnada. Neste momento, Claudius interveio na conversa e

falou:

Como todos sabem, acompanho o desenrolar da vida de nosso companheiro Joaquim, e posso lhes assegurar que Madalena, a primeira esposa, quando acamada, pediu ao próprio Joaquim que fosse buscar em Belo Horizonte a sua prima Mércia para ajudar com os filhos. Já no fim de sua vida, ela mesma pediu à prima que não se afastasse dos meninos, temendo que o esposo ficasse sozinho ou casasse com uma mulher que não acolhesse seus filhos com amor. Mércia imediatamente concordou com isso. "Não devemos julgar", - essas não são as palavras de Jesus? Tomemos conta de nossa vida e auxiliemos os necessitados. Hoje Joaquim é o nosso necessitado de amor, temos de acolhê-lo com todo carinho e amor.

- Bem, somos cinco companheiros aqui, eu (Jacques), Max, Gladson, Claudius e Brito e, por enquanto, estamos num embate de ideias. E você, Brito, será aquele que vai dar o voto de minerva. O que tem a dizer?

- Bem, queridos companheiros, entristece-me muito saber que numa casa espírita companheiros ficam vasculhando a vida dos colaboradores no intuito de denegri-los. Como podemos nos dizer espíritas, se o próprio Kardec nos orientou que esta é uma doutrina de amor, que ele próprio estaria iniciando a obra, e que caberia a nós continuá-la!

Que obra é esta que afugenta os companheiros? As religiões vieram para auxiliar, fazer os irmãos crescer, e o que estou presenciando aqui é um orgulho exacerbado, aquele que aniquila qualquer grupo.

Creio que se faz hora de nos recolher em oração e pedir o auxílio do alto, pois trago a certeza de que os bons espíritos nos ajudarão, nos fortalecendo para o trabalho vindouro. Quanto a nosso Joaquim, pedirei permissão ao presidente, Jacques, para auxiliar o Claudius no acompanhamento dos trabalhos que ele realizará. Tenho certeza de que ele será um

excelente psicógrafo, pois as orações que ele transmite são de teor elevadíssimo, demonstrando que os bons espíritos o acompanham.

Neste momento, Max, enfurecido, deu um soco na mesa e falou:

- Não faço mais parte deste grupo, e o que puder fazer para denegrir a imagem do mesmo farei.

Claudius falou:

- Agora basta! Não queria expor aos companheiros o que tenho observado de sua parte, mas irei colocar. Você tem apresentado um distúrbio. Estou a par de suas visitas-surpresa ao lar de Joaquim e de suas tentativas de sedução da Mércia, que tem sido uma esposa fiel e uma mãe extremada. Peço-lhe que venha a solicitar tratamento espiritual e clínico com os médicos do nosso plano. Assim ficará mais fácil para você vencer este processo.

Neste momento, Max foi acometido de um choro descontrolado, perdendo até o foco do seu desatino.

Jacques, como um pai, aproximou-se dele e falou com ternura:

- Querido Max, vejo que teu coração encontrou o distúrbio, e que qualquer um de nós poderia ser visitado por essa enfermidade. Cabe a você acolher o tratamento em ambos os planos e continuar os trabalhos nesta casa que o acolheu. Quando seus pais completaram a encarnação, sabemos que foi uma etapa dolorosa, que você venceu com muita dor. Concordo, pois, que o desencarne deles no acidente de carro, deixando-o muito novo sem o suposto amparo, o fez se sentir desprotegido, e hoje busca em Mércia a mãe que lhe falta no lar. Vamos tratar, companheiro, pois, como você pode ver, estamos sempre amparados pela luz divina, não é?

Max somente acenou com a cabeça, concordando com as sábias palavras do presidente do núcleo.

Jacques completou:

- Daqui para a frente, trabalharemos para que a discriminação, o orgulho, a inveja e as desavenças não venham fazer parte do nosso meio. Concordo com o auxílio pedido por nosso companheiro Brito em favor de Joaquim. Dou por encerrada a reunião, agradecendo aos bons espíritos que aqui estão a nos beneficiar com os raios fecundos de amor. Que estejamos sempre aptos aos comandos do alto!

"Mestre amado Jesus, reconheço em Ti a providência maior, sei que sem o Teu auxílio não seríamos capazes de solucionar nossas demandas. Aos bons espíritos somente podemos rogar ao Pai Maior a luz eterna. E aos companheiros encarnados, o meu muito obrigado pela partilha.

Que assim seja!"

Após este momento, todos os membros do núcleo se recolheram para seus lares com o sentimento mais aliviado. Da minha parte, muitas perguntas pairavam na mente. Observei que todos os companheiros ainda estavam em prece profunda, e fiquei a contemplar a luz que cada um emitia do próprio ser. Extasiado, roguei ao Pai Maior para chegar à mesma condição dos companheiros um dia.

Passados alguns minutos, Neil falou:

- Queridos companheiros, que esta paz que exala do halo fecundo do Cristo Jesus esteja no reflexo de nossa energia, nos tonificando de bom ânimo. Agradecemos o auxílio contínuo dos nossos superiores para as tarefas realizadas. Que retornemos a nossa esfera com o dever concluído, mas na certeza de que esta foi somente uma etapa vencida, e que nossos irmãos estarão sempre precisando da nossa intervenção, pois aqueles que se propõem a servir ao Pai

sempre serão visitados pelas trevas íntimas, e cabe a nós auxiliá-los incansavelmente.

Fitando os olhos negros nos meus, falou com doçura de pai:

- O que o perturba, Pedro?

- Bem, como pode o homem atual, com um desenvolvimento intelectual aprimorado, ainda se deixar aprisionar por preconceito, orgulho, egoísmo e outras demandas que o condicionam no teor terreno?

- Querido Pedro, a evolução pede um trabalho íntimo incansável. O homem-espírito se embriaga com o poder que lhe é oferecido e se intoxica com as próprias atitudes. Faz-se necessária a limpeza íntima para o acolhimento do Evangelho. O que nos chama mais a atenção é que companheiros que incansavelmente buscam doutrinar corações ainda não doutrinaram o próprio coração. Mas, como é de lei, "cada um responderá segundo suas obras".

Após este momento, silenciámos e retornamos ao nosso núcleo.

13

Preparativos para a chegada

Retornando às batidas ensurdecedoras daquele tambor, que fazia o compasso registrado para marcar a marcha certa de um pulsar que envolvia, nos momentos emocionais aqueles que, como eu em outras vidas, já haviam experimentado o compasso de um tambor. Como médium que sou, naquele momento eu recebia as vibrações dos irmãos desencarnados que já haviam passado por essa rota tempos atrás. Nas

vibrações, voltei na sensação da minha encarnação na Mesopotâmia, cujo senhor teria de também servir, e no compasso do tambor ficaram impregnados na minha alma os registros marcados.

E eu vivia em duplo movimento, dos desencarnados e dos encarnados que já se encontravam no quilombo: o quilombo mental. Quão doloroso era esse compasso, pois as correntes não facilitavam o movimentar. As vezes ficava a pensar por que nós, os negros, precisávamos ficar presos às correntes, se já éramos prisioneiros? O que é aprisionar o próximo? E assim ficamos horas nas mesmas batidas, aprisionando e sendo aprisionado, pois o espírito em busca da libertação ainda traz consigo a necessidade de revidar as ações impensadas dos companheiros de jornada. Se buscarmos nas elucidações de Jesus, encontraremos um homem de elevada conduta, porque em seu maior martírio foi capaz de dizer: "Pai, perdoai-os, pois eles não sabem o que fazem"¹.

Quantas dores íntimas eu registrei nesse espaço sujo e sem conforto, regido por um tambor! Quantos companheiros ainda estão vinculados a esse processo dos tambores do ódio, revolta e falta de habilitação para se libertarem das opressões em que se deixaram ficar afixados?

Após minha partida, fiquei registrando o som que me acompanhou a existência. O próprio tambor que louvava meus deuses me fazia chorar de dor.

O homem ainda não se permitiu parar, deixa-se levar pela força motriz do desenvolvimento do intelecto e se obstrui na rota que expande luz, que é a rota do Mestre Jesus.

Em determinado amanhecer de abril, estávamos em preparativos para a chegada, e tivemos a oportunidade de ser levados à proa novamente. Como estava lindo o dia, o céu espalhava a luminosidade do meu deus.

Tive, como já relatei, dificuldade para registrar os raios solares. Mas foi como um belo presente voltar a sentir na pele a beleza e a fortaleza desse deus maior, qual bola de fogo a queimar. Ao mesmo tempo refletir no azul mais límpido e belo que a natureza podia proporcionar das águas se mesclando com o firmamento. Nenhuma nuvem a brincar no céu veio se manifestar. Embriagado eu estava, e fui outra vez despertado pelos tambores.

A embarcação, por mais uma vez, foi paralisada. Gritos fortes de ordens concêntricas foram dados:

- Banho nos negros; esfregão nos negros; observem a boca dos negros; tirem as roupas e leve-os ao canto apropriado para serem asseados.

¹ Lucas XXII: 34.

No desenrolar dos movimentos, eu já não registrava tanta angústia, pois no dia em que fomos capturados, lá ficou nossa privacidade. Éramos mais de cem homens nus, enfileirados, expostos uns aos outros, dando vazão ao imaginário coletivo. Como em todos os tempos, o espírito e o reajuste encontram atropelos de ordem sexual. Ali também, no silêncio da noite, por vezes, o capitão mandava buscar os capturados que lhe haviam chamado mais a atenção e se servia dos prazeres da carne.

Após o asseio, roupas adequadas foram-nos ofertadas e correntes devidamente averiguadas, fazendo o movimento do som mais triste que pode um homem perceber.

Os corpos se movimentando e as correntes se arrastando davam-nos a impressão do espírito da morte a nos convidar a bailar na frieza humana.

Assim fomos devidamente preparados para a majestosa chegada. Sons maravilhosos de pássaros a galhar nos

mostrando o belo palco da vida que o Pai Maior oferta aos filhos, que é a liberdade.

Liberdade para seus ideais, para seu viver, para sua partilha e todas as liberdades de que pode um homem-espírito usufruir em seu contexto encarnatório.

Mas os homens se embriagam e escravizam para se apropriar da moeda, que falida estará no encontro íntimo dos testemunhos maiores.

Bem, retornemos às belas aves a formar movimentos espetaculares no céu, nos dando a certeza de terra à vista. Fomos alimentados, sendo que essa foi a primeira refeição ao ar livre. Sentados no chão da proa, por mais uma vez, chorei. Lembrei da minha liberdade, da minha esposa e do meu filho. Envolvi em minhas mãos uma cuia, da qual um caldo mais grosso pudemos sorver.

O meu corpo registrava aspereza, pelo teor do sal acumulado na minha pele. Como negro não queima? Os brancos não podiam mensurar a dor das queimaduras que nós registrávamos nas nossas dobras naturais.

Mas tudo passa, e eu tinha certeza de que também aquele inferno uma hora passaria. Cada dobra, como a virilha, que registrávamos a minar, era como um fogo incandescente a penetrar nossa alma.

Ficamos o dia em refazimento, pois seríamos apreciados por nossos convidados do cais. Quanta ironia nos movimentos ajustados pelos interesses próprios! O homem oculta de si mesmo os atos não bem coordenados, fantasiando para amenizar o seu eu inferior.

Tivemos oportunidade de beber água doce por três vezes nesse dia, pois antes estava restrita até a água de beber, mas nesse dia era necessário hidratar os negros.

No fim desse dia recebemos mais uma porção do caldo salutar, pois a energia do negro deveria estar estabilizada para não cambalear na descida do barco.

Foi dada a ordem ao imediato para que ele tomasse a pequena embarcação e chegasse ao cais primeiro. Avisaria à corte da nossa chegada triunfal, pois essa viagem tinha sido um marco de conquista. Havia muito uma viagem como essa não trazia tantos negros vivos.

14

A chegada

Após dois dias de paz, em plenitude de silêncio, pois o ensurdecedor barulho do tambor havia cessado, nossa alma recobrava o teor da paz.

Como é estranho o silêncio! Como ele nos traz o equilíbrio! E por não controlarmos nossa ansiedade, perdemos o equilíbrio natural que o Pai Maior nos oferta!

A poluição sonora que na atualidade vossos corações registram, os faz irmãos desgastados pela impressão desregrada das altas vibrações sonoras. O silêncio é o reencontro do homem com seu interior. E pela demanda do dia a dia o homem se permite estar em alta-tensão contínua, perdendo o fluxo da criação.

Jesus, em sua sabedoria, nos ensinou o ato do recolhimento pelo jejum da alma, que ainda traz algumas interpretações diferenciadas que o Cristo nos mostrou.

Ele, o Mestre dos Mestres, nos conduziu a meditar em busca da nossa essência, para que assim viéssemos a encontrar o despertar do caminho. Mas o que vemos são homens desperdiçando a jornada por causa do bezerro de ouro.

Retomada a marcha, esta de dor, em cada batida o tremor no meu coração. O medo, a angústia, a desilusão começaram a dominar meu ser, acomodando-se em minha mente e me levando a questões pesadas e obsessivas.

Momento esse, em termos grosseiros, "umbralinos", pois abri fendas emocionais e comecei a margear as tensões do desespero, pânico surdo, transpiração descontrolada, ressecamento nos lábios e no interior do meu ser um grande buraco, me fazendo rodopiar no infortúnio oculto.

Tentei buscar o equilíbrio, lembrando da minha terra natal, mas foi pior, pois voltei meses atrás e me vi sendo capturado. Busquei no íntimo os meus deuses, mas nem a eles eu alcei. Lágrimas ocultas, tornei-me mestre nelas, pois o temor das chibatadas era um processo grandioso.

Respirei profundamente e talvez, na minha ignorância, reagi como Francisco de Assis, e falei: "Estou pronto para o meu suplício".

"Terra à vista!"

Que palavras tristes para todos nós, os escravizados, e o grande contraste para os escravizadores, alegria total.

Bem, recuso até agora o vibrar dessas palavras, pois "terra à vista" tornou-se tão doloroso quanto registrar a queimadura do ferro a me marcar, que relatarei mais adiante.

O porto, a embarcação desacelerando, homens brancos felizes; negros tristes, homens brancos festejando, negros confinados.

Assim é a realidade dos momentos encarnatórios, às vezes se festeja, às vezes se confina.

Desembarquei no Rio de Janeiro, cidade progressista, homens e mulheres andando pelas ruas com trajes exóticos; negros como babás carregando grandes sombrinhas para proteger do sol os pobres de pele sensível. Os deuses abençoaram os negros e lhes deram a cobertura necessária para suportar o calor.

Nós, os negros, estávamos enfileirados, tal qual mercadorias a ser apreciadas. Em grande cordão humano, descemos a rampa que interligava a embarcação ao cais. Comecei a observar as vielas e o espaço geográfico no qual nos posicionávamos.

A incerteza nos levava a distúrbios drásticos, e eu passei horas nesses distúrbios.

Para entrar em distúrbio se leva uma fração de segundo, e para sair dele, às vezes, uma encarnação. Hoje, sentado na praça central de Sabara, no coreto, com meu querido companheiro Neil, posso compreender um pouco esses dois planos em que o próprio espírito se coloca.

Quando Jesus assim falou "Há várias moradas na casa de meu Pai"¹, Neil, com sua sabedoria, me explicou que essas são moradas que nós, pelo livre-arbítrio, escolhemos para estagiar. E numa única encarnação podemos ficar nos posicionando em várias moradas, depende do estado vibratório da nossa emoção. E eu, naquele momento no coreto, busquei ficat em alta vibração de amor e pude sentir a felicidade de estar bem.

Por isso Jesus alertou a todos nós que viéssemos a caminhar nas coisas de nosso Pai e utilizássemos o perdão. Mas o perdão do coração, porque o perdão de boca é o mesmo que somente ocultar a alma do Pai, tornando-nos prisioneiros de nós mesmos.

Quanto o homem necessita ainda se evangelizar para compreender que viver é servir a obra do Pai!

Dentro desse processo no qual o meu ser se encontrava, vomitei. Mas negro não pode vomitar, e levei mais 50 chibatadas pela falta de controle do organismo. Após a rotineira exibição das chibatadas, fomos levados a uma enorme gaiola, que assim denominei por se assemelhar ao espaço no qual colocávamos nossas presas em Zambe.

Aí pude perceber o que é temer. Nesse momento, um dos companheiros se revoltou e começou a tentar desorganizar nosso espaço. Ele queria, sim, provocar uma rebelião. Foi retirado do nosso meio e levado para o centro da praça. Como ficamos em espaço de aberturas visuais liberadas, nos foi dada a lição mais prolongada para negro desobediente.

Buscaram um ferro bem grande e, por detrás do negro, bateram com tal violência na altura do joelho direito, que ele quebrou a perna e foi ao chão de joelhos. O carrasco se

¹João XIV:2.

aproximou do homem e pisou-lhe com os dois pés na perna esquerda. Gritos de dor! E tomou-o de grande fúria, segurando-o pelos ombros. O pobre homem se encontrava desfalecido, mas as torturas continuaram. O negro, não sei se pelo destino escolhido ou por resgate, foi o primeiro a ser sacrificado em terra firme até o desenlace.

Buscaram outro ferro com pontas em brasas e fincaram nas costas do molambo, ainda vivo, por várias vezes. E nessa altura já estava desmaiado. Pegaram uma foice e deceparam o companheiro.

Não muito satisfeitos com a lição, levaram a cabeça até nossa jaula e nos mostraram. Como íamos permanecer naquele local por alguns dias, até que a expedição estivesse pronta para

partir, fincaram um pau no chão e colocaram a cabeça do companheiro no topo, na altura certa para os abutres perfurarem. Um espetáculo imperdível, não é?

Eu ficava voltando aos momentos fortes, e naquele exato tempo voltei ao momento da minha descida da embarcação. Bem, desci do meu estágio de dormência e despertei no meu umbral, porque, como homem de cor, a revolta assolava meu íntimo.

Poucos dias, poucos perante a minha existência, foram eternos no meu sentimento, e esta revolta perdurou por toda minha experiência no Brasil. Enfileirei a coluna dos intimamente desajustados.

Comecei a perceber uma voz que me ajudava e, durante meu processo de aprendizado no Brasil, ficou sempre a me inspirar. O meu mentor sussurrava: "Seja dócil, seja dócil para não sofrer".

Pisei em terra firme e tive a sensação árdua de experimentar a textura endurecida do solo brasileiríssimo, colonizadores nos faziam registrar muito além do nosso próprio processo.

Era como se eles, os donos do terreno, tivessem o poder de nos fazer sentir a dor por todo o corpo. Por termos ficado por meses no porão do navio, nossos pés se tornaram finos para a textura do solo. A canalização pelos pés, que se tornam a porta de entrada para nosso emocional, naquele momento era a grande tonicidade de angústia. Naquele momento, ficou fixada nossa eterna permanência no Brasil. Digo eterna porque alguns companheiros ainda estão aprisionados nesta embarcação da revolta íntima.

Em momento oportuno, relatarei o que é ficar preso nos espaços de tortura.

Bem, naquele instante, eu somente registrava a estupidez dos espíritos incorporados na tinta branca da cútis. Comecei, então, a reparar à minha volta, mas com a cabeça baixa, pois

fui instruído para que permanecêssemos dessa forma. Como tudo que nos dá conforto ou desconforto é experiência para que não venhamos a fazer ao próximo o que não queremos que façam conosco, convido você, querido irmão, a partilhar comigo deste processo que todos nós, escravos, registramos. Fique de pé, bem ereto, coloque somente sua cabeça a olhar os seus pés. Fique nesta posição por meia hora, para sentir a sensação de desmaio e de enjoo e tudo o mais que isso proporciona. Pois é, ficamos assim mais ou menos umas três horas, debaixo de um sol causticante.

Foi aí que percebi minha real posição de mero ser encarnado ressarcindo débitos de outrora. Vi passos de milhares de homens a nos observar, e me confundi com os encarnados e desencarnados que se mesclavam, fazendo grande tumulto na minha mente, e então vomitei.

15

Castigo ao fugitivo

Após o massacre, eu, Zumbaia, voltei ao encontro íntimo e recordei, durante o resto daquele dia doloroso e por toda a noite, de algumas guerrilhas nas nossas tribos. Comecei, nesse momento, a modificar meu pensamento. Não compreendia bem, mas passei a sentir pena de todos nós, os envolvidos nessa trama. Talvez meu registro de outras vidas começou a me convidar à reflexão do real estar em vida. E aquela sensação que todos sentimos quando temos de desenvolver o que já sabemos, e não sabemos por que temos este conhecimento, mas que tem de ser feito diferente, e que nós

mesmos temos de desenvolver esse movimento. Não é assim que ocorre com todos nós? Bem, os companheiros de Luz Maior hoje me explicam que são momentos que o Pai Maior permite a todos, para, assim, pôr em prática o que já conceberam.

Então assentei-me e busquei meditar sobre o que realmente somos e fazemos. Qual é a real proposta de vida? Recordei de minha amada Tuanã, dando direito ao meu filho de vir à vida. Nesse momento, após esse imenso conflito, entrei em confusão mental, respirei profundamente e comecei a buscar a organização necessária do meu íntimo.

Se eu estava ali naquela jaula, se não conseguia nadar de volta para Zambe para reencontrar meus laços de amor, o bom seria trabalhar tal como um servo sem resistência, talvez assim sofresse menos.

Lembrei de todas as vezes em que capturei um animal, e que este, por sua vez, permanecia tranquilo. Ele sofria menos, porque nós, os senhores, não o maltratávamos. Mas se fosse o contrário, partiríamos para a briga e levaríamos o pobre animal à morte, tal como estávamos presenciando. A cada movimento dos abutres perfurando o crânio do meu irmão de cor, era como se eles estivessem ali me alertando para ser pacífico.

Nas primeiras tentativas de perfuração do couro cabeludo, senti em mim mesmo o bater, tal como martelo na minha própria cabeça. A seguir, os irmãos podem imaginar o que os companheiros irmãos limpadores do espaço realizaram.

Bem, nesse momento, como relatei, em uma das guerrilhas, eu, Zumbaia, comandando, para que não viéssemos a perder o direito das nossas tabas, capturamos outros companheiros de solo nativo e os fizemos também escravos, torturamos e colocamos os corpos deles fincados em paus para oferenda aos deuses.

Aí, pergunto: "Não fazemos o mesmo?" Nesse momento, tornei a chorar e entrei em profunda oração para os deuses, por minha grande falta de compreensão.

Busquei observar os movimentos dos pobres soldados, ou melhor, os capitães do mato, a nos mostrar suas armas, e me vi também a mostrar minhas armas aos inimigos do tempo corrido.

Percebi quanto covarde e agressivo eu também me posicionava perante a vida. Se já havia aprendido a não falar, nesse momento de imensa dor me silencieei para o mundo.

Agora compreendo que é da lei buscar plantar flor para colher perfume, porque se plantamos revolta colhemos tempestade.

Eu começava a colher minha tempestade íntima. É como corroer a alma, tal como fogo que derrete o ouro para formatar as barras da prisão, nossas ações também fazem o tempo derreter e virar somente um grande lodo que de nada serve.

Eu servi ao meu senhor como verdadeiro servo. Consegui, com este processo, perdoar a todos e obtive, também, o perdão para meus atos impensados. Hoje oro por todos os que ainda estão presos nos quilombos íntimos.

Bem, após grande amargura, dei-me o direito de me sentar no fundo dessa jaula. Fui me arrastando, estávamos outra vez espremidos, tal como no porão do navio. O odor continuava, pois, como relatei, nossa privacidade havia terminado, pois homens sem alma, como éramos tratados, não precisavam de recolhimento para as necessidades íntimas. Então, já se tornava outra vez insustentável, misturando com o sangue pisado do pobre coitado que agora estava fincado para nos mostrar o que é autoridade. Tivemos de abolir, como já mencionei, a vergonha. E falando em abolir, vamos em frente que relatarei, também, a abolição. E será que ela existe?

No fundo da jaula onde eu me posicionava, podia ver as estrelas. A estrela maior lá estava a me mostrar, como sinaleira, que provavelmente papai estaria a me guardar. Parecia que os deuses a deixavam aparecer, por entre as nuvens, para acalentar meu coração.

Chorei no silêncio e, por várias vezes, utilizei-me desse processo de limpeza. Dos olhos brotavam as lágrimas das entranhas maltratadas.

Altas horas da noite, gritos, cachorros latindo e homens gritando: "Pega o negro fujão, pega este filho do demo".

Quando, de repente, gritos de dor, os cães de guarda o pegaram. O feroz cão, sem nenhum escrúpulo, pegou a mão direita do pobre coitado e cravou os dentes por várias vezes no punho do negro, perfurando o punho e, no perfurar, rasgando a pele, atingindo as veias e dilacerando sua mão.

A mão ficou pelos tendões dependurada. O negro foi ao chão semimorto. O capitão do mato terminou o serviço. Mas, antes de completá-lo, ele falou:

- Antes do término, vamos até a jaula levar o negro fujão para que todos aprendam, desde já, que a lei aqui é esta.

O companheiro foi arrastado, rastro de sangue pelo caminho, registro de morte.

Já sem vida, foi colocado diante dos nossos olhos. Mais um companheiro de cor tratado com um ser que não foi criado por Deus.

Com um chicote na mão, ele, o capitão do mato, começava a chicotear a mão do negro para, assim, com as chicotadas, fazer romper o tecido ainda preso. A cada chicotada, o corpo registrava uma contorção.

Permanecemos emudecidos assistindo ao massacre daquele homem. Foram mais de oitenta chibatadas, contadas no sabor das gargalhadas.

Fico imaginando a capacidade que trazemos de realizar em prol da grande ilusão que carregamos chamada "poder".

O companheiro semimorto foi erguido. O capitão levantou a cabeça do fujão e lhe mostrou sua própria mão e a lançou ao alto. Imediatamente, soltou os cachorros, e eles, como que compartilhando da chacina, atracaram-se para se apoderar daquela mão.

Olhei minhas mãos, as mãos de meus companheiros e também as dos feitores, e entrei em tremor profundo. Contraí febre alta, uma febre emocional. Meu intestino se desajustou, e eu temi por minha vida mais uma vez.

Voltei os meus olhos para a cena. Não queria registrá-la, mas era impossível não olhar.

O sangue gotejava, gotejava, gotejava e, graças à bondade divina, no corpo ele já não estava.

Mas esta compreensão me faltava, pois, por mais uma vez, desacreditei dos meus deuses.

"Por que meus deuses, talvez no Brasil, não podiam interferir?", foi o que comecei a pensar. E quando estamos sob pressão, começamos a nos sentir abandonados, porque não fica palpável o alimento da fé. Nesse momento me faltavam o chão e o ar.

Quantos registros podem uma mente registrar? Olhei o meu companheiro soerguido pelos braços de outro negro, que estava sob as ordens do capitão do mato.

Neste momento, ele julgou necessário terminar com o sofrimento do escravo. Tirou da bainha a espada e perfurou, por várias vezes, o corpo do fujão. Não era necessário compreender as palavras, os gestos bastavam para nós.

Não se dando por satisfeito, o capitão, enfurecido, buscou o machado, rachou o peito do homem e retirou o coração, colocando-o pendurado ao lado da cabeça do outro companheiro, como que fazendo desta ação sua coleção de força.

Como seria bom se o homem atual já incorporasse a verdadeira partilha do bem entre os povos! Não seria necessário o desgaste das palavras, porque os gestos de amor, por si sós, eternizariam os laços fraternos.

Mas o homem ainda insiste em utilizar dos gestos de terror para eternizar angústias coletivas. Mas, como é de lei, teremos de ressarcir até a última ação de desamor.

Agora me encontro com meu querido amigo Neil, que junto a mim observa o céu maravilhoso que podemos contemplar, as inúmeras estrelas a refletir a luz do Pai Criador, nos oportunizando a beleza do universo.

Só de imaginar que esses reflexos são energias que vislumbram a existência, percebo que nós, filhos da criação, ainda não sabemos realmente por que nos são concedidos a vida e o livre-arbítrio.

Neil, nesse momento, virou-se para o sul e falou: - Olha lá, companheiro, sua estrela predileta! Como ela é realmente linda e como o Pai Maior é perfeito, nos permite companheiras eternas a nos acompanhar iluminando nossa jornada, tal como nosso mestre Jesus, a estrela maior que nos iluminou, ilumina e iluminará.

Nesse momento, senti a mão do Criador tocar minha essência e me conduzir para a lucidez da existência. Que sabor delicioso testemunhar o halo do Pai! E isso mesmo, queridos amigos, é preciso deixar um tempo para as coisas do Pai, para nos abastecer e seguir a jornada.

Rio de Janeiro

Dezessete de outubro de 1802 é uma marca registrada no meu código, pois tornou-se um presente. Depois de tantas turbulências, pude respirar com tranquilidade. Foi nos dado um dia de paz e, de repente, voltei ao navio negreiro, senti o balançar da embarcação de novo, sensação estranha, mas meu registro ainda partilhava aquele vai e vem.

Voltei, em pensamento, a todos os meus envolvimento. Já não chorei ao recordar as milhas de distâncias que estava da minha amada Tuanã e do meu filho, Tuã.

Senti, realmente, um imenso vazio, a mesma vala que relatei no início, que ocultou meu filho e minha deusa. Agora eu estava nela.

Pude sentir o cheiro da terra úmida, as raízes das árvores em volta, e até escutar o canto dos pássaros. Aprofundei-me nesse pensamento e deparei com a vala íntima.

Quando é que o homem perde a essência maior? Se somos parceiros de vidas, por que ainda negamos a convivência salutar? Por que o homem ainda busca os desenganos para danificar as estruturas de sentimentos?

A partilha de um homem e de uma mulher é o processo mais belo que o Pai Maior oferta aos filhos para o reajuste natural.

Só pude começar a entender quando, por lei natural de reconquista, fui retirado da minha amada.

Vim saber, após meu desenlace, que em outras oportunidades eu feri o sentimento de minha flor em um processo de adultério e a fiz sofrer muito. Só tomamos conhecimento maior desses atos descontrolados quando deparamos com nossa própria consciência desbloqueada do apego terreno.

Agradecimentos devo sempre relatar, pois os incansáveis tarefeiros do bem jamais desistem de nos acolher, nós, os desajustados. E graças a esse acolhimento, posso hoje contar

minhas passagens. Bem, depois eu relatarei o processo com Tuanã. Voltemos ao Rio de Janeiro.

Fui escolhido para acompanhar o senhor de escravo, até então meu senhor, pois a ele devia obediência. Dirigimo-nos para a parte central da cidade. Fiquei maravilhado com a estrutura do Rio. Tinha saído de um pequeno lugarejo e me deparei com a proporção de uma metrópole, pois era essa a sensação que registrei.

Caminhamos por entre as ruelas bem definidas, com calçamento perfeito, pois a terra os meus pés já não mais registravam. Casas bem delineadas, senhoras com belíssimas roupas a cobrir os delicados corpos, a Guarda Real a caminhar pelas ruas, impondo o devido respeito.

Ele, o meu senhor, andava com passos largos, e eu o acompanhava com uma enorme caixa nas mãos, pois era uma encomenda para um tal de comendador Belar.

Essa caixa de madeira muito pesada me fazia caminhar com dificuldade, pois eu trazia correntes nos pés e nas mãos. Na minha cintura, um enorme cinturão de ferro com uma argola que favorecia a outra corrente a segurar a caixa ao meu corpo.

Em minha ingenuidade, julguei ser somente o carregador, mas fui surpreendido de novo pela separação dos companheiros, e teria de começar, outra vez, a me adaptar com outros companheiros de jornada.

Adentramos a cidade, que hoje é tida como Cidade Maravilhosa, apesar de tantas dores que ainda carrega, desenvolvidas no decorrer do tempo. Ouvimos os companheiros dizer que devemos ressarcir todos os nossos débitos, mas esquecemos que a Terra também evolui com a marcha de crescimento dos espíritos encarnados, e que cada cidade, estado, país e continente recebe os espíritos-homens para contribuir com o desenrolar da evolução.

Mas os homens negam a vida que o Pai Maior oferta e não agradecem o espaço concedido pelo Criador. Ao contrário, eles danificam toda a estrutura para se julgarem beneficiados pela ilusão, ficando presos na construção mental do que criam.

O Rio de Janeiro, como qualquer cidade, conclama a união da prece e a irmandade para se libertar da opressão desenvolvida no decorrer dos tempos.

Se os companheiros já evangelizados mantivessem a estrutura mental acionada ao Cristo Jesus nas vinte e quatro horas do dia, numa vigília constante, o planeta Terra já teria superado muitas dores ocultas, porque Jesus nos ensinou que, se perdoássemos setenta vezes sete, cobriríamos uma multidão de pecados. Mas a vigília é árdua e requer disciplina e amor incondicional, tornando-se, assim, um trabalho íntimo constante para os tarefeiros do bem.

Mas nunca é tarde para começar esse exercício. Sendo assim, podemos ampliar o sofrimento ou atenuar a dor. No próprio Evangelho nos é colocado que devemos trabalhar para auxiliar o próximo, atenuando, no que for possível, sua dor. Por que será que o homem busca sempre o caminho mais árduo?

Bem, segui meu senhor, homem de poucas palavras, mas de muitos gestos. Também não me adiantariam as palavras, pois o dialeto que desenvolvi em Zambe tinha pouca funcionalidade naquele local. Mas como trago facilidade para o aprendizado, muitas palavras eu já sabia do português, tão majestoso, utilizado pelos senhores dos escravos.

A expressão facial que trazia o meu senhor revelava-me sua alma, e eu temia por essa alma, pois me causava terror. Porque é assim mesmo, a face revela o que somos.

Comecei a observar as casas, cada qual com lampiões belíssimos fixados nas paredes laterais, que ganhavam vida ao pôr do sol; eram acesos com enormes tochas que davam ar de

movimento pela queima dos pavios de óleo que guarneciam os lampiões.

E aquela simples forma de iluminação me fez sentir um homem afastado da evolução. Hoje, no vosso tempo, cruzar o oceano tornou-se questão de horas, e mesmo assim minha adorada África não conseguiu sua libertação. Em alguns lugares, a precariedade de vida é vergonhosa, pois, se somos todos irmãos, como irmãos deveríamos ajudar uns aos outros.

Onde fica o realismo desta expressão?

Tenho o conhecimento de que meus companheiros africanos estão ressarcindo débitos do passado, e por eles tenho total respeito. Oro ao Pai Maior que venha lhes ofertar força para superarem as dificuldades dessa etapa de amor, a qual vocês, por meio da telecomunicação, apreciam nos noticiários.

Como é bom, após os momentos de aprendizado, termos a compreensão clareada do que é encarnação.

E como é bom estar, como agora, dividindo o espaço de Sabará, nome atual, onde estagio em um campo mental de readaptação. Estou relatando a minha história.

17

Sinhazinha

Chegamos à casa do comendador Belar, que recebeu esse título por ter prestado serviço de honra militar ao rei de Portugal. Que estrutura belíssima! Logo na entrada do lar, pude notar formas bem delineadas, rebordadas em estilo europeu. A escada solidificada de madeira rústica e bem pesada mostrava a imponência do ambiente que iríamos adentrar. Eu estava estupefato. O corrimão suntuoso vinha com detalhes a contornar as bordas, como se uma grande bordadeira tivesse ali dado o arremate perfeito dos grandes

artistas que esta época vislumbrou, complementando, assim, a obra do marceneiro.

Foi nessa época que o estilo europeu invadiu com força total a alma do Brasil, pois a comunicação já era de fácil acesso.

A varanda central era recoberta com imensas samambaias nativas encantadoras. Não faltou ali o toque da originalidade do melhor especialista em decoração do momento, pois as janelas que nos permitiam olhar para o salão central foram projetadas com treliças e bem compostas como uma dama, com rendas finíssimas vindas de Portugal.

Assim como acontece com qualquer um, minha imaginação começou a funcionar. Como seria esta majestosa casa por dentro? Eu havia saído de uma tribo, local completamente diferente. As tabas tinham somente um único espaço, para, assim, ocultar-nos das ações naturais do tempo. Ali me deparava com estruturas gigantescas.

Fui despertado das minhas divagações pela ordem do meu senhor. Até então, o próprio que havia conduzido o navio. Fez sinal para que eu permanecesse ali do lado de fora sob os olhares dos capitães do mato, homens brutos e ignorantes, os quais deveriam ficar de olho na mercadoria mais valiosa, que seria eu. Não imaginava que seria vendido naquele dia.

Abaixo da escadaria, pude avistar dois homens com uniformes bem engraçados, pois o paletó era de um azul bem forte, com botões dourados, e nos ombros almofadas com franjas a contornar os braços, espingarda na mão, calças compridas brancas, botinas pretas, nos mostrando que tinham algum poder. Depois vim a saber que eles faziam parte do Exército do Rio de Janeiro.

Pude atravessar, com meus olhos, a porta central e observar o movimento íntimo do lar. O cheiro era embriagador, ainda mais porque eu estava há muitos meses sem sentir o odor agradável de alimento.

Notei um gracioso movimento de uma sinhazinha, que mexeu comigo. A suavidade e a leveza no caminhar da pequena donzela balançaram minha estrutura masculina.

Ela era realmente linda, tinha cabelos ruivos e olhos amendoados e firmes. Em um movimento simples, ela parou em frente à porta central da casa e me olhou. Por temer, abaixei a cabeça, mas pude perceber que ela se apiedou de mim.

Receosa, ela se aproximou mais um pouco para observar a presa. Eu só podia registrar da cintura para baixo os movimentos que ela fazia. Ela se encheu de coragem e se aproximou, quando viu que eu estava sob a guarda dos capitães do mato, que já faziam parte da casa, por prestar inúmeros serviços ao comendador.

Eles sinalizaram para que ela não desse nem mais nenhum passo em minha direção, porque eu era selvagem.

Pouco entendia dos movimentos e das falas, mas pude compreender que eles haviam dado a ela um alerta de perigo. Então, pus-me de joelhos para demonstrar que não faria mal a tão frágil flor.

Vi-me traindo minha Tuanã em pensamentos. Pedi perdão aos meus deuses por trazer pensamentos tão baixos, mas a desejei. Ela se assentou num enorme banco que contornava a varanda e ficou paralisada a me olhar.

Se horas, minutos, eu não sei relatar, mas meus joelhos doeram. Vim a pensar que eu mesmo me dava o castigo justo por desejar a pedra preciosa.

Quando volto a pensar nesse momento sinto dor e vergonha. Mais à frente relatarei o que ocorreu no nosso caminho.

O índio Sebastião

Depois do meu desenlace, fui recolhido para ser tratado.

Após ter me recuperado, foi-me permitido voltar a Sabará e recomeçar o trabalho de amor com os companheiros que estão aprisionados no contexto da história. Existe um pronto-socorro em esfera sutil nas proximidades de Sabará que denominarei de Lar Amparo.

Permaneço neste lar de apoio para inspirar os companheiros que buscam o reequilíbrio.

Aqui divido as horas de trabalho com uma equipe de benfeitores, médicos, enfermeiros, psicólogos e terapeutas do amor. E um lar que acolhe não só os escravos, mas também os senhores do tempo; porque ora somos escravos, ora somos senhores. E muito raro sermos irmãos.

Neste espaço, Neil encontra sempre tempo para conversar comigo, e como é bom encontrar um irmão que dedica horas para compartilhar o aprendizado!

Tal como Jesus nos ensinou, "aquele que acolher um dos pequenos assim estará me agasalhando"¹, hoje me sinto agasalhado por Neil. Um dia terei também a condição de agasalhar aquele que, no tempo das conquistas, encontrar.

Tenho permissão para relatar como esta grande comunidade de espíritos benevolentes atua em favor de todos nós. Após meu desenlace, pude recorrer aos arquivos extrafísicos e colher informações de como ocorre nossa proteção por nossos guias espirituais, que até então eu chamava de meus deuses.

Lembram quando em Zambe fui capturado? Estávamos todos no momento do relaxamento, e aí ocorreu a emboscada. Também relatei que havia aquela enorme pedra atrás de minha taba, onde tive a inspiração de perfurar o buraco.

Naquele momento, eu estava com minha amada e meu filho a deliciar o momento, andando ao redor do nosso lar, quando ouvi o movimento desordenado na aldeia.

Corri e coloquei minha esposa e meu filho no devido lugar protegido, o buraco atrás da taba.

Após este momento, meus guias-deuses começaram a se organizar, como que um exército, para nos amparar nos momentos árdus pelos quais iríamos passar.

Explicaram-me que eles não podem interferir no que é de lei, mas podem atenuar a dor, ou melhor, ajudar no processo.

Assim, eles concorreram para o auxílio necessário, os tarefeiros do amor a recolher e a auxiliar aqueles que tinham completado a encarnação.

Como grandes enfermeiros e a postos com macas para fazer a remoção, eles acolhiam com amor; outros jorrando fluidos necessários para a dor das feridas se abrandar; outros trabalhando para paralisar a fúria dos capitães do mato, e

¹Malens XXV 35:4.

outros fazendo grande corrente magnética para sustentar o volume energético desprendido e gasto pelo movimento realizado.

Os que naquele momento desencarnaram e estavam aptos a seguir para o curso dos hospitais, foram levados; outros que, pela revolta, colocaram-se na defensiva, permaneceram vagando por um período, rodopiando no espaço projetado por eles mesmos.

Na atualidade vigente no plano da Terra, esses benfeitores buscam maior número de companheiros para reforçar o teor magnético da Terra, que está na plenitude do caos, que somente se abrandará se o homem buscar exercitar ações de amor. A Terra conclama a pacificação e ondas mentais

elevadas que impulsionarão o gigantesco movimento que o Cristo Jesus realizou e que poucos companheiros compreendem.

Este movimento requer vigilância constante, e esta vigilância causa desânimo nos companheiros, e estes perdem grandes fluidos vitais.

E hora de refazer a jornada do amor. Nós mesmos que, de outras vezes, forjamos o desalinho da estrutura do Pai, continuamos a desalinhar o eixo central da luz.

Para que o homem possa se reestruturar, faz-se necessário o trabalho ativo íntimo.

Por isso, companheiros, façam do lar íntimo a morada de nosso Pai Maior. Esse processo mental nos auxilia constantemente, é a guarita da luz para todas as investidas do tempo.

Bem, voltemos à casa de Belar. Doce menina de traços bem definidos, vestido longo até os pés, cinturado e bem cuidado pelas mucambas, trazia um cheiro adocicado de flor de pêssego.

Eu estava envolto nesse movimento quando fui despertado por um sacolejar brusco nos meus ombros, ordenando que me levantasse. Pus-me de pé. O comendador deu várias voltas em torno de mim, como a observar a mercadoria. Tocou nos meus braços para sentir o teor dos meus músculos, olhou os meus pés e fez sinal para levantá-los. Depois, com um pequeno bastão, levantou meus lábios e o enfiou para dentro, para eu abrir meus dentes. Observou-os detalhadamente e, logo depois, minha língua e garganta.

Eu fiquei imaginando o que ele procurava na minha boca, pois nunca tivera a curiosidade de olhar a boca de outro companheiro, e nesta divagação permaneci. Será que a boca ocultava algum registro de doença?

Mais tarde foi me explicado que a boca mostrava para os senhores a saúde que a mercadoria trazia.

Eu estava em ótimas condições, pois fui vendido para a família Belar.

Mais um elo rompido, assim ocorreu com minha venda. Eu já estava habituado aos companheiros de jaula, e nesse dia rompia mais um elo que havia formado.

Como é estranho o costume. Naquele momento, senti o perfume de minha Tuanã exalar no ar. Chorei em silêncio, pois algo pressentia. O comendador bateu no madeiro trinta moedas de ouro pela minha venda, que, em princípio, foram rejeitadas pelo capitão. Por causa desse processo, iniciou-se um debate de árdua visão comercial.

Eu era o foco da oferta, disputado por moedas, e me vi como verdadeira mercadoria.

Quando chegaram a um acordo, virei duzentas moedas de ouro. Somente os mais fortes, de porte saudável, eram vendidos com moedas de alto quilate.

Retiraram da minha cintura o cinturão e a caixa. O comendador ordenou a um dos seus escravos que me conduzisse aos aposentos dos fundos da casa, onde eu ficaria por alguns dias.

Bem, este companheiro escravo trazia outra origem. Tinha a pele de cor mais suave, pois era originário do próprio Brasil, um índio. Era realmente amável e dócil esse companheiro.

Colocou-me sentado em um tosco banco debaixo de uma enorme árvore. Tomou nas mãos dois gravetos e começou a falar, pois já estava alfabetizado na língua portuguesa.

Com os dois gravetos, começou a contar uma longa história. Eu tentava compreender os movimentos e as falas que produzia, mas pelos desenhos estruturados no chão deu para entender que seria necessária cautela.

Ele descreveu a trajetória dos companheiros sendo capturados, e recordei-me de Zambe. Parecia que eles também tinham sido tomados com a mesma violência pela qual havíamos passado.

Houve destruição e mortes. Os mais rebeldes foram aniquilados e perderam o direito de continuar a usufruir a terra pátria, que o homem assim aviltou.

Por que os homens se julgam no direito de entrar na casa do outro, roubar sua privacidade e ainda o tornar escravo?

O que permite ao homem traçar o destino do próximo?

Como podemos, quando estamos encarnados, direcionar à força o que o outro tem de fazer?

O que fez o homem colocar no processo de vida a escravidão, se nem o Pai de Força Maior faz uso desse preceito? Ele respeita o filho em seus próprios passos. E o filho julga-se dono do próximo e o escraviza.

Bem, com a mesma autoridade, foram os índios arrebatados da corrente da vida. Eles traziam sua cultura e a perderam. Eles traziam seus rituais e foram coibidos de continuar suas crenças.

E ele, o escravo, continuava a desenhar sua história. Desenhou uma enorme clareira, dividia o espaço com várias tabas, e indicou, por várias vezes, aquela que deveria ser a sua. Tal como eu, ele também era casado, só que tinha três filhos.

Os homens brancos o buscaram como animal, abusaram de sua esposa, o colocaram sentado ao chão e três dos capitães se satisfizeram por meio do estupro.

A pobre mulher, possivelmente, sofreu em todos os níveis, físico, moral e espiritual. Após esse ato de violência, ele foi levado acorrentado, e ela foi ali deixada sangrando, desmaiada, no processo do desencarne. Ele nunca mais teve notícias de seus companheiros.

É estranho como a história se repete, parece que vira um ciclo de atos impensados, que o homem só reproduz porque o outro assim o fez e demonstrou ter força e poder. E, para imitá-lo, outros fazem o mesmo, só que em proporção ainda maior, aumentando a fúria do revide.

Após alguns anos, ele foi vendido, assim como eu, para o coronel Belar Balzar Coutinho. E lá ele recebeu sua identificação. Havia registro em seu braço direito de um B, o qual ele apontou e deu a entender que eu também receberia um igual.

Ele se afastou, foi até o porão, pegou um enorme ferro que tinha esta letra envolta em um aro, também de ferro. Ele demonstrou como seria o processo: aqueceu o ferro, colocou sobre um pedaço de madeira e deixou a brasa queimar o toco. Senti medo, entrei em pânico e tentei me levantar e correr, mas as correntes não me permitiram. Eu estava preso a outra corrente que ficava fixada no chão.

Ele me segurou e apontou para o céu e, nesta altura, já era noite. Ele me mostrou a estrela maior e sorriu. Pude compreender que se fosse marcado, como ele, ao anoitecer, provavelmente, a dor já teria aliviado.

Ele buscou um pano grosso, cobriu-me, deu-me caldo de mandioca com sobra de carne de porco, o sabor estava delicioso. Depois de vários meses sem comer uma comida verdadeira, naquele dia pude comer e beber água com dignidade.

Com o estômago cheio, dormimos no capim. Alta noite, ele, Sebastião, pois foi assim batizado pelo comendador Belar, apontou para um enorme portão e fez sinal para que não viéssemos a fazer barulho. Retirou a corrente central dos meus pés, e julguei que ele iria me ajudar a escapar, mas ele pegou outra corrente e atou na minha, para se assegurar de que eu estava seguro, e pegou na ponta, que se fazia uma guia.

Levantei e caminhamos em direção ao portão, passamos por ele, e adentramos em uma rua delineada pela estrutura como uma passarela, mas ainda respeitada pelo arquétipo natural do ambiente. Era enfeitada com frondosas árvores que formavam copas que se entrelaçavam, mosttando a força da mãe natureza.

Caminhamos por alguns minutos e nos deparamos com esqueletos, cabeças dependuradas em paus, com extensas cabeleiras, a indicar que eram índios punidos. Voltei a Zambe e recordei do mesmo ato cometido por nós em oferendas aos nossos deuses. Como ainda somos leigos na estrutura de amor!

Sebastião agachou-se e fez reverências aos seus deuses, chorou e cantou, provavelmente lamentando a grande perda dos amigos. Voltamos ao nosso leito. Fiquei a pensar em tudo o que em poucas horas havia presenciado.

Tentei organizar as ideias, e isso me foi muito árduo.

Ao amanhecer, a doce sinhazinha à janela despontou. Olhamo-nos e senti outra vez a mesma sensação. Sebastião, por trazer a natureza masculina, tal como eu, logo percebeu e me advertiu por meio dos desenhos.

Fez a silhueta da sinhazinha e de um negro, tal como eu, cuja aproximação acabou em decapitação.

Coronel Belar chamou Sebastião e pediu-lhe para começar a me ensinar a correta comunicação, pois, pela minha força registrada, por ter carregado a caixa sozinho - e para retirá-la da varanda foram necessários três homens -, eu enfileiraria a caravana quando fosse recomendada a transferência para Sabarabuçu.

O pelourinho

Decorreram alguns meses de trabalho forçado e muitas experiências diferentes. Eu já estava bem envolvido com a família, e nessa altura dos acontecimentos, cortava lenha, limpava ao redor da casa, plantava milho, ajudava na colheita da mandioca.

Coronel Belar era um homem futurista, trazia uma visão ampla, então tinha sua própria produção alimentícia, que garantia a sobrevivência dos escravos, dos porcos, galinhas e dos muares que utilizava nas suas viagens. Eu também acendia os lampiões e os apagava ao amanhecer.

Ele falava: "Negro tem de se exercitar; negros são preguiçosos, por isso não posso dar trégua", com isso eu ganhava mais força. O objetivo era esse. Ele me queria cada vez mais forte, pois no futuro próximo eu estaria auxiliando no que fosse necessário em Sabarabuçu, até num tal de veio de ouro de que ele tanto falava.

Dentro do lar, o trânsito das mucambas era intenso. Organizar uma expedição levando toda a família e todos os pertences demandava tempo.

Somente as mucambas e Sebastião tinham a permissão do movimento dentro do lar.

As cozinheiras faziam quitandas deliciosas. Eu podia provar porque Sebastião, por costume de usar uma sacolinha na cintura, colocava sempre pedaços de alguma guloseima para mim.

Nossos laços estavam mesmo atados. Vim a saber, por intermédio dos meus amigos espirituais, que já estava programado o nosso reencontro nesta encarnação.

Sebastião e eu já estávamos tão íntimos a ponto de dividir nossas dores e nossas alegrias. Lembro-me da primeira vez que Sebastião me deu o machado para segurar, e fiquei encantado com tal perfeição de corte.

Em Zambe, utilizávamos materiais cortantes, mas não tão bem desenvolvidos. Nossa tribo conservou nossa cultura por muito tempo, e então ficamos presos aos nossos antepassados em todos os aspectos.

Naquela manhã primaveril, fomos todos levados à praça central. Era realmente majestosa a arquitetura do porto, que abria extensão para a praça central, onde os grandes eventos aconteciam. Havia, além da praça escultural, o pelourinho, e nesse dia o evento não era de cunho agradável.

Por ordem do governador, todos os escravos deveriam presenciar a punição de um negro saqueador. Estava ele em pé na praça sendo condenado pelos doutores da lei.

Ele estava em cima de um pequeno tablado de madeira bem estruturado. Leram a sentença:

- Terás de se pôr de joelhos com a mão direita sobre um toco.

Nessa hora, o negro já chorava. O carrasco tomou nas mãos um machado. Eram exatamente onze horas da manhã, e o sol já começava a castigar, os nossos pés ardiavam, mas creio que o ardor maior era por não poder fazer nada.

Dois senhores de cor que conquistaram o título por fidelidade máxima à Coroa, por traírem os próprios irmãos de cor, foram acionados para segurar o pobre coitado.

Com imensa violência, pois o teor do golpe eu também senti, foi executada a punição. Ironicamente ao som dos tambores malditos. Na contagem de um, dois, três, o carrasco levantou

o cutelo a tal altura que a lâmina brilhava de tão bem afiada e, num golpe, rompeu a mão do pobre homem.

Jorrou sangue como o curso de um rio. Para completar a ação e não ocorresse o falecimento por causa da dilaceração, buscaram uma enorme chapa de ferro incandescente e levaram de encontro ao punho partido do negro, fazendo a queima dos tecidos.

Cheiro de pele e carne queimada, o restolho humano no chão ficou. Mulheres negras a correr com os unguentos para tratar da queimadura e da decepção, que, por meio do aparelho denominado cutelo, houve o registro da dor.

Após este momento, ficamos parados em frente ao chafariz central. Angústia, dor, solidão, tristeza, partilha de sentimentos no silêncio maior. Então o homem procura entender por que há guerras, escravidão, flagelos e desordem de todas as ordens.

Aí somos acolhidos pelos amigos do campo espiritual. Fico a questioná-los, e eles, com muita paciência, esclarecem que o homem-espírito ainda precisa remover do íntimo o ódio, esse companheiro que se torna inimigo da evolução coletiva.

Por isso, o homem ainda rasteja no revide, e permanecerá nessa posição mental até que, por si só, dê um basta nessa neurose angustiante. Enquanto houver sentimentos maltrabalhados, haverá a destruição coletiva.

Eles, os nossos amigos mentores, sempre nos lembram das doces palavras de Jesus:

"Bem-aventurados os limpos de coração"¹.

Meu nome é Pedro

A organização que hoje se faz tão necessária depende do espírito que se encontra na posição de encarnado.

Alguns companheiros que se propuseram a estar no belíssimo planeta Terra com o objetivo de auxiliar no processo de clarear os princípios da lei do nosso Pai Maior, esquecendo-se do compromisso, permitem-se envolver com a demanda falida do poderio desestruturado e reforçam a desordem coletiva.

E nessa desordem caminha a humanidade.

Após o momento de violência, o comendador Belar, em conversação com as autoridades, colocava-os a par das recomendações vindas de Portugal. Em poucos dias, ele pegaria a Estrada Real com seus trinta escravos.

Homem de posses, tinha em seus domínios terreno vasto, onde cultivava a preciosidade do momento: a mandioca. Na certeza de que iria produzir muito mais em ouro nos veios das Minas Gerais, estava ele tratando da venda de suas propriedades.

¹Matous V 8.

Constava de um envelope timbrado com um belo brasão, pois sua marca, o B, lhe dava passaporte para trânsito livre.

Após ter acertado os pormenores, nos chamou, a mim e a Sebastião. A praça, a essa altura, já estava vazia. Pedimos presteza na entrega do envelope na Câmara central.

Quando sinhazinha, sempre acompanhada de sua mucamba preferida, ouviu que iríamos até a Câmara, pediu permissão para ir junto, pois queria ver as novidades em rendas recém-chegadas de Portugal, e comprar, também, algumas

guloseimas, pois julgava que em Sabarabuçu ela não teria esse meio de fartura.

Pois o que se ouvia era que nas Minas Gerais o ouro era o foco de produção, impedindo o crescimento de outras áreas.

A princípio, o senhor comendador hesitou, mas depois, por tanta lamúria, acabou cedendo. Filha única, mulher, era só choramingar para alcançar o que queria. Eu fiquei repleto de felicidade, pois iria desfrutar da companhia da sinhazinha.

Ele, o comendador, bateu no meu ombro e falou:

- Cuide bem do meu tesouro.

De cabeça baixa fiquei a balançar que sim. E ele completou:

- Ao retornar, iremos lhe dar sua identificação e seu nome, de agora em diante.

Sebastião chorou em silêncio, pois minha identificação seria a marca com o B no braço esquerdo, pois era assim que ele julgava melhor. Depois de marcado, levaria mais de um mês para a pele recobrir a ferida causada pelo ferro quente. Nesse meio tempo, os preparativos estariam organizados, e não haveria o risco de infecção no meu braço. Seria uma marcha longa, pela Estrada Real, até o objetivo central de Belar.

Tentei não ficar preso naquelas palavras que o comendador havia emitido; queria, sim, seguir a sinhazinha, que não parava de falar um segundo sequer. Perdera a mãe muito jovem e, até então, sua ama era sua segunda mãe, e a ela todos seus segredos eram confiados.

Caminhamos pela Rua Direita e chegamos à Câmara.

Sebastião fez a entrega e voltou com um enorme pacote para ser entregue ao comendador.

Saímos às compras junto com sinhazinha. As sedas e as guloseimas foram adquiridas. Balas-puxa, feitas pelas vendedoras das ruas, cocadas que enfeitavam os estômagos das moçoilas.

Ao chegar em casa, o comendador já nos esperava, e pediu a sua filha que se recolhesse. Buscou o ferro já bem aquecido e, attás de sua casa, me disse:

- Bem, Pedro...

Então deduzi que iria me chamar Pedro.

- Sei o quanto tem se mostrado dócil e, por sua conduta, vou lhe aplicar a marca sem precisar segurá-lo. Dei ordem aos feitores para irem até o porto para ver se outras mercadorias haviam aportado no cais. Quanto a você, Pedro, eu mesmo me encarregarei. Sebastião lhe dará um pano umedecido para colocar entre os dentes, porque os tem como se fossem o melhor ouro que já vi, e não quero que venha a quebrá-los.

Comecei a suar profundamente. Não falei sequer uma sílaba, mas voltei a Zambe, me pus de joelhos, porque assim minhas pernas não bambeariam, e orei em silêncio aos deuses pedindo proteção e amparo para a dor.

Lembrei do curandeiro e gritei mentalmente por sua proteção. Aí entrei em êxtase e o vi a dançar na minha frente, a dança do clamor à dor e, então, me senti protegido.

Sebastião se aproximou como um pai, colocou a mão sobre o meu ombro com suavidade, dando-me o conforto necessário. Coloquei o pano por entre os dentes e fechei os olhos.

Nesse momento, comecei a brincar nas águas do rio, depois me vi a correr na mata, trabalhando a minha mente para não sentir a perfuração do ferro na minha pele.

Saí do contexto e acordei no dia seguinte, com forte dor no braço esquerdo.

Neil veio até a mim e me inspirou.

"Querido irmão, perdoe-o, pois, tal como nosso amado }esus nos ensinou, devemos perdoar sempre, é ato de amor e benevolência."

Eu sentia as vibrações desse incansável amigo trazendo-me conforto, o verdadeiro refrigerio para minha alma.

Eu estava embriagado, com o braço envolto em um emplasto que as mulheres tornaram-se especialistas em fazer com o bagaço de mandioca.

Hoje eu perguntei ao meu querido Neil:

- O que é, aos olhos dos espíritos de maior compreensão, a falência moral? Porque recordar este momento, para mim, foi sentir totalmente a falência moral.

Neil, com toda sua sabedoria, me respondeu:

- Querido Pedro, a falência moral cabe a cada um discernir. Mas volte ao ensinamento do mestre Jesus: "A todos que você assim acolher é a mim que estará acolhendo"¹

¹ Mateus XXV 35:40.

. Creio que este ensinamento responde a sua pergunta. No momento em que alguém fizer algo que venha a prejudicá-lo, ele estará fazendo a si mesmo. E, do mesmo jeito, quando um irmão o colocar em luz, será ele que estará em luz. E da lei.

A moral ou a falência da moral registrada por um companheiro é o experienciar do liyre-arbítrio, pois Paulo falou: "Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém".

21

Envolvimento com Sinhazinha

Casa em grande movimento, pude agora adentrar aquele belíssimo espaço. O salão principal amplo, com belíssimas cantoneiras rebordadas, tendo como acabamento belíssimos lampiões.

No centro havia um enorme lustre pendurado com dois lances que redobravam a iluminação, os bojos que sustentavam as

velas, no total de dezesseis, garantiam a total claridade. As janelas eram bem rebordadas, com finíssimas cortinas europeias.

Uma enorme mesa, com doze lugares, de mogno, com cadeiras aveludadas em tom salmão compunha a sala. Os quartos todos bem mobiliados, até o dos hóspedes, davam-nos o sabor de um lar, o lar que fui furtado de ter.

Na venda do casarão, tudo ficaria no devido lugar, pois a casa foi vendida com todos os móveis, devido à beleza. Um jovem casal recém-chegado de Portugal entrou em completo encantamento e quis manter o mesmo padrão que tinha em terra pátria.

Somente os adornos saíam da casa, pois sinhazinha fez questão de levar. A grande recordação que ela trazia de sua mãe estava realmente nos enfeites.

A cada peça uma identificação com sua amada mãe. Foi tudo bem preparado e empacotado cuidadosamente.

Copos belíssimos, vindos de Portugal, cortesia da realeza. Nesses ninguém ousou tocar, somente os frágeis dedos de Ermelinda.

Num desses movimentos, tive a oportunidade de tocar a mão de minha preciosidade. Ao mesmo tempo desejo e receio. A mesma vibração do corpo de sinhazinha eu senti.

Ela se tornou rubra, e eu fiquei sem movimento, sentindo a delicadeza da menina. Movimento delicado e ao mesmo tempo comprometedor.

Nessa noite, o pai de Ermelinda fora convidado a ir a uma grande festa, na qual a menina-moça não poderia estar, pois a idade não lhe permitia frequentar o lugar.

Belar chegou até a mim, que já era de confiança no lar, e disse:

- Pedro, estarei fora esta noite, pois, em breve, estaremos a buscar a Estrada Real, e o barão me oferta uma festa de

despedida. Sebastião me acompanhará, para a minha segurança. Cuide da minha casa e de minha filha.

Senti um frio correr na minha espinha. Qualquer homem com desejo de sua presa sentiria esse frio que registrei. Somente balancei a cabeça.

Até aquela noite, só olhares, nenhuma palavra trocada, mas não precisava de palavras, as vezes o silêncio é a máquina de derrota para nós mesmos.

Eu estava no meu posto, quando, por detrás, senti o perfume de sinhazinha. Os outros escravos, a esta altura, estavam festejando, pois o comendador, depois de muito tempo, havia se ausentado do lar, dando condição a todos de relaxar.

Ela simplesmente tocou no meu ombro com seus suaves dedos, e como que a bailar, rodopiou na minha frente, tocando a minha face.

Temi a carícia, afastei-me, e ela não se incomodou, e tornou a rodopiar. E falou:

- Meu escravo, faça o que eu lhe ordenar.

Não falei nada, pois, como escravo, teria de obedecer. E como homem estava embevecido.

- Venha comigo, quero te dar algo.

Ao mesmo tempo que estava empolgado, sentia medo, vergonha e temor do momento. Ela me levou para o fundo da casa e disse:

- Agora vamos, me abrace e me toque.

- Não, sinhazinha.

No fundo, eu não queria esse envolvimento, mas, ao mesmo tempo, eu a desejava. Sabia que estava cometendo uma traição ao comendador.

Então ela tomou nas mãos um chicote, e me chicoteou com doçura, e disse:

- Não tema, é só um abraço.

Ela se aproximou me envolveu, e me deixou embriagado com suas carícias.

Foi um momento de grande emoção. Após o nosso envolvimento, ela falou:

- Olha, Pedro, você não é o primeiro a me tocar, então seja discreto, pois se papai descobrir manda arrancar sua cabeça, como aconteceu com Bartolomeu.

Depois desse momento, outros também aconteceram e, devido a esse envolvimento, que relatarei mais à frente, eu mesmo a salvei do desencarne.

Depois desse dia, nossa aproximação tornou-se maior. Qualquer brecha que encontrávamos era motivo para nos envolver, sempre tomando os devidos cuidados.

A mucamba tornara-se cúmplice do processo, acobertando a sinhazinha, mas sempre me advertindo sobre o perigo que estava correndo.

Falava, também, que os senhores escolhiam as negras para satisfazerem seus desejos, e isso era normal no meio dos senhores, mas as filhas jamais deveriam se alinhar aos escravos, elas teriam de se casar com filhos de portugueses ou, pelo menos, filho de algum membro do vínculo nobre.

Mas tanto eu como Ermelinda não estávamos preocupados com a situação, só queríamos aproveitar, porque, desde que o homem está no registro da Terra, a idéia sobre o processo do sexo é de aproveitar, como se o mundo regesse somente nesse contexto. Nós não fugíamos dessa conduta.

Hoje, com meu guia Neil, encontro um pensamento mais divino sobre a questão do sexo. O real motivo pelo qual o Pai Maior o permitiu é para que viéssemos a dividir a energia vital.

O homem ganhou liberdade de ação, e com essa liberdade foi dado a ele o processo natural do acasalamento para assegurar a continuidade da espécie. Mas o homem, no processo natural,

começou a desviar os sentidos reais. Se o homem encarnado buscasse o sexo somente para a transmutação natural da energia no respeito à vida, não haveria tantos filhos órfãos de pais vivos, e provavelmente o planeta Terra já estaria em outro nível de evolução, porque o homem estaria cumprindo o real papel de paternidade transitória.

Manhã primaveril, todas as peças prontas, os trintas escravos já preparados para a grandiosa marcha. Havia mais de oitenta bagagens, e todos nós faríamos revezamento para assegurar os objetos.

A organização da viagem começou com os tropeiros se apresentando para escoltar o coronel com todas as mercadorias, porque até nós, os escravos, éramos tidos como mercadoria.

Naquela época, os tropeiros eram muito respeitados, pois a fama que traziam era de heróis ou criminosos. Por serem homens destemidos, enfrentavam tudo para deixar, em tempo hábil, as mercadorias encomendadas.

Eles levavam porcos de uma região à outra e, pelo que diziam, era uma das cargas mais difíceis de carregar, pois os porcos grunhiam muito e comiam tudo o que alcançavam. Eles levavam galinhas, sal, farinha e ouro (barras) de um município ao outro.

Passavam por rígida fiscalização e, quando um dos tropeiros era acusado de roubo de diamantes ou pepitas de ouro, ele era revistado. Se encontrassem o que procuravam, ele era julgado e levado, muitas vezes, à morte.

Eles também tinham o direito de, nas estradas, ser a lei. Assim era o tropeiro. Homens experientes, que, para viagens longas, sabiam quanto de munição e alimentos seria necessário para o transcurso.

Também traziam o conhecimento sobre muares e bois, pois estes eram os animais que Belar estaria transportando. Seriam

necessárias algumas sacas de sal e milho para que os animais não viessem a adoecer e morrer no percurso.

Também teriam de carregar barris de água para a sobrevivência de todos.

Havia trechos na Estrada Real que, pelo árduo acesso, nem água se encontrava, mas também tinha lugares maravilhosos, com quedas d'água perfeitas, que dava para se banhar e refazer para prosseguir a viagem.

O transcurso também oferecia estalagens para os tropeiros se alimentarem e descansar.

Pela pobreza da rota, os tropeiros levavam sua própria comida, e ainda em troca das acomodações deixavam um pouco do alimento para a estalagem. Então, em cada parada, eram recebidos com festa.

O capitão dos tropeiros pediu licença ao comendador, e começou a organizar a caravana. Ele disse:

- Primeiro grupo: é o grupo dos alimentos. Separem rapaduras, queijos bem embalados em cestos adequados, panelas de pedras, sal, açúcar, cereais, carne, toucinho, farinha e feijão.

Segundo grupo: é o grupo dos utensílios indispensáveis - ferro, pólvora, armas e escravos.

Terceiro grupo: é o grupo de vestimentas, calçados, mobília e indumentária de cavalgada.

Quarto grupo: é o grupo dos artigos de luxo - as coisas supérfluas e caras.

Quinto grupo: é o grupo do tabaco e a cachaça que os tropeiros faziam questão de ter, mais que a própria água.

Sinhazinha seria conduzida confortavelmente nas famosas cadeirinhas, entre o segundo e o terceiro grupo, ficando, assim, protegida de qualquer investida.

A mucamba acompanharia do lado, para dar todo o conforto a Ermelinda.

Eu e Sebastião ficaríamos próximos a ela também, pois assim ela estaria muito mais protegida.

A mucamba já estava apreensiva, pois tanto eu quanto sinhazinha trocávamos olhares sem nenhuma discricção. Ela se aproximou de mim e falou:

- Você está doido! Se o coronel percebe, tu não sai nem do Rio.

E Sebastião concluiu:

- É sim, Pedro, disfarce se não quiser morrer.

Nas paradas para descanso, enquanto o comendador ia inspecionar o local, nós, por várias vezes, encontramos meios de nos satisfazer, até o momento da minha maior aflicção, que relatarei em seguida.

22

O aborto

Terreno úmido, fresco e belo, assim começava a majestosa Estrada Real no Rio de Janeiro.

O teor vibratório ainda era suave e com pouca carga de tensão. No vosso momento atual, vocês registram o acúmulo de angústia que paira no campo energético dos grandes centros comerciais. E o acúmulo de tensões sobre o poder.

Nesta época, o Brasil respirava a universalidade pela fonte natural de riqueza que sustentava, já estava inserido no comércio exterior, mexendo com a Europa e os Estados Unidos.

Propiciada pela terra fértil, o homem-espírito não compreendeu que a evolução seria encaminhada com simplicidade, se não houvesse por parte dele o sentimento de ganância.

O homem-espírito, por estar nas brasas do poder, queima-se e não permite a si mesmo o clarear da sua condição como filho em evolução. Queima a estrutura perfeita cedida pelo Criador em prol da evolução geográfica.

Mas ainda nesse período a deusa mata virgem registrava a delícia do perfume natural. As formosas grandes árvores denominadas pau-brasil frondosamente nos convidavam ao deleite do descanso.

Pássaros como jamais meus olhos haviam registrado.

Que cores belíssimas, que som inigualável! Quantos macacos a nos acompanhar, como que a dizer, com seus gritos e agitação: "Intrusos estão rasgando nosso *habitat*".

Veza por outra, pelo caminho belíssimo, cachos de bananas, ali preservados, como presente dos deuses, e a manifestação era de alegria por parte de todos.

Após várias horas de caminhada, fazíamos acampamento, e os cozinheiros, juntamente com os escravos, preparavam a comida.

Comendador, sinhazinha, comandante dos tropeiros, o senhor capitão do mato e o primeiro imediato comiam primeiro, depois a tropa e, por último, os escravos.

Para nós, os negros, sobravam o caldo do feijão e toucinho, com farinha de mandioca. Com essa porção, ficávamos mais fortalecidos que os brancos, porque o toucinho com o caldo do feijão preto e a farinha de mandioca nos protegiam dos mosquitos, porque nosso suor era beneficiado pelo odor do toucinho.

Então, não ficamos com febre durante a marcha, ao contrário, de vez em quando um branco morria.

Eu, pelo envolvimento com sinhazinha, vez ou outra recebia um pedaço de doce que ela havia adquirido no Rio de Janeiro, o qual partilhava com Sebastião e outros irmãos de cor que nos viam comer.

A marcha começava por volta das cinco da manhã, pois, para a delicadeza da moça, ficava confortável o calor. Interrompíamos para o almoço, com duas horas de parada, ou por alguma necessidade de Ermelinda. Depois continuávamos a marcha até as cinco da tarde, porque à noite era imprudência avançar com carga tão grande como a que incorporávamos.

Montávamos o acampamento e atravessávamos a noite. Quando, pelo caminho, encontrávamos queda d'água, fazíamos a parada e ali todos tinham o direito de se refrescar.

Pela hierarquia, sinhazinha era sempre a primeira, depois Belar, a seguir os tropeiros, que revezavam guarda com os capitães do mato e, por último nós, os escravos, o que deixava os tropeiros e os capitães do mato com muita raiva, pois para eles negro não precisava tomar banho.

O sr. Belar era um homem forte, de poucas palavras, mas justo. Algumas vezes ele era inquirido sobre esse comportamento de oportunizar aos escravos se banhar, e ele somente falava:

- Tropa toda refrescada marcha mais satisfeita. Virava as costas e seguia.

Após longos dias de marcha, nas proximidades de Ouro Preto, terra escura, a minha sinhazinha começou a ter um forte sangramento.

Fizemos uma parada de urgência. Em toda a minha existência, eu não tinha visto tantos panos ensanguentados. Senti um temor imenso. Orei aos deuses, porque não trazia tal ciência comigo, e pedi a eles que concedessem a ela a recuperação.

Mas, pela fragilidade do contexto, ela estava em processo de definhamento. O sangue não estancava.

Coronel, sem compreender o que estava acontecendo com sua filha, aflito, mandou um mensageiro, acompanhado pelos tropeiros, buscar o doutor em Ouro Preto.

Mas isso levaria, no total, quatro dias, dois para ir e dois para voltar, sem fazer parada para dormir. Era necessário que fossem homens fortes e resistentes para enfrentar essa jornada, depois de tão árdua caminhada já realizada. Assim mesmo ele arriscou.

A prudente mucamba me chamou e falou:

- Pedro, sinhazinha está abortando seu filho. Ainda bem que o feto veio nos panos e pude enterrá-lo sem que o comendador percebesse.

Entrei em pânico e, dentro do meu íntimo, voltei a Zambe para me lembrar do curandeiro e, nesse momento, escutei-o falar comigo:

- Pedro, você deve seguir sua intuição se quiser salvar a moça. Entre na mata e encontrará ervas para fazer a tão necessária garraçada.

Eu teria de pedir permissão ao comendador para adentrar aquela mata e convencê-lo de que iríamos buscar o melhor. Fui rezando e pedindo proteção aos deuses.

Quando cheguei perto da sinhazinha, ela já estava delirando. Sebastião, como que tomado por um espírito, estava em posição de reverência aos seus deuses. Em grande estilo, ele fazia a dança da cura. Ele dançou um dia e uma noite sem parar ao redor de uma fogueira.

Vi que o comendador não estava se incomodando com ele. Sebastião até ousou falar comigo:

- Pedro, o fogo vai queimar.

Sim, provavelmente era a cauterização, que hoje se realizaria nos hospitais. Mas, por meio das forças da natureza, Sebastião projetava mentalmente a cauterização com a ajuda dos seus deuses.

Enchi-me de coragem, fui até o comendador e lhe pedi permissão para seguir minha intuição e adentrar a mata.

O comendador, em grande desespero, permitiu minha entrada na mata. Como que impulsionado pelos guardiões do Pai Maior, ele próprio falou:

- Sim, vá sozinho. Se está em suas mãos a cura de minha amada, traga o que for necessário.

Segui minha intuição e adentrei a mata densa, como que guiado pela força inspiradora do curandeiro, trabalhada pelo deus da mata. Pedi licença, assim como o curandeiro fazia, e segui adiante. Encontrei, sem nunca antes ter caminhado naquele local, a direção perfeita.

Nesse momento, diante de mim surgiu o curandeiro. Não questionei, somente o segui. Ele não falou nada durante uma hora de caminhada. Em minhas mãos trazia somente um facão para me libertar dos cipós. Chegamos a um local lindo, onde havia uma cachoeira natural que formava, na queda d'água, uma maravilhosa lagoa, que se estreitava e corria em curso normal. Próximo da lagoa, muita argila virgem.

Naquele momento, eu não sabia o que fazer com aquela argila. No primeiro momento, julguei ser barro comum. Aí ele começou a me instruir.

- Pegue a folha grande - e, apontando, ele me mostrou folhas imensas de fumo.

- Pegue a quantidade suficiente desse barro para cobrir o ventre da moça. Coloque a folha por cima do barro. Quando o barro secar, retire do ventre da sinhazinha.

Apontando para trás, mostrou-me várias ervas nativas.

- Pegue as ervas que correm o chão e faça um grande escaldapés, e coloque no pé da moça com panos embebidos. Quando o pano esfriar, troque-o, colocando outro quente, e isso por dez vezes.

- Busque o umbigo da bananeira e faça uma água. Pingue gotas na boca da moça durante o curso do dia. Amanhã ela estará melhor, e você deve trazê-la para cá com bastante

cuidado e colocá-la deitada nesta lama por dois tempos do dia.

- Vá, não perca tempo. Ficarei a seu lado. A meia-noite, pegue o pano ensanguentado e o enterre, ofereça à deusa Terra, para que ela venha tomar conta e curar a moça.

Retornei em menos de uma hora, pois o tempo agora se tornava nosso inimigo. O caminho agora já estava limpo, facilitando minha volta.

Em grande delírio, encontrei a doce Ermelinda. O pai já não falava, só olhava aflito.

Em seu delírio, ela só me chamava:

- Pedro, Pedro, Pedro...

Senti pavor, mas tinha de prosseguir. Naquele momento pensei: "Será que o comendador compreende o que há entre nós?"

Foi quando ele me viu e falou:

- Como é, Pedro, conseguiu o necessário para ajudar a minha filha? Até parece que ela sabe que é você quem vai ajudá-la, pois não parou de chamá-lo!

Não falei nada, somente balancei a cabeça. Pedi à mucamba para preparar a argila sobre o ventre da moça e cobrir a argila com as folhas de fumo. Enquanto ela tomava essa providência, preparei a água com as ervas, colocando perto da sinhazinha a bacia de água quente, e lhe pedi para fazer as compressas nos pés de Ermelinda.

Pedi todas as forças e me vi fazendo coisas que não compreendia, mas eu fiz com o umbigo da bananeira.

Ficamos nesse processo com a Ermelinda durante vinte quatro horas. Durante esse tempo fui inspirado pelo curandeiro.

Neste ínterim, o mensageiro já havia atingido Ouro Preto e estava a caminho de retorno com o doutor.

Nós já estávamos acampados perto da cachoeira e formamos um segundo acampamento. Não houve rejeição, por parte do

comendador, de levar sinhazinha até a cachoeira, pois a melhora ocorreu com perfeição.

Por intuição, Sebastião fez outra garraizada com um torrão de rapadura e um torrão menor de sal, o soro artesanal, e passou a lhe dar uma colher de hora em hora.

Ela já correspondia bem ao processo que nos propusemos a realizar, deixando a bondade maior atuar por nossos atos.

O nosso segundo acampamento contava com dois capitães do mato, cinco escravos, contando comigo e Sebastião, e a mucamba, por ser necessário maior número de escravos e vigilantes junto à caravana. Foi determinada por Belar esta distribuição de escravos e capitães, pois o local em que nos encontrávamos era de difícil acesso, e nos parecia que era a primeira vez que o homem havia atingido aquele espaço.

Com a chegada do doutor, houve necessidade de nos afastarmos para os exames necessários. A mucamba acompanhou tudo, e também pediu silêncio ao doutor sobre o assunto. Ele falou ao pai de sinhazinha que ela tivera um processo natural de moça recolhida a sete chaves, por ter enfrentado tão árdua caminhada, até então nunca realizada.

Por detrás, ele, o doutor, recebeu da mucamba anel belíssimo que pertencia à sinhazinha. Com toda a garantia, Ermelinda agradeceria à própria mucamba pela postura discretíssima em resolver o problema.

As recomendações foram de permanecermos ali por uma semana e, depois, seguirmos para Ouro Preto, paragem que deveria ser realizada para o check-up, pois ele próprio, o doutor, viu que dali poderia retirar mais algumas moedas de ouro.

O comendador providenciou um mensageiro para correr a trilha até Sabarabuçu e levar a mensagem à Câmara, pois a data não iria se cumprir em tempo hábil.

A semana passou, a bela moça, apesar de estar se recuperando favoravelmente, estava muito fraca, perdeu as belas formas por ter perdido muito líquido.

Ermelinda, criada de forma muito mimada, não admitia ter perdido totalmente as curvas que a embelezavam, e passava por um processo de tristeza profunda e melancolia. Estava em depressão.

Até então não tínhamos conhecimento de que esse processo emocional ocorre com várias mulheres quando há a perda de um filho, mesmo sem ela ter noção no campo concreto da consciência. No nível do inconsciente, a mulher sabe que está espetando um filho.

Mas, para o comendador, ela estava viva e isso bastava. E ele disse:

- Não se preocupem, ela vai se recuperar.

Assim a mucamba fazia, acalentava a jovem, afirmando-lhe que o melhor remédio era o tempo

Hoje, Neil nos ensina que esse belo processo de readaptação de alguns espíritos ao planeta Terra requer paciência por parte de todos os envolvidos. O aborto natural é providência divina que auxilia os espíritos necessitados do choque com o veículo denso. O calor do ventre de uma mãe lhe aquece a alma, garantindo-lhe o choque de amor para, em outra oportunidade, ele ganhar força necessária e seguir o curso natural da reencarnação.

Já o processo do aborto forçado, provocado pelas mãos dos próprios irmãos, esse é danoso, triste de se presenciar e árduo de se ressarcir, pois os espíritos envolvidos criam mais débitos, e os credores encontram campo favorável para continuar o processo de cobrança que os aprisionam, adiando o encontro com a verdadeira libertação.

Mas a lei se encarrega de reajustar todos os processos.

Este momento que eu e Ermelinda passamos foi de aprendizado para nós três, porque o irmão reencarnante teria de, antes de ter a oportunidade de vivenciar a experiência do retorno à vida, passar por um choque no espaço uterino a fim de ganhar força energética para, em outro corpo, poder ressarcir seus débitos.

Neil também me explicou que não é uma regra geral, e que cada caso é um caso. Só que nosso relacionamento proporcionou esse alívio ao irmão que estava enfraquecido e precisava de força para realizar o choque. Os abortos naturais são concedidos pela força Criadora como um processo de amor. Mas o aborto provocado se torna contra a lei maior, pois o próprio Mestre nos ensinou que não deveríamos tirar a vida de nenhum irmão.

Fiquei aliviado, pois me julguei um criminoso, naquele momento, por ter me envolvido com Ermelinda.

Voltei ao momento que estava recordando. Voltei a Zambe, lembrei de minha esposa amada e do meu filho, e também percebi que já havia se passado muitos anos desde que me tornara escravo, e que Tuã, provavelmente, já alcançava a pré-adolescência, a correr por Zambe, e sua mãe a lhe contar como foi que eu os protegi dos invasores portugueses.

Orei aos deuses e pedi conforto para aqueles que estavam distantes e dos quais eu não pude acompanhar o crescimento. Nessa altura, nos preparávamos para retornar à marcha. Noite de lua grande, bichos agitados, dando sinal de emboscada. Sebastião ficou todo arrepiado. Era assim que ele falava quando registrava energias confusas no ar. Ele se aproximou de mim e disse:

- Lembra-se quando foi capturado e que, intuitivamente, estava andando com sua família e teve tempo para salvá-los?

- Sim, Sebastião, me recordo. E daí?

- Pois creio que vamos enfrentar alguma investida, e que não será agradável, principalmente para mim. Olhe os olhos dos cachorros nos demonstrando pavor. Eles estão agitados como se estivessem vendo espíritos ruins. Vou avisar o comendador Belar dessa minha suspeita. Fique de olhos abertos e não se descuide da moça, pois os revoltados, pelas histórias que já ouvi serem contadas, roubam moças e as tornam escravas, para vendê-las, e sinhazinha daria um excelente preço.

-Tive pavor. Pela segunda vez, fui para perto da tenda de Ermelinda e fiquei em alerta, esperando o pior. Estávamos bem afastados do acampamento maior e, por causa da organização para a partida, naquele momento se encontravam conosco, nesse segundo acampamento, o comendador, a mucamba e mais três negros. Se algo acontecesse, teríamos de lutar até a morte, se fosse necessário.

23

A emboscada

Assim ocorreu a emboscada. Sebastião comunicou ao comendador Belar sobre seu pressentimento. Imediatamente, Belar pediu a Sebastião para ir o mais rápido que pudesse até o acampamento maior para trazer reforços. Sebastião, como um raio perfeito, entrelaçou o corpo por entre a mata, não seguindo a trilha já formada. Como índio, trazia a condição de rastrear, sem ser notado, o caminho melhor para trazer os vintes escravos, como ordenou o comendador, os capitães do mato e alguns tropeiros, permanecendo somente cinco dos

escravos, alguns capitães do mato e alguns tropeiros para cobrir a defesa do acampamento.

Eu e sinhazinha, juntamente com a mucamba, ficamos recolhidos por detrás de uma enorme pedra, de onde eu podia observar tudo. Em *flashes*, os quadros me surgiam na mente. Zambe, a minha deusa com meu filho nos braços se ocultando dos invasores. A cena se repetia.

Como é estranho o circuito cíclico. Naquele momento, meu sentimento voltado a Zambe me cobrava: eu deveria ter ficado com minha esposa e meu filho, não me expondo ao campo de batalha, mas, pelo impulso natural, optei por lutar e defender minha tribo.

Por que será que estava dentro dessa trama? Fui escolhido para defender a filha do comendador, aquele que, de uma maneira ou outra, fez a encomenda de buscar na África um negro forte para auxiliar em suas necessidades. Eu, o capturado, defendendo a vida dos que retiraram a minha.

Quantas perguntas assolavam minha mente em poucos segundos! Quando, de repente, escutamos tiros. O comendador, com o próprio punho, atirou para cima e falou:

- Vocês aí, que estão escondidos, saiam e digam o que querem.

Nenhum movimento foi manifestado, silêncio total. Sinhazinha chorava em silêncio, ainda enfraquecida. Ela registrava culpa, pois, se não tivesse se aproximado de mim, não teria tido aborto e, provavelmente, já estaríamos em Ouro Preto em segurança.

A mucamba falou:

- Silencie, não é hora de arrependimentos, fique quieta. Eu estava atento a todos os barulhos. O comendador deu outro tiro e falou:

- Seja homem e apareça. Vamos conversar.

Assim ele ganharia tempo para os escravos e os outros chegarem com Sebastião. De repente, uma voz:

- Comendador, estamos te seguindo desde que saiu do Rio de Janeiro. Hoje irei ajustar as contas.

- O que queres? E dinheiro? Apresente-se.

- Não, queremos mais, vamos levar sua jóia preciosa, ela nos vale muito mais.

Nesse momento, Ermelinda desmaiou, e assim foi melhor.

Pelo menos, silêncio total. Belar gritou novamente:

- Apresente-se, é uma ordem.

Nesse momento, Sebastião, de peito aberto, chegou à clareira.

O comendador gritou:

- Saia daí, Sebastião!

Mas foi tarde demais. Um tiro foi acertado bem no peito de Sebastião, e ele foi ao chão. Ficamos paralisados,

pois ele não registrava nenhum movimento ou respiração.

Neste mesmo tempo, Belar falou:

- Não saiam dos seus postos, fiquem onde estão. Sebastião está bem.

Gargalhadas escutamos, e o invasor falou:

- Gostou, comendador, o seu guia agora é só carcaça. Como é, vai nos dar a jóia sem violência, ou teremos de utilizar a força?

O comendador falou:

- Venha buscar, se és homem.

Começou uma grande confusão. Os cachorros ganharam liberdade, e correram em direção ao flanco maior. Os saqueadores se mostraram, eram em torno de vinte homens violentos e dementados, sem nenhum escrúpulo, alimentados por vingança.

Tiros, lutas, facas, tudo a vibrar em grande proporção. Retirei do bolso um canivete bem afiado, dei-o à mucamba e falei:

- Tome conta dela, vou ajudar o comendador.

O meu espírito de guerra ressurgiu outra vez. Vi-me retirando vidas, cortando pescoços e amparando o comendador. Eu lutei, matei e mutilei homens. O comendador foi baleado e poderia ter morrido se eu não o tivesse empurrado.

Aproximei-me de Sebastião e vi que ele ainda estava vivo. Arrastei-o, retirando da confusão, e voltei para a luta. Perdemos cinco escravos e, dos saqueadores, somente dois ficaram vivos, que pediram para não ser mortos.

Mas foi por pouco tempo, pois, logo após a confusão, o próprio comendador fez o julgamento e os executou, por medo de represália. Pediu aos homens que enterrassem todos os mortos, para não deixar registro nenhum, e que, depois daquele momento, ninguém comentasse o ocorrido.

Após as arrumações necessárias, nos colocamos em marcha para alcançar a tão famosa cidade de Ouro Preto, ou melhor, Vila Rica, que mais tarde seria apelidada de vila pobre pela queda do ciclo do ouro e, finalmente, ganhando o belíssimo nome que até hoje vigora com todas as pompas justas, pelo que a cidade hoje é.

Tivemos a grata satisfação de ser acompanhados por outro grupo de tropeiros que a bondade divina permitiu que estivesse passando pelo local, e ofereceram préstimos ao comendador ao verem-no com o braço na tipóia e Sebastião sendo arrastado por uma enorme armação feita por madeira e forração nativa, que ele próprio nos ensinou a fazer. O ferimento de Sebastião era grave, jorrava, às vezes, muito sangue, e aí era necessário estancá-lo.

Em caminhada normal, gastaríamos quatro dias de marcha pesada, mas levamos seis. Chegamos a pensar que Sebastião não resistiria. Ele passou por delírios imensos. Eu presenciei, por várias vezes, sua fala, e ele conversava com seus antepassados da tribo dos tupis. Em uma das vezes, ele começou a narrar sua história

sob forte emoção íntima. Mesmo delirando, ele chorava. Creio que chorava pelo aprisionamento que o fez perder a condição de correr, como falava no seu delírio:

- Índio corre e busca alimento para tribo, vou e trago o necessário.

E, nesse processo, por vezes, cantava aos seus deuses e silenciava. Percebi que ele tinha retornado à sua tribo, junto ao seu grupo alma.

Nesse momento, chorei. Não sei como pude me interligar a ele e vê-lo dançando a dança da fertilização do terreno. Não precisava de palavras para decifrar o que eu via, apenas sentia.

Hoje, junto ao meu companheiro guia de todas as horas, Neil, encontro apoio para minhas indagações, e uma delas foi esta:

- Como eu, encarnado, pude aferir esse processo que era só do Sebastião?

E, com toda a paciência, Neil me respondeu:

- Pedro, entre o céu e a terra há muitos espaços de atuação que o Pai Maior permite ao homem compartilhar, para que surja o despertar do coração. Naquele momento, você foi agraciado por essa interligação, que lhe oportunizou aprimorar seus sentidos no tocante ao próximo. Como esse registro ficou também impregnado em seu conceito mental espiritual, agregado a outros, possibilitou-lhe perdoar os companheiros e não prosseguir no mesmo parecer de vingança.

Se os homens prestassem mais atenção nos momentos ofertados pelo Pai, o desenrolar das encarnações estaria mais evoluído; o planeta Terra ganharia mais harmonização; os companheiros que ainda estão aprisionados na busca da vingança não encontrariam pólo de atuação; e todos os que estão enclausurados nos sentimentos maltrabalhados seriam beneficiados. Mas cada um desperta no seu tempo.

Voltando ao momento em que eu registrei minha encarnação, Ermelinda se apresentava bem melhor, estava falante e já trazia a seu pai maior tranquilidade.

Chegamos a Ouro Preto, terra escura envolvida por montanhas, majestosas montanhas, que até hoje enaltecem como uma apoteose riquíssima, mas não de ouro, e sim de vibração ao Pai Maior.

Pena que os homens registram seu proceder, em terra tão benéfica, com sentimentos de destruição. Hoje, buscam as energias das drogas de todas as ordens para satisfazerem o próprio ego, ego falido que fica à espreita do infortúnio inconsciente. Quantos companheiros a se misturar com o registro de dor dos escravos, subjugados pela revolta íntima, e que ganham vulto no próprio proceder, tornando-se mártires do contexto vigente.

Faz-se necessário a conscientização de que todos os filhos do Pai Maior devem orar para abrandar a vibração inferior de sentimentos mal conduzidos.

Vila Rica ofertava, neste momento da história, empregos a todos os que por ali passavam e sitiavam. A troca ali acontecia como recurso palpável de sobrevivência. Arroba de carne trocada por quilo de farinha, rapadura já trabalhada trocada por palmito, comida preferida dos bandeirantes. As histórias eram contadas pelos cantos das Minas Gerais sobre esses valentes homens, que, por determinação íntima, cortaram estradas para galgar a riqueza tão almejada.

Chegamos ao estabelecimento do dr. Armando. Fomos recebidos com toda a atenção devida a um comendador do grau de autoridade que trazia Belar. A nossa espera estava o doutor, pois o capataz de Belar foi à frente para orientar o médico do ocorrido, dando-lhe tempo para se preparar para receber o comendador.

Com duas assistentes, água quente e muitos panos, ele já estava pronto para atuar. Ele nem se lembrou da pequena jovem a quem havia dado assistência na estrada, pois teve de se envolver com Belar e Sebastião, que estava entre a vida e a morte. Belar havia lhe pedido que atendesse primeiro Sebastião, seu homem de confiança, o que surpreendeu a todos. E foi melhor ele não se lembrar da sinhazinha, pois assim não mexeu na ferida e ela não precisou dispor de mais nenhuma joia.

O comendador ordenou que a mucamba levasse sinhazinha para o melhor estabelecimento de Vila Rica, para o adequado asseio, alimento quente e roupas limpas. Nós, os escravos, ficaríamos por ali assegurados pelos capitães do mato. Agradecimentos adequados aos tropeiros que se juntaram a nós e recompensa justa pela grande gentileza.

O comendador era bem político, e sabia como lidar com qualquer situação. Fiquei sentado em uma pedra belíssima, admirando a beleza de Vila Rica. Voltei a Zambe e, pela pouca compreensão, observei o espaço geográfico de Vila Rica e comparei-o com o de Zambe. Que deus era aquele que construía diferenciações em terras para o homem habitar? Que saudade de minha terra natal, mas Vila Rica era embriagante! Nessa altura do dia, o sol se pondo dava reflexos espelhados às montanhas, tal como senhoras vestidas brilhavam nos famosos saraus de época bem conduzida, refletindo o movimento natural do findar do dia. As luzes formadas por entre as rochas delinearão um quadro indescritível na minha mente, que até hoje consigo vivenciar. Pena que o homem atual não se permita parar e registrar a beleza de Deus.

O Pai Maior reflete a vida por oportunidades belíssimas, mas nós criamos fendas de desalento e temos de buscar a corrigenda em caminhada do porvir.

Ficáramos em Vila Rica por uma semana, pois o comendador e Sebastião precisavam se restabelecer dos ferimentos. Sebastião recebeu uma bala profunda, que o atingiu no meio do peito. Mas, por graças maiores e proteção de seu guia, a bala foi desviada, não atingindo o coração.

Perguntei a Neil como um guia pode intervir nesses momentos, e ele me explicou que, quando os homens encarnados, durante a vida, trazem um procedimento de amor, pacificação e trabalho, recebem do alto um acúmulo de energia para ser utilizada nas horas de necessidade maior. Em razão de Sebastião jamais ter contrariado o processo do aprisionamento, a ele foi concedida essa proteção e, no momento em que a bala foi direcionada a ele, seu mentor teve recursos para interferir no processo e ajudá-lo, comandando para que virasse o corpo. A bala, que estava direcionada para atingir o coração, o atingiu mais para a direita, poupando-lhe a vida naquele momento.

Doutor Armando levou exatamente oito horas operando Sebastião, e a cirurgia foi realizada com sucesso. Conseguiu estancar o sangue e cauterizar a perfuração. A bala só não foi retirada em razão da profundidade em que se localizava.

O comendador ficou alojado, juntamente com sua filha, numa hospedaria de maior requinte. Caldos quentes e quitutes da melhor qualidade foram a eles ofertados, pois ele próprio seria promessa para Vila Rica.

O comando que exerceria em Sabarabuçu reforçaria o desenvolvimento em Vila Rica. Nós, os escravos, ficáramos alojados no estabelecimento dos tropeiros. Fui escalado para ficar perto de Sebastião o maior tempo possível. Foram horas intermináveis. Fiquei atrás do ambulatório com ele, em um quarto de tábua cujas frestas favoreciam o frio ser o dono da noite. Por Sebastião estar com febre alta, cobri seu corpo com o único saco que sobrava. Podia perceber, por uma das frestas,

a estrela maior. Naquele momento, voltei àquela embarcação nojenta. Lembrei do meu irmão de sangue sendo empurrado para dentro do mar. Era como se ele tivesse a oportunidade de reavivar minha memória e adentrar na minha mente com aquele olhar de despedida, ressuscitando minha revolta. Olhei Sebastião, naquele momento um trapo humano, nascido nas terras brasileiras e também aprisionado pela inconsciência de outro homem, tal como ele.

Tentava organizar minha mente, mas era impossível, e mais uma vez fui maltratado pelos deuses e chorei, porque senti a presença de minha amada e de meu filho bem próximos a mim.

Após momentos de aflições maiores em relação à saúde de Sebastião, ele começou a recobrar a consciência. Nesse espaço de tempo do qual pude desfrutar com ele, fiquei sabendo um pouco mais sobre a vida daquele grande homem.

Índio, natural do Brasil, terra antes conhecida por vários nomes, que os desbravadores assim a abençoaram: Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e, por último, Brasil.

O nome BRASIL traz uma vibração belíssima. Se os brasileiros soubessem o teor da vibração do nome, trariam a terra pátria com maior amor. Cuidariam da casa que lhes garante a sobrevivência, depositariam nesse lar as bênçãos concedidas pelos talentos cedidos pelo Criador e os multiplicariam em crescimento mútuo. Mas o homem ainda vislumbra a infância das querenças e se permite perder a encarnação.

Sebastião pertencia a uma tribo tupi localizada próxima ao litoral. Andavam sem nenhuma proteção para o corpo. Os índios não conheciam vestimenta como os portugueses, porque, sendo o Brasil um país tropical, os índios não sentiam a necessidade de cobrir o corpo como o europeu, cujo clima os obrigava a vestimentas pesadas.

A defesa da tribo cabia aos homens, e o alimento às mulheres. Percebia semelhanças com minha tribo africana. Como somos todos iguais, não é?

Naquele tempo, os índios respeitavam as mulheres e vice-versa, normas naturais se encontravam na tribo, campo próprio para o ensaio para a vida. Assemelhava-se à minha tribo, que fora também destruída pela ambição dos homens.

A tribo de Sebastião permanecia em uma enorme clareira circundada de árvores, que favoreciam a proteção necessária. Pelo relato, a comida era deliciosa, tapioca, caldos com ervas naturais que, em vosso tempo, pelo desgaste, se fez perder a essência das mesmas, doces feitos com o mel que exalava das árvores, tal como era favorecido pelo famoso pau doce. Eu mesmo tive a grata felicidade de deparar com a origem indígena, e hoje posso observar que os homens de cultura vasta ainda não conseguem compreender o espaço do outro, e sempre o retiram sem nenhum respeito.

Na época de Moisés, era cultuado o "dente por dente". Depois, o Construtor Maior enviou o exemplo de pacificação, o nosso amado Mestre Jesus. E outra vez o homem, por se julgar senhor, buscou os exemplos do rabino e instituiu as religiões e, com elas, em nome do Pai Maior, aniquilam o próprio irmão.

Os companheiros que hoje, por resgate natural, encontram-se experienciando o vislumbre dessa etapa carregam consigo o dever de amar a pátria, auxiliar com amor todos os irmãos, que, prisioneiros, estão em busca da libertação do cárcere da alma.

Encontro-me sentado margeando as esferas mentais de Sabara. Olho meus irmãos a buscar o desenvolvimento monetário, mas me entristece vê-los perdidos do elo maior, que é o próprio regaste das energias de paz. Os antigos moradores desta modesta cidade trazem o conhecimento, pela história, de

massacres e dores, de todas as ordens, aqui ocorridos, mas não param para elevar o pensamento em favor da coletividade que perambula pelas ruelas, vivendo ainda a época dos senhores e suas senzalas. Sabara, como outras cidades que registraram no campo periférico e no campo central energias de aprisionamento, deve sintonizar com o Pai para a libertação das energias estagnadas. Cabe aos moradores unirem-se para transmutar o magnetismo instalado pelos irmãos do tempo. Junto com Neil faço sempre a oração de amor aos companheiros que estão aprisionados nos quilombos íntimos, espreitando a hora certa de atacar o senhor da mata e os feitores. Fora aqueles que estão esperando o momento para aniquilar o próprio dono, aquele que marcou a alma pela crueldade dos comandos. E choro pelos irmãos que ainda estão ressecados esperando voltar ao coração da África.

"Oh! Majestosa Rainha, senhora acolhedora dos filhos que projetados foram à vida, lançados às experiências da partilha mútua, concita ao Criador o alívio tão necessário àqueles que perdidos se encontram em busca do alívio da mente, que os aprisiona nas margens das vinganças.

Libertadora Mãe que se posta em harmonia perante os companheiros que experimentam a dor, lança-lhes o tônico esclarecedor e pacificador, dilatando a percepção para assim alcançarem a atualização planetária.

Mãe, que eterniza a doçura de mulher, preencha o perímetro energético dos feridos do tempo e os envolva em tua libertação.

Aos irmãos que ainda estão aprisionados nos quilombos de Sabara, e a todos os que estão atados à cobiça da vingança.

Que assim seja!"

A história de Sebastião

Sebastião, pela jornada da vida, foi um filho sem conflitos maiores. Atendeu com suporte necessário às demandas da tribo, e após ser capturado permaneceu na sobriedade do gentio, formando uma gleba de benfeitores a lhe garantir de benesses.

Fico observando como é perfeito o proceder do Pai Maior. Acolhe os filhos com brandura, e nós, por vezes, renegamos o acolhimento, tal como Jesus elucidou: "Bem-aventurados os puros de coração"¹.

Fico observando o proceder dos irmãos encarnados e trabalho o meu íntimo para compreender por que o homem ainda necessita experimentar a dor. Não é o mesmo que aprofundar na ilusão do vivenciar e negar a estrada real da vida?

Como se estivesse delirando, mas ao mesmo tempo permanecendo na vigília, Sebastião continuou sua história:

- Éramos um povo livre, não sabíamos que uma pedra arrancada da terra, o ouro, poderia aprisionar, matar, sacrificar e torturar tantos homens.

A minha tribo ficava alojada no coração da mata. Por não termos ambição, andávamos sem nenhuma proteção para nossos corpos, pois nossos sentimentos não estavam recobertos pela ganância, então, não havia necessidade de nos ocultar.

Os homens respeitavam as mulheres e, assim, a partilha era compactuada. Normas naturais se encontravam no campo propício do ensaio natural da vida.

Enquanto Sebastião relatava sua história, eu recordava a

¹Mateus V-8.

minha, pois eram semelhantes. Hoje fico junto com o companheiro Neil orando ao Criador para que Ele, na sua bondade infinita, venha a encontrar nos espíritos encarnados uma brecha para tocá-los e despertá-los do inconsciente que ainda almeja a vingança.

As vezes, me perco em minhas divagações. Não compreendo por que a vida tomou este rumo. Se o Pai nos fez puros de alma, como podemos destruir a própria moradia íntima e a externa, que nos viabiliza a sobrevivência? Será que, na torpeza, o homem se permite embriagar no ilusório e se torna cada vez mais o vilão da sua própria vida?

Nesses momentos de profunda meditação, Neil se aproxima e me traz o equilíbrio necessário para seguir a jornada.

- Querido Pedro, o Pai de Bondade Maior jamais abandona os filhos. Jesus, quando encarnado, trouxe ao homem planetário a lei de amor. Exemplificou a libertação da posse, pois se fez homem simples, andarilho a percorrer as almas sequiosas do conforto espiritual. Jogou a semente, pois como semeador saiu a semear. Como você bem sabe, somente as terras íntimas, propícias à fecundação, permitem-se serem tocadas pelo real estar. Sendo assim, o homem só será tocado pelas palavras do rabino quando abrir a porta íntima.

O tempo é o melhor remédio para libertar o homem prisioneiro da cobiça. Sempre que este guardião, Jesus, se aproxima, traz o equilíbrio com suas emanações de amor. E, neste momento, convido todos a interagir nesta oração de conforto à alma.

Neil colocou-se em profunda ligação com o Criador e orou com toda a pureza de sentimento:

"Pai Criador, como teu filho Jesus, nosso irmão, nos ensinou, ajuda-nos a semear o caminho do bem, para que este caminho seja o conforto dos irmãos que ainda não engrandeceram o coração com a simplicidade do perdão.

Fortaleça os companheiros que se ajustam na seara do bem, equilibrando, assim, esta corrente focalizada pelos apóstolos, irmãos preparados para contagiar as nossas almas de luz.

Estimule os companheiros a navegar no mar da vida como grandes pescadores de almas necessitadas, como a nossa.

Que assim seja!"

Ficamos contemplando o céu e, naquele momento, ele se tornou tão translúcido que me permitiu sentir a presença do Criador no ambiente com tamanha força que pude perceber o que Francisco de Assis sentiu em toda sua existência.

Como ainda preciso realizar dentro de mim o sim diante do Pai, e falar com toda a alma "Fazei de mim um instrumento de sua paz!"

Sebastião continuou sua narrativa. Naquele momento, já avançando a noite, vi a estrela maior fazendo a curvatura natural e, enquanto o ouvia, chorava em silêncio.

- Nossa aldeia era grande, tínhamos o sábio, que era nosso curandeiro, que tudo sabia e nos ensinava. Ele só não foi capaz de compreender o sinal das aves naquele momento fatal. Ele pensou que poderia ser um animal grande que estava espantando os bichos que dividiam o espaço com ele. Apontava para o céu a mostrar que eles estavam desorganizados, amedrontados, buscando refúgio na mata densa quando, de repente, um silêncio enigmático assolou a floresta e ficamos imóveis.

E fomos roubados por homens de armas que, para impor, mataram o curandeiro sem pedir licença. Desarmaram-nos imediatamente. Ficamos, naquele momento, sem nossa proteção, parecia que nossos deuses haviam desaparecido.

Hoje, após muito ter pensado sobre esse assunto, imagino que mataram o curandeiro por temer que ele pudesse fazer algo contra eles, pois era o único que gesticulava e falava pedindo

proteção aos deuses da mata. Parecia que ele sabia que, em breve, estaria com eles.

Como os homens chegaram e pediram silêncio por meio de gestos e da fala, e ele estava tão envolvido que não os escutou, retiraram-lhe a vida e a nossa também.

Homens brutos, sem nenhum trato, pegaram minha esposa e abusaram dela. Todos eles, porque ela era a mulher mais jovem e bonita da aldeia. Tentei lutar com eles, mas me amarraram no tronco bem diante dela, e me fizeram assistir à triste cena de ver minha companheira ser assassinada diante dos meus olhos. Eles não tiveram complacência. Ela estava grávida do quarto filho, e tudo foi ocorrendo, o aborto e eles esperaram ela abortar. Nessa altura, já desacordada estava, e eu pedi ao deus da morte que a levasse, pois não pude mais aguentar tamanha crueldade.

Chorei e, quando perceberam que eu estava chorando, me bateram muito. Fiquei bem dolorido, do corpo e da alma. Para finalizar a barbárie, mataram todos os meninos e velhos da tribo, pois seria carga difícil de carregar.

Não fizemos nada; eles fizeram tudo. Fiquei por muito tempo sem entender o que havíamos feito para passar por tudo aquilo. Ainda hoje me pergunto: por que eles não pediram licença para entrar? Por que eles não explicaram que precisavam dos nossos serviços? Por que eles mataram tudo o que tínhamos, até a nossa vida? Por quê?

Fiquei mudo, não tinha o que falar, pois a dor dele era semelhante à minha. É muito difícil recomeçar e, tanto ele como eu tivemos de silenciar e continuar a jornada. Talvez, por ele ser pacífico como eu, ou talvez pelos mentores que o inspiram, ele, como tantos, resistiu à tamanha crueldade.

Recuperei a força mental e lhe perguntei:

- Sebastião, como era o seu *habitat*?

- Bem, Pedro, vivíamos em mata densa, com o curso natural da água a nos favorecer. Havia uma belíssima queda d'água a nos convidar a banhos deliciosos. Como a mata era bem condensada, não havia para nós este calor que ora sentimos, pois a natureza, por si mesma, nos provia desse deleite.

Os animais corriam com tranquilidade, envolvendo todos os deuses. Não havia pânico. Vivíamos...

Sabe, encontro-me sempre na interrogativa. Por que será que o espírito encarnado precisa aprisionar o outro? Por que será que o diálogo no vosso meio é tão árduo? Por que ainda mesmo com a psicologia nos guarnecendo com tantas explicações, o homem do século tecnológico se aprisionou na informatização e virou as costas para a expressão mais bela do Pai, que é a vida?

Por que os homens atuais não se permitem sustentar a família? Por que cuidar, direcionar, disciplinar e evangelizar tornou-se obsoleto, como um chip inútil para a evolução do homem-espírito?

Falível, inconsequente, aturdido, assim é o homem atual, que não busca o princípio da criação e, descompensado, registra a bênção da encarnação construindo somente a desunião.

Como é lindo poder entender que todos somos irmãos e que a partilha é o princípio do Verbo. Homens de fibra, ou melhor, espíritos de amor encarnam para testemunhar a essência do Criador, nos dando exemplo de fraternidade e amor.

Cada país contrai o aprendizado, as dores e o grito abafado. O Brasil, coração planetário que auxilia a oxigenação terrena, traz o compromisso do respeito aos índios e aos descendentes africanos. Mas o homem embrutecido apegou-se ao ouro e deixou de lado o verbo amar.

As instruções do Ministro Fernando

O tempo passa e, a cada dia, tornava-se melhor o estado de saúde do sr. Belar e de Sebastião. A dinâmica cidade de Vila Rica, visitada pela nobreza, dava um ar de suntuosidade a cada detalhe, nas telhas rebordadas a contrastar com o calçamento perfeito, fixado, pedra por pedra, pelos irmãos de cor, que assim tingiram com o suor as tonalidades de vida.

Carros de boi a ranger pelas pedras sonorizavam as ruelas singelas de Vila Rica. Carregavam leite, farinha, verduras, mandioca e toucinho do mais puro produto desenvolvido pelas redondezas

Homens bem trajados, com ternos arredondados e mangas bordadas com rendas a contornar punhos e laterais das blusas, separavam a realeza dos plebeus. As senhoras portavam vestimentas que também qualificavam seu poderio financeiro. Naquele tempo, o homem já escalava, por meio do figurino, quem mandava. Soldados do rei sempre a desfilar na praça central em nome da ordem; tropeiros de todos os cantos manifestavam com tropas enormes as encomendas e descargas de produtos: animais, ouro, alimentos e homens.

Noite fria tal qual eu nunca havia registrado. Nós, os negros, em volta da fogueira feita pelos tropeiros, cujo calor aquecia nossa pele desnudada. Eles, os tropeiros, bem agasalhados, com sobretudo, isolando a geada, e nós, com os pés no chão. O frio penetrava no corpo nos impedindo a perfeita respiração e permanecíamos a bater os dentes.

De repente, um companheiro da cidade, também negro, encostou-se em mim e disse:

- Olha, companheiro, tome esta água para se esquentar, mas não pode engasgar, pois os capitães vigiam tudo e, se

engasgar, eles virão aqui para saber o que está acontecendo, entendeu?

Balancei a cabeça, peguei o copo e virei. Esquentou para valer. As lágrimas rolaram da minha face e, naquele torpor, fiquei paralisado, quando escutei chibatas a cortar o chão, latidos dos cães bravios e gritos.

- Pega, pega, nego fujão, ninguém se movimenta. Fiquem nos seus lugares, vamos fazer a revista.

Tremi, pois achei que iriam me acusar de ter bebido aquela água de fogo. O calor que meu corpo registrava tornou-se gelado de medo, e fiquei a esperar a punição.

Aproximaram, olharam bem dentro dos meus olhos e falaram:

-É ele.

Fiquei aturdido, e não falei nada. Na minha mente, um turbilhão se formou. Se relatasse a eles que o companheiro é que estava com a água, o companheiro poderia alegar que nunca tinha me visto, que era morador da cidade, e eu estava só de passagem, e o castigo seria ainda maior. Neste envolvimento de pensamento e chibatas a tocar o chão, fui despertado do meu devaneio pela fala do capitão do mato.

- Bem, senhores, não sei o que procuram, por isso peço prudência neste inquérito, pois este negro está na diligência do comendador Belar, e não tirei os olhos dele sequer um instante. Então observem bem para que não haja enganos, porque terão de se ver com o sr. Belar.

- Tudo bem - falou o comandante da busca. - Ordeno que retire as calças para vermos se a pepita está com ele.

Fiquei mais confuso. Será que o nome daquela água era pepita? E como eu poderia guardar uma garrafinha dentro de minha calça?

Com a ponta da chibata, ele bateu na minha cabeça e gritou:

- Agora!

Mais uma vez, eu estava exposto. Retirei a calça, e ele rodopiou várias vezes em volta do meu corpo. Não satisfeito, mandou que eu agachasse e, depois, que retirasse a blusa. Estava nu de corpo e alma. Voltei à minha África e senti a morte me avizinhar, pois os cães latiam, a chibata ressoava no chão e a raiva irradiava pelos poros do capitão. Tudo concorrendo para o extermínio.

Um bofetão recebi, e ele falou:

- Fala, negro, onde escondeu a pepita que você roubou?
- Não roubei nada, fiquei aqui o tempo todo, pois pertencço ao comendador Belar - justifiquei-me.

Naquele momento, um dos capitães interveio, e a ele devo a permanência da vida na carne.

- Calma aí! Ele é homem do comendador Belar mesmo, e não saiu daqui hora nenhuma, está sob nossa mira o dia inteiro.

Passando, o carrasco, falou:

- Sorte sua, pois iria ficar sem mão hoje. Um dos tropeiros aproximou-se e disse:

-Vista sua roupa, senão vai congelar, e tome esta água. Ela vai te aquecer. E mais uma vez bebi daquela água ardente.

Os homens se afastaram e, após um segundo, escutamos:

- Ele está aqui.

Pegaram o coitado com a pepita de ouro.

Levaram-no para o pátio onde estávamos. Pedi proteção aos deuses para mim e para ele, pois sabia que iria presenciar mais um desastre humano.

Fizeram ali mesmo o julgamento, pois, pela comarca, os capitães tinham o direito de interrogar e de executar a sentença.

Começou o julgamento, com o capitão do mato chicoteando o chão:

- Vamos, fale sobre seu ato, qual era a sua intenção? -aplicou-lhe três chibatadas.

O negro só olhava, sem expressar um gemido sequer, pois, por ter mentido um tempo atrás, tinha perdido a ponta da língua, tendo a fala dificultada. Ele traiu o próprio irmão de cor, entregando-o para o patrão, cuja sentença seria receber ferro quente por todo o corpo. Este homem ficou deformado na alma e no corpo e, após esse terrível castigo, tomou-se de uma fúria inigualável e, na calada da noite, buscou o ferro quente e queimou a língua do negro, deixando sem condição de fala e paladar. Após alguns meses, suicidou-se.

O capitão não conhecia esse fato, e continuou a chicotear o negro. Já irritado pelo silêncio, buscou um alicate e o levou ao fogo. Quando estava em brasa, chegou próximo da orelha direita do negro e disse:

- Vai falar por bem ou por mal?

O negro só murmurava e balançava a cabeça.

Ele pegou o alicate e apertou tanto a orelha do negro que, quando parou o castigo, um pedaço da orelha ficou torrado no alicate.

As torturas continuaram até que o capitão falou:

- Abra a boca, negro fedorento, deve ter mais ouro dentro dela
- e lhe aplicou uma bofetada com tamanha violência que, quando o negro abriu a boca, cuspiu dois dentes.

O sangue jorrava pela boca e pingava da orelha. Por que se fez necessário tanto sangue?

Quando capitão viu a ponta da língua chamuscada, deu uma grande gargalhada e falou:

- Está explicado, já é um corrupto. Vou livrar a sociedade desse entulho, ladrão e traidor.

Colocaram-no no tronco, buscaram o cutelo, estenderam suas mãos para cima e, num único e certo golpe, retiraram as duas mãos do coitado, que imediatamente desmaiou, permanecendo assim até a morte.

Olhando com tamanha satisfação, o capitão do mato falou:

- Há anos vocês sofrem por não serem corretos nas ações. O que leva vocês a querer castigos? E tão fácil não sofrer, mas os sem-alma não têm raciocínio, não é? Então não importa as dores, porque dentro dessas cabeças deve haver somente títica - e, virando-se, saiu nos repudiando.

Noite gélida. Eu não conseguia me acostumar com esse proceder dos homens brancos, e começava também a odiar os irmãos de cor. Ainda hoje fico buscando a razão para entender por que o filho criado pelo Pai Supremo se deixa seduzir pelo fascínio do perecível? Por que as coisas do Criador são tão árduas para nós, filhos em desenvolvimento, colocarmos em prática?

Vemos homens comprometidos, na atualidade, com a mesma demanda do ontem. O Evangelho foi aposentado nas estantes do íntimo, e permite o bolor ocupar espaço no mental coletivo, danificando, assim, o mais belo, que é a vida espiritual.

Ficamos silenciosos aguardando mais um renascer. Parece que os raios de sol reluzem na alma nos dando bom ânimo para seguir a jornada.

Ouro Preto, majestosa cidade, um quadro belíssimo de se apreciar. Não sei bem por que naquela manhã, apesar dos momentos doloridos vivenciados, não me deixei abater.

Um halo de amor exalava o perfume embriagador que se misturava com as quitandas que eu não iria degustar e com o perfume das floradas da época, um banquete dos deuses a encantar nossas almas.

Aproximei-me do beiral, o que me facilitava ver o começo do dia. Pude ver a beleza de uma cidade que mais parecia um quadro do que realmente uma cidade em movimento. As casas, a descer a ladeira bem esquadrinhada, me deixaram sufocado por tamanha beleza ali emoldurada pela capacidade do próprio homem.

Pude avistar, por entre as ruelas, uma negra carregando quitandas, e fiquei imaginando que ela provavelmente se utilizava da fala para vender seus quitutes, porque ora e vez uma daquelas portas pesadas se abria e me permitia ver as mãos buscarem as quitandas e as moedas retornarem às mãos que ofereciam as guloseimas. Naquele momento, vi como foi que o homem se fez escravo de si mesmo. Pela necessidade da evolução e do poder, foi criada a moeda, o cárcere da alma.

E o homem, ainda na infância, percorre a ajuntar moedas. Como relatei, do parapeito eu observava o delinear dos telhados, com uma visão quase que aérea, a cidade ganhava uma forma de um belíssimo tapete esquadrinhado. O terreno, ora em sulcos, em alto-relevo, como um verdadeiro ondular de formas e cores.

Os lampiões cuidadosamente sendo apagados por um imediato da cidade, que trazia a função de acender e apagá-los.

Neste plano, no qual hoje aprimoro meu espírito, tenho oportunidade de visitar a bela Ouro Preto. Sento-me no mesmo parapeito e me delicio com a beleza dessa cidade singela, mas ao mesmo tempo oro por tantas almas que se seduziram por esse magnetismo embriagador que traz esta estância na Terra e pelos que hoje transitam na luxúria dos vícios de todas as ordens.

Num destes momentos, fui acompanhado por Neil, e ele me viu rogando ao Pai Maior e me pediu que inspirasse de novo a prece que, junto a mim, iria direcionar também aos irmãos cárceres de si mesmos.

Envolvi-me em profundo amor e falei:

"Santíssima Mãe, mulher que prossegue na jornada planetária em busca do reajuste dos filhos aprisionados no martírio da vingança, concita junto ao Altíssimo o alimento para as almas que estão aniquiladas por não saberem perdoar.

Oh! Doce Mulher, que somente de teu ser exala a sabedoria, envolva teus filhos entorpecidos no ódio inseparável e eleva-os ao encontro do Criador, para que sejam tocados pelo halo de paz.

Que assim seja!"

Escutei ao longe badaladas e algumas senhoras apressadas para a missa dominical. O padre, na porta da catedral central de Ouro Preto, já as esperava, para abastecê-las com palavras de bom ânimo.

Vi minha princesa, depois de alguns dias, sendo acompanhada pelo comendador e pela mucamba. Voltei a minha mente aos prazeres sexuais que desfrutei com ela, e me julguei injusto pela recordação que trazia de minha mulher e meu filho. Permaneci ali a divagar nas lembranças de Zambe.

Em Zambe não tínhamos as missas dominicais, mas nossa tribo trazia e ainda traz a reverência aos nossos deuses, e trago esse movimento todo na minha alma com profundo respeito. Felizes daqueles que trazem, mesmo da sua maneira, a fé inquebrantável.

Nas minhas divagações, agradeço às inúmeras oportunidades concedidas a nós, filhos em expansão, por um Pai de Amor. De encarnação em encarnação, encontramos e reencontramos irmãos amorosos, que nos acolhem fraternalmente, como aqui no espaço do educandário de almas, o nosso ministro da cultura, que é conhecido como Fernando.

Fernando é um instrutor de amor. Sempre quando estou profundamente recolhido, ele se aproxima e me auxilia nos meus questionamentos. E, naquele momento, eu estava pensando na morosidade que acomete a maioria dos filhos do Criador, como eu.

Paternalmente, Fernando me envolveu no halo de amor e disse:

- Pedro, qual é a sua necessidade por agora? Tenho este espaço de tempo e estou ao seu dispor.

- Bem, Fernando, se o Pai Maior permite aos filhos os reajustes, nos oportunizando a encarnação para que venhamos a compartilhar a vida e evoluirmos em conquista de nós mesmos, sintonizados no amor que Jesus desenvolveu como exemplo de humildade e perdão, por que o homem ainda se embriaga pelo bezerro de ouro perecível, permitindo-se invalidar a encarnação no precipício íntimo?

Fernando, paciente amigo, envolveu minhas questiúnculas e, com profundo respeito, fez uma prece para que o auxílio da resposta pudesse penetrar na esfera mental com a exatidão do clareamento à minha pessoa.

"Oh! Divina luz, Foco imenso de paz,

Envolve o meu raciocínio para auxiliar este irmão em projeção, como eu, para a Tua luz.

Amenize o meu eu interior e coloque o Teu comando nas expressões necessárias para que ocorra a justa comunicação."

Fiquei extasiado com a singela oração, em poucas palavras, com tanta sabedoria.

- Querido Pedro, Jesus nos asseverou: "perdoar setenta vezes sete", não é? Esta questão tão difundida no nosso meio é ainda pouco vivida, pois o homem encarnado ainda busca ficar aprisionado no fundo da caverna íntima, somente armazenando o que julga ser correto para ele. Utiliza da persona, e não alça o voo da libertação, tal qual Francisco de Assis o fez. "E dando que se recebe", mas o homem encarnado só quer receber.

Chegará um dia em que o homem compreenderá que a escola da vida é partilha e trabalho. Enquanto o homem encarnado

for prisioneiro de si mesmo, ele não receberá a túnica branca que Jesus nos ensinou, pois, para usar a túnica, faz-se necessário estar com a alma em plenitude de justiça.

As encarnações são bênçãos ofertadas pela força Criadora aos filhos, que, pelo princípio, têm liberdade para conduzir os próprios passos. Quando o espírito já traz consigo a consciência, trabalha com maturidade nesses passos. Caminha construindo e resvala em poucas ações não benéficas nos fatos corriqueiros do dia a dia.

Mas, quando somos principiantes da lei do Pai, por negarmos de encarnação em encarnação, caminhamos como que bebês mal direcionados e resvalamos na própria construção.

Conquistar a maturidade espiritual requer muito amor do iniciante ao apostolado do bem. É necessário superar as necessidades que não elevam e que só incitam a ficar rodopiando em várias situações.

Nós, que concorremos para as conquistas dos irmãos que retornam à vida no vaso físico, nos sentimos também principiantes nas experiências dos mesmos, pois a partilha se torna um leque imenso. O livre-arbítrio é utilizado durante a encarnação toda e muitas das ações que os encarnados executam nos surpreendem.

Buscamos essas ações que, por vezes, os atrasam, auxiliando-os para reajustar a jornada. Quando o espírito é pacífico, torna-se fácil o auxílio; mas, quando são companheiros presos ao orgulho, que são a maioria dos encarnados, temos de nos envolver em muito mais amor, para, assim, incentivá-los à reforma íntima.

É como se fosse uma nascente desbravando o terreno duro para tornar-se um rio manso e determinado a correr para o grande oceano da conquista íntima.

Cada gota, cada força adquirida é uma ação que constrói ou destrói o curso natural da vida. Como cada proceder é íntimo

e individual, os irmãos envolvidos no decurso do processo deveriam buscar o Evangelho para melhor proceder no âmbito do amor.

Enquanto os espíritos estão na erraticidade, não atribuem o somatório do dia a dia quando percorrem a escola da vida reencarnatória, e buscam, junto aos ministros, reajustes pesados na escolástica, não avaliando o processo da vida como conquista lenta e gradual. Assim, quando o espírito passa por essa escola bendita, resvala no orgulho e na vaidade. Envereda por ações coletivas e, por vezes, cansado de lutar contra a corrente, adere ao processo, ficando fadado a acúmulos maiores, tendo de recomeçar em outras oportunidades concedidas pelo Pai Maior.

Somente o Grande Mestre Jesus suplantou o abismo da encarnação e voou o grande voo do pássaro alado.

Ele, o Espírito em Luz, buscou o reflexo do corpo para bloquear a expansão de sua grandeza e não perdeu a fé no Criador, demonstrando a fé imperecível.

Conduz a todos nós até hoje no exemplo perfeito de amor. Ele foi o mais testado e, mesmo em dose de alta potencialidade, ampliou os corpos energéticos e suplantou a dor do corpo físico e do espírito. Exemplificou em cada segundo a toda a humanidade. E nós, quando precisamos dar nosso testemunho, corremos de nós mesmos, acobertamos nosso eu superior, alimentamos nosso eu inferior de orgulho e vaidade e nos revoltamos contra a lei divina, perdendo a belíssima oportunidade do exercício.

O Rabino galgou o teor espiritual, e esta conquista só se atinge com desprendimento, discernimento e amor pelas leis do Pai Maior.

Os grupos espíritas, por vezes, utilizam-se da fantasia de formar médiuns que venham a incorporar a pureza de alma e trazer ao processo grandes companheiros que são canais de

amor belíssimo. Por interpretarem as letras com a consciência atual que vislumbram no processo contextual do poder, perdem-se na disputa que ainda vigora no meio dos encarnados, fazendo com que as casas espíritas e outras casas de luz do Evangelho venham a ser derrotadas pela vaidade corrosiva.

Vemos, com grande tristeza, irmãos de reajustes incorporarem a vaidade e o orgulho, forçando mentores a se afastar do processo e outros companheiros de ligações de sentimentos a compartilhar com médiuns mal direcionados e destruir os espaços de luz criados em conjunto com o campo espiritual.

A desunião e a falta de compromisso no meio dos que se intitulam membros efetivos de centros e fraternidades espíritas geram dissabores e, com isso, conflitos intermináveis.

Como nós executamos tarefas de harmonização constante, precisamos de maior pólo magnético, que são os encarnados, e este trabalho requer dos companheiros encarnados disposição para o aprimoramento do intelecto. Mas o que presenciamos são companheiros espíritas confundirem a codificação e fazerem do eu inferior o comando íntimo, ofertando ao mundo o desgaste de atitudes impensadas. O rodopiar de sentimentos de apego e egoísmo leva a humanidade ao aterro profundo. E o pior é que estão convictos de que realizam o bem em nome do Criador. E hora de reflexão, e toda reflexão exige questionamento, e questionar a si mesmo exige reforma íntima.

Dentro dessa conquista, é só trabalhar servindo, respeitando e edificando, mas o homem projeta o poder e perde a valiosa encarnação. E como somos morosos no aprendizado, vamos e voltamos à escola de vida buscando o aprimoramento. Darwin trouxe à tona a beleza do princípio evolutivo, e o que o homem faz com esta construção deixada por ele?

O que nos pertence é a simplicidade da reflexão, executada com tanta perfeição por Francisco de Assis. Quando estiver apto para esta mudança, o aprendiz se coloca diante do Pai dizendo: "Pai, faça de mim o instrumento de vossa paz". Paz íntima que eleva e constrói.

26

Conhecendo Outro Preto

Estava na bela Ouro Preto, como havia relatado, naquela época o ponto de maior atração para os grandes de Portugal. Como o ciclo do ouro luziu na cabeça dos poderosos, ainda hoje, em tempo de experiência da Terra, o homem se embriaga com o bezerro de ouro.

Se o homem se permitisse parar e observar a própria conduta, refletiria melhor sobre os próprios atos. A natureza reclama reajuste, mas os aprendizes ainda desafiam a criação divina. As montanhas sustentadas pelas pedras de fortaleza aurífera já não estão tonificadas para a sustentação adequada do equilíbrio natural. O homem garimpa e desestrutura todo o conjunto natural. Os animais já não trazem o alinhamento, sendo necessária a busca pela sobrevivência em outras condições não apropriadas para o conjunto dessa bela fauna criada pelo Grande Arquiteto. O ar, que trazia um curso natural, hoje embate na terra aquecendo o ambiente, pois não há espaço natural para a purificação. Com a derrubada das florestas, derruba-se também a oxigenação natural, e com esse movimento as águas revoltas se ressecam, recolhendo-se e esperando o momento certo para reclamar o fluxo correto. E o

espírito encarnado não percebe que a ambição o leva à derrota, e terá de responder perante a lei maior. Por se julgarem deuses, brincam de construir fortalezas, que no futuro próximo serão a própria prisão do espírito.

Ouro Preto trazia aos colonizadores o fascínio e, seduzidos, já encontravam nesse período uma cidade próspera. O calçamento me encantou profundamente, pois era belo ver as pedras todas bem definidas, em forma de paralelepípedos, esquadrihando as ruas e nas laterais os passeios, em largas placas, demarcando a estrutura do isolas as casas, com belos pavimentos, e ruas pelas quais os animais, por vezes, deslizavam no trotar dos imponentes tropeiros.

Os tropeiros, homens de brio, trotavam em busca do equilíbrio do comércio, sobreviviam dele e dos locais de desembocar os materiais necessários, de troca e venda. Homens fortes e embrutecidos pelo ofício, por vezes esqueciam que lhes corria sangue e sentimento nas ações, somente utilizavam da razão rasteira do vencer o outro. Quantos ainda hoje trazem esse sentimento de tropeiro e só querem buscar o ganho?

Após duas semanas, reencontamo-nos em marcha ao nosso destino, Sabarabuçu. Vejo a minha flor refeita, com seu retorno ao ar de uma jovem inocente. A nuvem carregada da perda já havia passado e estava organizada emocionalmente. O comendador Belar estava também disposto a comandar de novo sua tropa para marchar para Sabarabuçu.

Sebastião, guerreiro com potencial de um urso, ganhava, a cada dia, maior vigor. Ele próprio falava que se morre na mata e se vive na terra, pois foi assim mesmo que ocorreu. Ele perdeu algo de profundo naquele dia no meio da mata, mas ressurgiu na terra de Ouro Preto. Esta cidade marcou grande princípio de amor. As catedrais belíssimas, que a riqueza portuguesa registrou o poderoso domínio, decoradas com

peças belíssimas de artistas, que naquele período superavam a própria época. E só ter olhos e ver que as expressões ali deixadas são de dor, surpresa, medo e angústia. Os anjos configurados a sustentar colunas expressam o temor à criação, maneira encontrada para assegurar o coletivo, aprisionando as estruturas que buscavam controlar o mental, para não saírem das regras impostas pelo império.

O comendador Belar mandou me chamar, pois Sebastião já não precisava da minha companhia. Fui até ele, e ele me ordenou:

- Pedro, siga com sinhazinha até as vendas, pois ela quer comprar algumas fazendas para novos vestidos.

Meu coração ficou repleto de felicidade. Pensei em falar muitas coisas, mas, quando ela se aproximou, somente ela falou.

- Pedro, vamos manter distância. Meu coração por ti clama, mas, depois do ocorrido, temo por minha saúde e prefiro ficar a distância. Conversei com minha ama, e ela é como a minha segunda mãe. Ela me orientou muito. Devo ficar em recolhimento e, se possível, tê-lo somente como um grande e bom servo. Bem, devo te olhar como um escravo, pois você é um escravo, não é?

Senti a amargura na fala de sinhazinha. Naquele momento, não compreendi bem, mas, como ela mesma falou, sou apenas um escravo e devo me colocar como escravo.

Seguimos. Como sempre falante, a moça continuou:

Vou contar-lhe algumas coisas desta bela cidade. Quero que venha conhecer a história, que lhe será muito importante, meu escravo predileto. Neste momento, senti vergonha, pois queria sentir mais uma vez a carícia de sinhazinha e tive de me conter como negro, escravo. Ainda hoje os espíritos encarnados se colocam diante dos irmãos de cor com grande diferença. Já estamos em uma era tecnológica, mas o homem, na essência, rasteja nos seus

preconceitos.

- Bem, Pedro, esta vila que hoje apreciamos com tal magnitude foi construída por homens fortes e bravos, que enfrentaram os selvagens. É de conhecimento que ainda somos vigiados por eles, que fizeram de muitos bandeirantes refeições. Superaram e se posicionaram para se fixar na terra, tiveram de aprender a andar com maior flexibilidade e a se adaptar à alimentação. Tudo muito diferente da nossa terra portuguesa. Este pedaço de terra a perder de vista não afugentou os grandes homens, pelo contrário, os aguçou a ficar e a se enraizar neste terreno.

Agora vou te contar um segredo. Alguns dos homens mandados para cá eram os banidos, que já não tinham condição de ficar em Portugal, e nosso rei os mandou para redirecionar a vida.

- Posso te fazer uma pergunta?

- Sim, Pedro.

- São homens maus, como aqueles que destruíram a minha vida e a dos meus familiares?

- Mais ou menos, Pedro, mais ou menos. Bem, depois te conto mais.

Como é triste buscar a evolução por meio da derrota do outro, não é? As vezes fico aqui observando os homens que buscam a construção de uma cidade. O egoísmo aprisiona suas energias, e eles não caminham para a própria libertação. Assim são os homens, eternos prisioneiros, que trazem fendas imensas, mergulhados na inconstância do vai e vem.

Sinhazinha continuou a relatar:

- Esta vila, no início, foi a cidade de maior circulação. Trazia o potencial de trânsito de ouro. Outras terras desbravadas pelos destemidos portugueses os fizeram alcançar esta grandiosa vila. A cidade recebeu o nome de Vila Rica por causa da abundância brilhante que a terra traz.

A arquitetura é desenhada, e posso até falar bordada, porque quando se olha por cima dos parapeitos parece um tecido bordado com muito capricho. Foi desenvolvida por artistas, como o famoso Aleijadinho. Apesar de trazer dificuldade, como falam, pois não o conheço, é um artista exímio, vou levá-lo às igrejas e você comprovará.

Sim, hoje, com olhos de ver, posso apreciar de outra maneira as esculturas desse artista. E, se posso me intrometer como um apreciador das artes, atrevo-me a dizer que a visão de Aleijadinho, no contexto que vislumbro, demonstra homens de fisionomia forte, sobrecarregadas, vigilantes e austeros, anjos sobrecarregados, guardiões da soberania de Deus. Belíssimos, mas que trazem uma mensagem de sobreposição ao poder, mas ao poder do temor castigado. Quanto ainda o próprio homem utiliza dessa arma para aprisionar os próprios homens! O livre-arbítrio é lei divina, como também colherás o que plantares. Há milênios se divulgam esses preceitos, contudo, os homens utilizam armas para demonstrar o poder, que sustenta a torpeza de espíritos principiantes no caminho do Evangelho.

Jesus é a fonte da libertação, e isso já é de conhecimento, mas os homens bebem da fonte íntima e matam a própria oportunidade de se libertar pelo amor, e também, como é de lei, só se libertarão pela dor. Que pena!

Assim, sinhazinha, como sempre apressada, continuou falando:

- Eu o levarei à matriz para poder apreciar tamanha beleza. Papai nos levará para receber a bênção do padre Fulgêncio. Desde que chegamos aqui, estive com ele, que me contou várias histórias desta bela cidade.

Olha, Pedro, ali está o padre. Quero que você o conheça, e também ainda sinto necessidade de falar com ele, por mais uma vez, antes de seguirmos para Sabarabuçu.

Eu estava embevecido e, ao mesmo tempo, tonto com tantas informações. E as informações, para uma mente que não tem o conhecimento prévio, tornam-se, às vezes, um castigo, pois temos de nos desdobrar para compreendê-las.

Gomo fui conduzido a conhecer o que os céus ocultavam, não me sobrecarregava de ansiedade pelo conhecimento. Apenas ficava observando. Sei que muitas informações ficaram margeando minha mente, pois minha área cognitiva nessa encarnação estava comprometida por causa dos abusos presenciados desde a minha captura. E isso mesmo, começamos a bloquear o conhecimento quando somos solicitados a reservar e preservar a vida das agressões que sofremos. Aí, nossa área emocional fica sempre em alerta, esperando o próximo ataque, e com isso nos enclausuramos na defesa para suportar os ataques. Ermerlinda falou:

- Bom dia, padre Fulgêncio. Como o senhor vem passando?

- Bem, sinhazinha.

E fitando-me e percebendo quem eu era para sinhazinha, pois ela havia confidenciado a ele sobre nós, logo ele falou:

- Este é o escravo de confiança de seu pai, não é? Gelei com as palavras bem entoadas pelo padre, e

ainda senti, na firmeza daquele homem, que representava a ordem de Deus naquela vila, que eu havia traído meu dono, ultrapassado os limites de um escravo.

- Bem, apresente-me o melhor homem de seu pai, pois ele um dia poderá ser, para mim, também um homem de confiança.

Como as palavras se tornam um tormento quando estamos fora da ética! Perante o comendador, eu era como um traidor. Abaixei a cabeça e não ousei olhar o representante de Deus. Mesmo sendo escravo, eu sabia dos meus compromissos e deveres.

Após sinhazinha fazer a apresentação, ela falou:

- Padre Fulgêncio, posso entrar na Igreja com minha ama e Pedro? Só quero pedir proteção para o término da viagem até Sabarabuçu.

- Sim, filha, mas não se esqueça de guardar os devidos lugares.

Entrei pela porta central, que era imensa. O poder da Igreja já começa pela parte externa. A altura e a suntuosidade nos deixam menores, e naquela época a cultura de Portugal se estendia até Vila Rica. O homem era regido pela cultura religiosa do catolicismo, que demonstrava que o homem deveria se colocar diante da hierarquia, que era assim sequenciada: serafins, querubins, tronos, dominações, potências e virtudes.

Nos degraus mais próximos da Terra estão: principados, arcanjos (ex.: Gabriel, Rafael, Miguel, etc.) e os anjos.

E, por fim, os homens. Se os homens se encontravam na escala 10, onde estaria eu, negro, escravo e sem alma?

Sinhazinha, como uma pétala de flor, tocou no meu ombro esquerdo e falou:

- Pedro, você e minha doce mucama ficarão do lado esquerdo, próximo da entrada, pois é reservado a vocês. Irei mais à frente rezar.

Fiquei extasiado e, ao mesmo tempo, amedrontado. Parecia que os anjos me repreendiam e me culpavam. Como movimentar meu corpo? A opressão da energia da Igreja coibiu meus movimentos.

Como é interessante! O homem ainda projeta arquiteturas faraônicas e com elas, sem palavras expressas, mas em código erguido de paredes concretas, define quem comanda o espetáculo. Poder, poder e poder, sendo que por este poder muitos, em nome de Deus, destroem.

Respirar ali dentro tornou-se um processo difícil, pois o silêncio profundo, naquelas paredes fúnebres, me sufocava.

Os anjos, como relatei anteriormente, os santos e até Nossa Senhora me olhavam com reprovação. Aí me envergonhei diante das imagens.

Hoje, creio que o verdadeiro objetivo é de trazer a profunda meditação a todos os homens, independentemente do sexo, da cor ou do poder aquisitivo.

O tempo da evolução percorre, e a intimidação que a religião buscou colocar aos homens, perante a lei divina, muito pouco clareou a mente do espírito em construção. Ainda vemos homens buscar o conforto sem querer a própria reforma íntima.

Os templos erguidos, as seitas edificadas, os centros espíritas coordenados nos princípios kardequianos trabalham sem esmorecer, despertando os espíritos encarnados e desencarnados. Mas o homem-espírito insiste em permanecer na ilusão. E quem ainda fica na ilusão chora por não se permitir evoluir.

Faço um convite a todos os espíritos encarnados, que utilizam da oportunidade da vida corpórea: modifiquem, nesta vida, o próprio sentido irreal que nos faz escravos de nós mesmos; saiam do quilombo mental e respirem a supremacia do Criador. Verão como é simples viver e respirar a atmosfera que Francisco de Assis respirou, e puro de alma, como ele, se tornarão.

A jornada dos principiantes ao apostolado com o Cristo Jesus se faz degrau por degrau, e feliz daquele que se oferece para ousar o primeiro degrau. Este começa como eu, matriculando-se no educandário do Peregrino, e esta escola é o melhor exercício a ser executado, pois eleva nosso padrão de amor. Ofereça-se hoje para a lista dos apostolados de Jesus, pois somos necessitados da luz do conhecimento do Pai.

A presença da discriminação

De repente, escutamos:

- Andem, andem, seus molengas!

Sem entender, nos afastamos da porta central, e passou por nós uma comitiva de condes visitantes de Portugal. Que suntuosidade e, ao mesmo tempo, quão soberbos se apresentavam. Uma das filhas desse casal passou por nós tampando o nariz e fazendo vômitos. Como os companheiros de jornada sentem nojo uns dos outros? Em qual tecido eles são fabricados, para se julgarem seda pura?

Próximo do altar se encontrava sinhazinha, em grande euforia, conversando com um noviço. E, apesar de ele ainda não ter professado os votos, ela já o chamava de padre João Benedito. Vim a saber que ele era nascido na região e, com propriedade, podia relatar para Ermelinda a história tão buscada, pela jovem, sobre Ouro Preto, Vila Rica ou Vila Pobre, pois nesse período histórico já se confundiam os nomes. Dependia de quem o pronunciava e do objetivo que se queria alcançar politicamente.

Ouro Preto já sitiava a escola formadora que os padres conduziam para profissionalizar os habitantes pertencentes a essa majestosa cidade.

O noviço chamou sinhazinha ao pátio da igreja, pois a família visitante exigiu silêncio e menos euforia. Queriam ficar em oração.

Seguimos os dois e nos posicionamos próximo a eles. Pude escutar a história que relato a vocês:

"Bem, nos registros da Câmara se encontram os passos travados pelos destemidos chefes das bandeiras, como Antonio Dias, saído de São Paulo, da cidade de Taubaté, em

1698, e que com os próprios braços instituiu a Capela de São João. Ali foi inaugurada a Vila Rica, e no Tripuí começa o povoamento. Eles estavam a serviço da Coroa e descobriram que aqui a terra estava banhada de ouro. E só você observar as gemas belíssimas que contornam as formas dos acabamentos das igrejas, que são lindíssimas peças bordadas pelos artistas. Até mesmo nosso querido Aleijadinho utilizou, com propriedade, esta riqueza natural. Em 1708, deu-se o conflito dos emboabas, luta que envolveu paulistas e portugueses.

Como a história dos homens é composta de dor, desilusão, angústia e perdas, não é? O espírito encarnado já traz conhecimento de ação e reação, mas insiste em perdas temporárias, sabendo que a corrigenda é a consequência.

E, assim, seguiu o noviço coroadando Ermelinda de informações sobre a exuberante Ouro Preto. Com esse crescimento e a busca do ouro, Vila Rica se encontrou com a necessidade da cobrança do quinto, e a Coroa assumiu o comando. Nesse período, sinhazinha, uma mocinha jamais poderia estar conversando assim como você está agora. A Coroa era bem mais rígida, e as mulheres não tinham espaço nenhum de expressão na sociedade. Somente nas questões religiosas elas podiam e deveriam participar. Como você bem sabe, as mulheres representam a mãe, tal como Nossa Senhora, e são as educadoras do lar, não é, mocinha?

Falam-se também das bandeiras, escudos e cultura que os portugueses trouxeram nas jornadas, desbravando terrenos. Com eles, os jesuítas foram mandados pela Coroa para evangelizar os gentios, homens-índios sem a alma de Deus. Observe os índios, Ermerlinda, que enfileiram a caravana de seu pai. Não são eles mais lentos e mais preguiçosos? Não são como crianças? Mas são mais dóceis que os escravos negros, que sempre são vistos em praça pública a receber castigos.

- Mas padre, interrompeu sinhazinha, Sebastião não é sem alma, nem preguiçoso e, muito menos, criança. Ele é o braço direito de meu pai, e eu gosto muito dele.

- Muito bem, você ainda é uma criança que leva tudo para o campo pessoal. Mas, como ia lhe contando, foi estabelecida aqui a ligação com o Rio de Janeiro, de onde você se originou, não é?

Bem, pelo que sei, a caravana de seu pai passou por alguns atropelos para chegar aqui em Vila Rica. Imagine como foi pesado e quantos transtornos os homens das bandeiras devem ter passado para definir o caminho e recortar as matas para chegarem até aqui!

- Sim, continue padre, está fascinante.

Se para ela estava fascinante, para mim estava torturante, pois era muita informação. Fico imaginando em que época o homem se fez escravo.

Hoje tenho as respostas, pois Neil me auxilia e explica que o homem se tornou escravo a partir do momento em que ganhou o livre-arbítrio. Com o próprio gênio ganhou, também, a escravidão de si mesmo, e posso compreender perfeitamente esse processo hoje, pois somos o que somos nos nossos atos, falas e nas manipulações que nos acorrentam ao quilombo íntimo.

Bem, voltando à história de Ouro Preto, fundam-se as irmandades que gerenciam as estruturas das igrejas, tanto dos nobres quanto dos negros. A Câmara surge com toda a força, colocando lei na terra, e cada espaço ganha as diretrizes, mas todas com um único fundamento: a Coroa. Após esses ajustamentos, encontrou-se a necessidade de se ter mais escravos, e estes foram trazidos da África, pois os gentios não serviram para o trabalho braçal nas minas de ouro.

Escutamos um badalar. O noviço levantou-se com grande euforia e falou:

- Está na hora, sinhazinha, tenho de ir.
- Está na hora de quê? - sinhazinha indagou.
- Do coral, e faço parte dele. Tenho de seguir, pois o padre me aguarda também para as tarefas do dia. Que o bom Deus acompanhe você e sua família, Ermelinda, até Sabarabuçu.

Sinhazinha aproximou-se da porta central e fez sinal para que permanecêssemos onde estávamos. Esperamos por alguns minutos, e um piano, com um som nunca ouvido, começou a ser dedilhado por dedos sacros, e vozes entoaram cânticos embriagantes. Como foi bom esse momento, que melodia, que vozes, que bem-estar!

Fiquei maravilhado com a docilidade das vozes que, em um único som, entoavam em prece ao Criador. Como é perfeita a casa do Pai! Todos nós fazemos parte da grande orquestra dessa arquitetura belíssima. Tomemos consciência do nosso papel diante do irmão. Se fazemos parte dessa orquestra, somos responsáveis pela sinfonia, e é muito prazeroso tocar a nota certa e compor a canção de paz.

Sabemos, hoje, que Ouro Preto foi beneficiada por artistas que traziam a cultura dos teatros, das letras, que, com primazia, enalteceram inúmeras páginas, deixando o registro cultural da época.

E sempre assim. O Pai Criador envolve o filho, que gladia consigo mesmo por meio dos exemplos de sensibilidade e de conduta daqueles que se esforçam para crescer no campo da evolução maior. E estes são os exemplos para os que guerrilham, sendo que é só no amor que se vence.

O homem ganha o direito do retorno ao mundo dos encarnados, e ainda, por bloqueio íntimo, busca a rota da esquadra dos falidos e estende no mastro maior a bandeira da derrota. E nessa derrota caminha, de oportunidade em oportunidade, comprometendo-se cada vez mais consigo mesmo. Acordar é o objetivo que devemos todos utilizar, pois a

direção é a luz e esta foi dada pelo Mestre dos Mestres.

Hoje posso voltar à história registrada por Aleijadinho, homem que caminhou com todas as dificuldades no plano Terra e que deixou marcas de expressões significativas, que evocam aos prudentes reflexões maiores. Como já é do conhecimento de todos, ele também experimentou as coisas terrenas sem muita censura, o que o levou, possivelmente, após o estágio na Terra, à maior reflexão.

Não julguemos, pois também somos fracos, e nossa condução, por várias vezes, também torna nosso caminhar enfraquecido para as coisas do Pai.

O lume de Ouro Preto nos mostra a magia do homem, que impregnou as ruelas com as obras formando o duplo de satisfação e dor ao mesmo tempo, pois enquanto uns projetavam a festa, outros (escravos) projetavam angústia.

Limpar, lavar e perdoar é o caminho da luz do espírito elevado, mas sabemos que poucos trazem esse amor no coração.

Quantos passos já foram trabalhados nesse contexto de cores fortes, tal qual uma colcha de retalhos, e a bela cidade, cada vez mais, aprimora a vibração do Pai.

Por isso devemos, não só em Ouro Preto, mas em todos os contextos do planeta, orar pelos aflitos e falidos, pois são todos necessitados da organização lógica para continuarem a jornada da evolução.

E chegada a hora de retornarmos à jornada que nos levará a Sabarabuçu, onde sitiei um período da minha encarnação. Sagrada terra que me acolheu e edificou a minha vida, pois me pacifiquei.

O comendador Belar reuniu todos para a bênção. No grande pátio, o padre veio para espargir a água sagrada na realeza, nos tropeiros e na carga. Nós, os escravos, não fomos abençoados. Era assim, pelo comando do clero, somente os

amoedados receberiam a bênção, pois esses pagavam os tributos ao rei de Portugal.

Como a moeda compra prazeres e derrotas! A história se repete em todos os âmbitos sociais. Observe o seu tempo, as ações não são parecidas?

Logo após a bênção, moedas rolaram das mãos de Belar e encontraram o aconchego das mãos do padre, e do padre para as missões. E saímos em marcha para o arraial de Roça Grande. Seria o primeiro lugarejo pelo qual passaríamos, pois uma carga de farinha para troca com mandioca se realizaria e o comendador queria assistir a esse momento, já que iria permanecer em Sabarabuçu.

Um lindo amanhecer, com o sol a despontar, matizava a estrada. As sombras bordavam as laterais, contornando o quadro de Deus. Que moldura linda faz esse encantamento divino! Permitam-se ver o Deus artista, que inspira os homens de dom apurado a transferir para as telas os terrenos sagrados da criação!

A alegria era translúcida na face de sinhazinha, que já sonhava com uma Sabará idêntica a Ouro Preto, onde iria desfrutar das festas que envolviam a corte, constantemente, com artistas da maior hierarquia. Mas mal sabia que Sabará ainda se encontrava com algumas dificuldades.

Caminhamos por mais cinco longos dias. As mulheres traziam maior dificuldade, e Belar, homem nobre, cuidava também das mulheres escravas, que, por muitas vezes, eram suas amantes. Essa ação era normal, ainda mais quando o senhor era viúvo.

Já se mesclava o fim da tarde com o anoitecer quando chegamos. Invasa de grande emoção, toda a tropa se contagiou, e voltei a Zambe. O rio que cercava Sabará chicoteava mostrando sua força de comércio. Vimos embarcações deslizar, a bailar as encomendas e mercadorias de

todas as ordens.

Senti vontade de me banhar naquelas águas, mas fiquei só na vontade naquele momento, pois não era mais senhor dos meus desejos.

O curso do rio no poente do sol concluiu o quadro, e nesse momento lembrei-me de meu filho. Foi um dos últimos quadros em que lhe falei no pequeno ouvido sobre o deus sol. E fui mais longe em meus pensamentos: será que ele se assemelhava a mim ou a Tuanã?

Bem, Sabará, pelas ações dos homens, perdeu o fluxo das águas, mas este fluxo, se o homem trouxer a sabedoria, poderá ser novamente recuperado. Mas os filhos que o Pai Maior nos dá, estes, se não soubermos cuidar, não se recuperam, e choramos pela falta do compromisso que não tivemos com eles. Por isso, ainda se faz tempo de vocês, pais da atualidade, meditem realmente sobre o que querem para seus rebentos, que se tornarão pais no futuro. Corrigir o fluxo de um rio causa dores, mas não se deixam marcas para sempre. O rio, por sua própria força, recupera o bem-estar, mas uma alma mal cuidada leva anos para recuperar ou até encarnações.

28

Previlégios e castigos na casa de Deus

Sabarabuçu era uma cidade acolhedora, de aspecto suave, com alguns retoques evidenciando a cultura europeia. O sitiante do local já adaptado à área misturava os costumes com os que o lugar

pedia.

Um belo cortejo não podia faltar, pois o comendador Belar já era aguardado com ansiedade. A comarca, com os membros, recebeu aquele que iria, juntamente com eles, servir à Coroa.

A expectativa era grande com a chegada de Belar para impulsionar Sabarabuçu a se tornar uma segunda Ouro Preto. A banda de música, o coral da igreja e as quitandas deliciosas fizeram a festa ficar mais colorida. Tudo foi organizado pelos mensageiros e representantes da corte.

A recepção não poderia fugir aos padrões da época. Em frente ao casarão do comendador Belar, a festa durou cerca de uma hora, devido ao cansaço de todos.

Por seu sentido aguçado, os bandeirantes sabiam que em Sabarabuçu corria o veio do ouro também, e ali seria um portal bem localizado para o fortalecimento da circulação dos tropeiros que se comunicavam com Vila Rica.

Sinhazinha corria pela casa com tristeza nos olhos, pois o casarão bem rústico não lhe agradou. A casa do Rio era a referência formada em sua mente, e mudar de padrão foi a morte para ela.

Nessa experiência, Ermelinda trouxe a necessidade de superar a angústia arrastada de várias existências, e as perdas se tornavam muito difíceis para ela. Como o espírito, para a evolução, necessita de trabalhos profundos, o sentimento é um dos fatores emergenciais para a libertação do apego.

Jesus, na jornada da escolástica planetária, pleiteou o amor como base profunda da expansão do espírito ao retorno à Lei Divina. Ensinou-nos a amar a todos e a tudo, mas ainda nos subdividimos e complicamos a escalada.

Os sentimentos são formas-pensamento impostas por um vício coletivo que arrasta os irmãos ao irreal contínuo, quilombando almas perdidas e bloqueadas para a real posição de liberdade.

Assim, Ermelinda, por várias vezes, ficou no quilombo íntimo, nas torturas mentais da punição construída por suas próprias ações.

Libertar a mente de construções rodopiantes é o dever de todos que já buscam o Evangelho como expressão de vida.

Após a noite de refazimento, Belar convocou eu e Sebastião para segui-lo na visitação aos lugares de Sabarabuçu. Dirigimo-nos, primeiro, à igrejinha próxima da fazenda. Belar era profundamente religioso e, como comendador, teria de também dar o exemplo de serventia ao papado, e seguimos no agradecimento a Nossa Senhora pela viagem e pela acolhida nas paragens necessárias que o transcurso exigiu.

Presenciamos escravos velhos serem castigados por não mais conseguirem realizar o trabalho determinado. Estavam presos ao tronco, com correntes atadas nos punhos, que já estavam sangrando.

Belar perguntou ao capitão o motivo da tortura, e ele, de pronto, respondeu todo orgulhoso.

- Ora, sinhozinho, o senhor conhece bem a lei, não é? Pois bem, não trabalhou pagou.

- Mas são velhos e a esses cabe o devido respeito -reafirmou o comendador.

-Já sei que vamos ter problemas com suas ideias por aqui. E melhor o sinhozinho se informar como a ordem é trabalhada aqui em Sabarabuçu. Como foi determinado pela Coroa, todos os escravos preguiçosos e desobedientes teriam de ser punidos em praça pública. Faço o que mandam, e aqui a lei é seguida, pois o padre tem grande força e eu não discuto.

Observei o olhar daqueles homens e senti a amargura que o tempo calejou, e por estarem calejados pelas punições, a tristeza se tornara a forma de vida deles.

Hoje, no campo em que me encontro, ainda oro pelos companheiros que estão nos troncos aprisionados no inconsciente, trabalhando a

fúria da vingança.

Como é doloroso caminhar no campo mais sutil de Sabará e rever sentimentos não bem desenvolvidos conclamarem por ajuda, perdão, vingança e outros processos, ora de dor, ora de raiva, ora de arrependimento! O teor vibratório dos companheiros é de suma importância. Qualquer lugar do planeta Terra onde o homem aprisionou e aprisiona o irmão para ser seu escravo registra o magnetismo de raiva e dor.

Jesus nos ensinou que só o amor abranda multidões de pecados¹, e como o Evangelho é o caminho para o encontro do Pai, tanto os encarnados como os desencarnados que já trabalham na Luz Divina devem intensificar a chama da fé e multiplicar a corrente do amor.

O Mestre rogou ao Pai: "Perdoai-os, pois eles não sabem o que fazem²".

Perdoemo-nos para fazermos parte da grande alavanca do aprimoramento planetário. Refutem a ideia do ouro, pois este esmaga e aniquila a vida.

A adoração ao bezerro de ouro foi tão bem clareada pelo rabino! Ele próprio afirmou que tivéssemos olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Renovação é a proposta da reencarnação, mas o verdadeiro serviço é esquecido quando o espírito se encontra na lida do corpo. Ampliar, desenvolver, envolver e multiplicar os talentos foi ensinado pelo Peregrino.

Palavras e ações já se multiplicaram nas páginas de vivência de todos os envolvidos na trama deste orbe por muitos companheiros que se colocaram a servir ao próximo. Cabe a nós seguirmos os exemplos.

¹ Pedro IV-8.

² Lucas XXII-34.

A mente se torna turva e bloqueada quando entorpecida por ações impensadas. Voltemos à organização lógica do Criador, amar ao próximo como a si mesmo. Faça ao próximo o que gostaríeis que ele vos fizesse, vá ao serviço como se fosse a última oportunidade a ti concedida, assim sentirá o verdadeiro prazer da vida, que é primordialmente amar a si mesmo e ao próximo como Jesus nos ensinou.

Pensativo, Belar adentrou a Igreja, e nós ficamos do lado esquerdo, próximo da entrada. Orei aos meus deuses e, nesse momento, escutei gemidos. A medida que o silêncio ganhava mais vulto, mais audível, para mim, ficava o lamento do irmão que se encontrava aprisionado nos fundos da igreja, que mais parecia um calabouço, pois esse era o espaço que o padre utilizava para castigar aqueles que lhe desobedeciam. Gretas no altar levavam nosso imaginário longe, pois pude perceber uma rajada mais escura se movimentando ali.

Mas, como escravo, deveria permanecer em silêncio, e foi o que fiz. Voltei meu olhar para o interior da igreja, pequena, mas singela a igreja de Sant'Ana.

Comendador, homem elegante, vestia-se como um aristocrata e impunha respeito por onde passava. Trazia consigo uma carta de apresentação da corte, que lhe dava autonomia em qualquer atitude que viesse a tomar perante a comarca, e como o padre também fazia parte da comarca, teria de responder a qualquer pergunta.

E assim começou o interrogatório de Belar, após as orações:

- Padre Cirilino, que som é esse? É um gemido ou um rato a roer no porão?

Desconcertado, o padre raspou a garganta e respondeu:

- Sabe, sr. Belar, aqui tenho de obedecer às ordens, e o castigo para o escravo é aprisioná-lo atrás do altar e deixá-lo sem

água e sem comida. Dói-me, mas como o senhor bem conhece a lei, eu apenas a cumpro e fico rezando para Sant'Ana.

Ele falou com um ar de sarcasmo:

- Mas padre, estamos na casa de Deus, não é? Ou aqui já se torna a representação do purgatório, hein padre?

Bem incomodado, Cirilino bateu com o pé por três vezes no altar, que era feito de tábua e, então, ecoou dentro da Igreja, e o silêncio se fez.

Fiquei com aquele choramingo na minha cabeça e imaginando o que aquele irmão ou irmã estaria passando.

Sáimos, e Belar fez questão de dar a volta por detrás da Igreja para ver exatamente a solitária.

Atrás do altar havia uma portinha em que o negro entrava bem encolhido, pois o espaço era mínimo, e permanecia confinado ali, às vezes, por dias. Quando não morria, era retirado, e os próprios companheiros tinham de recuperá-lo.

Vim a ter conhecimento que ali, na própria Igreja, estavam enterrados corpos encomendados dos nobres da redondeza, ou melhor, engavetados no assoalho. Havia muitas contradições. O que se passava na cabeça daqueles homens que desafiavam a Deus com seu poder financeiro e, depois, por temer o próprio Deus, pediam para ser enterrados dentro da igreja para assegurar o céu? Dualidade, pois a própria Igreja castigava os sem-alma, deixando-os enterrados vivos e sem recursos para a sobrevivência.

Quantos desencontros! Os senhores de engenho e nobres, que por hierarquia tinham o direito de ser enterrados na casa do Pai, e a mesma casa castigava os que serviam os privilegiados de Deus.

E assim caminha a humanidade, punindo, cobrando, matando os companheiros de jornada e, depois, recorrendo à sua crença para libertar a alma dos pecados.

A repetição dos atos malconduzidos torna o homem encarnado falido. No banco do amor, nenhuma ação é contabilizada, mas, como está acostumado a comprar, julga que no terreno do Pai ele compra a passagem para o reino eterno.

Esquece da lei divina e caminha titubeando na própria lei.

Buscar a vivência do Evangelho é o banco mais seguro para aquele que almeja ser um candidato ao apostolado do Cristo Jesus.

29

Um lugar sem lei

No lado externo da Igreja pude alcançar, com meu olhar, o grande sino. Uma sensação estranha correu a minha coluna, e então escutei uma voz bem próxima a falar:

- O próximo será você, negro.

Mais arrepiado fiquei, olhei para todos os lados e não vi ninguém. Lembrei, nesse momento, do nosso curandeiro, que havia me ensinado a conversar com os mortos. Recolhi-me por um segundo e perguntei, em um sussurro:

- Será o quê?

E agora, com mais vigor, a voz falou:

- Morrer!

Arrepios, medo e angústia. Creio que quando os médiuns não estão trabalhados no exercício da mediunidade devem sentir o que eu senti naquela hora. O pânico se instala em nosso consciente e bloqueia nosso domínio como filhos do Pai.

Se permanecermos no pânico, abrimos as fendas e perdemos o

controle de nós mesmos.

Eu me locomovi mais depressa para ficar livre daquela sombra, mas ouvi outra voz, que era de uma criança. Ela chorava e eu não conseguia vê-la, e me pus em oração ao Deus do firmamento. Pedi proteção para aquele ser pequeno e, como pai, voltei o pensamento ao meu filho e orei por ele também.

O choro persistia e, no meio dessa desordem espiritual que registrava, o comendador continuava o interrogatório com o padre.

Comecei a temer aquela Igreja, e saí desse conflito quando o comendador Belar passou por mim e disse:

- Vamos, homem, tenho pressa. Não estou gostando do que vejo por aqui. Terei de investigar melhor. Está bem próximo da minha moradia e, como agora faço parte desta região, tenho de pôr a limpo essas ordens dadas a este padre. Vamos bem depressa até a Câmara.

Em direção à sede central de Sabarabuçu encontramos Sebastião apressado com uma mensagem para o comendador.

- Senhor comendador, pediram para lhe entregar esta mensagem urgentemente. O senhor determinou que ficássemos zelando por sinhazinha, mas o mensageiro do Rio aguarda resposta e tem pressa. Por isso, pedi à mucamba que não tirasse os olhos de sinhazinha e que ela permanecesse dentro de casa. Agi correto, não agi?

- Sim, Sebastião, me dê este bilhete.

Belar afastou-se e leu a mensagem, transfigurando-se completamente. Tornou-se pálido, pois já trazia a preocupação com o padre de Sant'Ana, e agora, com o bilhete, o processo havia se agravado.

Por alguns segundos ele parou e ficou pensando. Depois falou:

- Sebastião, irei à Câmara para registrar minha chegada e relatar o que presenciei. Retornarei para conversar com o mensageiro. Peça-o para aguardar.

Fomos em direção à Câmara. No percurso até a parte central de Sabarabuçu, seguimos margeando o rio e pude, apesar da pressa do comendador, ver uma embarcação correndo e outro tribunal acontecer, com outro irmão de cor. Os homens gesticulavam, esbofeteavam o negro e preparavam o alicate na brasa, que eu tão bem conhecia. Orei aos deuses e pedi proteção para aquele coitado.

Sinhozinho ia ligeiro, e isso foi até positivo, pois assim não presenciaria o término da tortura.

O comendador foi observando a trilha e anotando as dificuldades do local. Alguns transeuntes, quando viam a suntuosidade nas vestimentas de Belar, afastavam-se para dar passagem.

Como ainda no vosso tempo o homem também se classifica pela roupa! A humanidade evolui nos canais de telecomunicação, mas não progride nos canais do Pai Maior. Muitos, quando largam o corpo físico, exigem tratamentos diferenciados por se julgarem ainda afortunados pelo ouro.

Quando encarnados, afastam-se do Evangelho e cultuam a ilusão dos prazeres. Formatam o concreto do abismo íntimo e mergulham na inconsciência obcecada pelo poder.

Chegamos à Câmara. Ele foi levado à presença do representante-geral.

- Sou o comendador Belar.

Retirou do bolso a identificação e mostrou ao imediato, que logo falou:

- Seja bem-vindo, Belar, à nossa Sabarabuçu.

- Muito obrigado - Belar falou. - Mas não tenho muito tempo. Um mensageiro do Rio de Janeiro me aguarda, por isso vou logo ao assunto.

- Pois não, comendador, o que o aflige? Mal se sitiou e já traz preocupação?

- Sim, trago grande preocupação com a postura do padre Cirilino. A Igreja de Sant'Ana é pequena e, talvez por estar um pouco afastada do centro da vila, não traz grande acolhimento por parte da Câmara, não é? Fiz perguntas simples ao padre, e ele se esquivou de me responder. A igreja, como falei, é pequena, e atrás do altar-mor, na parte inferior, foi construído um quarto bem estreito onde mal um homem fica em pé, e nesse quarto os negros são punidos com severidade. Não sou nenhum escravocrata nem tampouco abolicionista, mas não posso concordar com determinadas atitudes. Também não quero respostas precipitadas. Pense no que estou ponderando com o senhor antes de me responder. Os métodos de Cirilino não me agradaram, e vou pesquisá-lo mais de perto.

Quero conhecer toda a Sabarabuçu e me fazer amigável, e espero, da mesma forma, ser acolhido com minha família. Voltarei amanhã para continuarmos o diálogo e conto com sua resposta. Terás tempo suficiente para averiguar o que estou lhe falando sobre o padre.

Apressado, dirigiu-se para a porta central da Câmara, e olhou para mim, que já estava presenciando outro negro no pelourinho sendo chicoteado, e lançou outra pergunta:

- Os escravos aqui são todos insubordinados ou os senhores desta região estão perdendo o controle? Será que a lei aqui perdeu a direção, pois desde que cheguei só presencio castigo?

- Bem, senhor...

- Não precisa me responder. Estou lhe dando tempo para refletir bem sobre suas respostas.

Já trazia o conhecimento de que Sabarabuçu ficou no tempo de 1700, mas não podia imaginar que estaria ainda tão presa à

falta de cultura. Venho de uma cidade rica em todos os níveis e encontro uma terra de ninguém. Pouco desenvolvimento cultural e social. Por que estão presos? Será o medo da perda do que a terra já não tem?

A Câmara exerce o poder de uma comarca, e vejo você também perdido. Onde se encontra o presidente da Câmara, o sr. José Alencar? Sabemos que ele traz uma reputação incomparável e que a representação do Judiciário, Legislativo e Executivo anda em perfeita ordem com a Coroa. Mas é o proceder dos homens que não está agradando a mim.

Com passadas firmes, Belar se afastou, deixando o imediato pensativo.

Logo próximo do largo do Rosário, outra execução ocorria, alguns homens da milícia laçando o negro fujão.

Quanta ironia o espaço de Sabarabuçu colocava na vibração da Terra! Vibração, sim, queridos irmãos, pois sabemos que somos ondas magnéticas construindo ou destruindo o espaço em que vivemos. Nesse período, quanta angústia, revolta e solidão impregnaram o espaço e os próprios homens?

Se já temos esse conhecimento, por que ainda destruimos a construção Divina?

Olhar o passado teria de ser um instrumento para melhor caminhar no presente. O homem continua impregnando a casa do Pai com energia destrutiva.

Se Jesus nos ensinou que há varias moradas, por que o espírito terreno danifica uma dessas moradas?

Ficamos sabendo que o escravo corria porque havia roubado um pedaço de pão para se alimentar. Ele implorava o perdão, pois estava com fome.

O capitão da tropa não deu ouvido e, com o ferro incandescente, marcou a mão do irmão.

O comendador gritou:

-Alimente o homem! Ele não é seu escravo? E acrescentou:

- Se este homem rouba pão é porque lhe falta alimento, e ninguém trabalha com o saco vazio, não é? Vocês alimentam seus animais para que eles percorram distâncias, e por que negam o pão ao escravo faminto?

O imediato da Câmara, que nesta altura já estava perto, falou:

- E, senhor Belar, vejo que vai nos criar problemas. Belar fingiu que não ouviu. Ele sabia da força do imediato e preferiu ficar no silêncio. Em Sabarabuçu, o imediato também trazia a função de ser o imediato da Coroa. Seguimos a trilha de volta, e nessa pequena jornada encontramos com os tropeiros que haviam nos auxiliado no caminho até Vila Rica.

O capitão da tropa logo se pôs em préstimos ao nobre Belar. Por sua vez, o comendador também utilizava da posição que sustentava e, politicamente, convidou os tropeiros a permanecer nos aposentos dos fundos do casarão enquanto estivessem em Sabarabuçu. E acrescentou que, sempre que passassem por Sabarabuçu, a casa dele seria o ponto de permanência para os tropeiros descansarem.

Com isso, ele ficaria mais bem-visto na cidade e, quanto mais amigos, mais favorecido ficaria.

No regresso ao lar, encontrou o mensageiro, que o aguardava na varanda andando de um lado para o outro.

Sebastião, fidelíssimo ao comendador, estava paralisado na porta central do casarão como um verdadeiro soldado guardando o lar.

Belar falou:

-Vamos entrar e tomar um refresco com bolo, pois sei que terá de seguir viagem. Enquanto se alimenta, passarei uma nota para ser entregue no Rio de Janeiro, endereçada ao rei. Relatarei o que presenciei em Vila Rica e aqui em Sabarabuçu. Esteja à vontade, Sebastião irá servi-lo.

Belar recolheu-se aos seus aposentos e escreveu uma longa carta, pedindo permissão para enfeitar Sabarabuçu e rever as ordens que estavam sendo executadas quanto aos escravos, e acrescentou: "Sei que cada comarca traz sua identidade própria, mas aqui a brutalidade tem força incomparável. Vejo os escravos desprovidos de massa corporal e com facilidade de contrair doença, que pode virar epidemia e contagiar a todos".

Belar sabia que, se apelasse para esse processo, o rei não embargaria o seu pedido, pois Roça Grande alimentava o veio do ouro em Vila Rica.

Provavelmente, ele estaria comprando uma briga no município, mas isso não o incomodava.

O comendador era um homem futurista, e trazia a visão da inclusão amigável em vez da exclusão agressiva.

Até hoje reflito nos ensinamentos do meu senhor, quanto ele deve ter sofrido no meio da torpeza dos homens.

No momento atual, o homem luta pela inclusão, mas ele próprio não sabe o que é a inclusão, e atropela a sociedade de maneira agressiva, pois não há formação para tal acolhimento e se torna presa de si mesmo.

A verdadeira inclusão é aquela que não exclui e marginaliza o outro. Jesus, o pedagogo fiel, utilizou a inclusão com perfeição.

Como Mestre, ele se pôs à frente e tratou dos desprovidos de amor. Acolheu, ensinou, educou e transmutou o tempo na lei do Pai.

O Messias não olhou a pele, mas sim o caráter. E o homem que brinca de ser Deus tateia na inclusão própria quando ainda não se coloca a servir ao Criador, tal como Jesus nos ensinou.

Bem, vamos ao bilhete, ou melhor, à carta de Belar para dom João VI.

"Vossa Alteza, D. João VI. É com pouco recurso que venho, por meio desta, desfilar-lhe os ocorridos, até então, por mim observados. São-me parcas as palavras, em grande desalento encontro Sabarabuçu.

Há uma grande diferença entre Vila Rica e esta Vila Real a qual venho fiscalizar.

Vila Rica, progressista, já consta com o educandário que favorece e enobrece o espaço com a cultura artística que acelera o município. Creio que em breve se desenvolverão outras fontes de ensino, não só dos padres, mas dos ofícios que tenho conhecimento que são aplicados em Portugal.

Estou até envergonhado para discorrer sobre Sabarabuçu. E um recanto promissor, mas a falta de envergadura dos homens atravanca o progresso aqui.

Venho solicitar de Vossa Alteza a permissão para buscar recursos para atrair a cultura para este local que se avizinha de Roça Grande. A própria precisa de habitantes mais capacitados para melhor organizar a distribuição de alimentos para Vila Rica.

Ainda não encontrei tempo para a vistoria da mina que se encontra no meu terreno. Alguns contratemplos nos coibiram de chegar no tempo previsto por Vossa Alteza. Por isso o seu mensageiro volta sem a devida resposta esperada pela Coroa, mas logo que assim averiguarmos, mandarei um homem de minha confiança ao Rio com todos os apontamentos feitos.

Peço-lhe desculpas, mas seu imediato cavalgou pela Estrada Real somente com uma diligência, o que possibilitou a chegada dele no mesmo tempo do que nós, que saímos duas semanas na frente dele. Mas, devido a uma emboscada e minha filha ter adoecido, perdi este tempo e tive de recompor a caravana.

Estamos bem alojados e agradecemos os préstimos desde já. Belar".

Bem, como todo comendador, Belar tinha também seu brasão, com o qual selou seu bilhete. Era a marca que o identificava para a Coroa.

Enquanto isso, eu estava a admirar sinhazinha. Parecia que ela, após o aborto, ganhara ar de mulher. Sua silhueta se misturava com os raios de sol e as folhagens, dando-lhe os trejeitos joviais de uma jovem mulher.

Sebastião me observava, e nesse ínterim, bateu com seu cajado para espantar os maus fluidos que eu produzia com minha esfera mental.

Quanta sabedoria trazia Sebastião! Ele sabia que minha projeção era de desejo carnal e, com a devida providência, afugentou meu movimento mental.

Voltei a Zambe, recordei de minha amada. Desejava abraçar sinhazinha e, ao mesmo tempo, deitar com minha esposa.

Com tristeza, olhei-a, pois sabia que ficaria afastado dela porque iria trabalhar no veio do ouro. Também estaria recluso da convivência do comendador, pois lá no veio ele iria só quando houvesse necessidades.

Estagiaria por uma semana para aprender o novo ofício, mas não imaginava o que iria presenciar.

30

Idéias abolicionistas.

O amor se manifestando

Ao amanhecer, já estávamos a postos para as ordens do comendador. Eu e mais dez homens. O raiar do dia estava penetrante, e algumas aves já em organização de bando nos

presenteavam com a belíssima orquestra regida pelo maestro mais perfeito: o Criador.

De repente, elas se desorganizaram e ficaram agitadas. Sebastião, que estava agachado no portão, falou:

- Mau presságio. As aves sentiram alguma vibração complicada. Elas estavam organizadas, voando no circuito normal e agora estão perdidas. Creio que, pela agitação, teremos chuva pesada.

Arrepiei-me. Sebastião não errou nenhuma vez. Senti náusea, respirei fundo e lembrei-me do curandeiro. Pedi proteção. Sebastião, nascido no território, conhecia os ventos e estava realmente ventando muito.

Belar despontou na porta do casarão e falou:

- Todos prontos! Iremos marchar para a mina logo que terminar meu desjejum.

Sebastião, com aquele jeito maneiro e fala lenta, disse:

- Sinhozinho não devia seguir para mina, pois vem muita água do céu.

- Deixe disso, Sebastião! Quando foi que chuva me parou? Se está com medo, cuide de Ermelinda por mim.

Também, Sebastião, o médico pediu para poupá-lo de esforço e nem peso pode pegar, não é? Até mesmo a água que está na tina você não pode pegar, mas atirar você pode. Então defenda o meu lar enquanto estiver fora.

Sebastião ficou zelando pelos domínios de Belar e foi poupado do que passamos. Talvez, se tivesse ido, não sobreviveria.

Saímos juntos com Belar, cinco homens à direita e cinco à esquerda, para defender o sinhozinho. E eu do lado dele bem próximo. Depois de ter salvado sinhazinha, ganhei o título de imediato dos escravos, e essa função era de defesa próxima ao comendador.

Logo após a elevação da estrada, avistamos a mina, e a recepção não poderia ser diferente: mais um irmão de cor sendo punido.

O homem branco só dominava os negros com punição, já era até um vício que percorre a mente coletiva que hoje registramos: verdadeiras gangues encarnadas demarcando terreno.

Lutas travadas nas ruas, como verdadeira arena, onde os leões do ontem margeiam no mental dos que perderam o total domínio sobre si mesmos.

Se o encarnado buscasse o estudo aprofundado, entenderia melhor o que Jesus quis dizer: "a cada um segundo a sua obra".

Muitas obras já foram relatadas sobre o perispírito como veículo que registra todas as ações e a pendência dos atos, só alcançado a libertação para o voo espetacular da evolução quando se pacificar. E, ainda assim, o homem continua na jornada do empobrecimento do próprio perispírito.

Voltando ao castigo, nas minas de ouro havia uma espécie de prensa que servia para moldar o ouro e, assim, compactá-lo para que não viesse a perder nenhum grama. Esse aparelho era aquecido.

O nosso companheiro estava com a mão esquerda nessa prensa. Se sobrevivesse, teria de continuar servindo e, se danificasse a mão direita, de nada serviria. Era tudo bem pensado.

Como a mente comanda todo o espetáculo da vida regida pelos homens!

O castigo era porque uma das pepitas havia desaparecido, e o senhor apertava a mão do negro para ele soltar a língua e relatar onde a havia escondido.

Quando alcançamos, a tragédia já estava desastrosa, pois, num golpe de ódio, o capitão apertou a prensa com tanta violência que triturou a mão do homem. E, num único esguicho, sangue misturado com pó de ouro e sujeira das almas que ali utilizavam o

poder para denegrir os oprimidos.

O comendador, em um grito, falou:

- Homem de Deus, como podes aferir tal procedimento de tortura? Não temes a Deus? Ódio gera ódio!

O capitão retrucou a fala:

- Quem és tu que trazes tanta arrogância e manifesta sobre o meu domínio?

- Pois bem, homem! Fala o comendador. Estou a serviço do rei de Portugal e algumas punições não irei permitir.

O capitão, já enfurecido, com um timbre de voz enlouquecido, falou:

- O sinhozinho é abolicionista? O rei traz às cegas a confiança em você. Não gosto desta postura abolicionista ou o senhor está tendo visões devido a este sol causticante? Irei me informar melhor sobre sua pessoa, comendador...

- Belar, ao seu dispor. Faça como achares melhor. Mas agora o melhor é cuidar deste pobre escravo.

- Não coloque suas mãos nele, quero que sangue até morrer. Logo chegará o entardecer e o jogaremos no mato, e os bichos terminarão o serviço.

- Não, não faça isso. Deixe-o viver.

- Já disse que aqui é minha comarca e mando eu.

E, lançando no coração do escravo uma ponteira de ferro em brasa, perfurou o corpo, levando-o à morte instantânea.

Ainda por ação involuntária, o corpo do negro se contorceu, e da boca, como que em uma represa cujas comportas estivessem sendo liberadas, um jato volumoso de sangue atingiu o rosto do capitão.

Agora ele estava manchado com o sangue da ignomínia humana.

Ainda rodopiando no abismo da torpeza humana, Belar se projetava para observar o veio do ouro a se misturar com o veio do sangue dos escravos que ali pairavam nas energias bloqueadas

pela revolta contida pelos golpes de tortura.

Belar ficou penalizado por meia hora, não sei bem se a rezar para Sant'Ana ou apenas a meditar sobre quão árduo seria o caminhar em Sabarabuçu.

Era notória a falência humana regida por uma comarca arcaica. Se buscarmos os registros que estão espargidos pelo terreno brasileiro, sentiremos as vibrações de muita dor que assolam a terra abençoada pelo Criador.

O encarnado, por várias gerações, busca somente o domínio. Os lares estão desfalecendo por sobrecarga de comandos febris, de homens doentes, com as almas endurecidas pelo orgulho estrangulador.

Nos registros perispirituais ficam gravados todos os atos e pensamentos, tornando-se veículo de angústias sucessivas, pois os espíritos medem força com o Criador e fazem as próprias leis.

Pela pobreza de sentimento, o encarnado e desencarnado margeia no insalubre apodrecer.

Logo em seguida, o capitão falou:

-Vamos, homens, retirem o escravo furtador da minha frente. Ainda tenho carga de raiva a percorrer a trilha do meu corpo e minhas mãos estão queimando para perfurar mais este traste.

E, voltando-se para Belar, falou:

- Devido ao ocorrido, o senhor não se apresentou. Qual é seu nome?

- Belar.

- Ah! E o dono das terras, não é? Bem, se tivesse se apresentado antes, poderia ter poupado este que aos seus pés já encontrou o inferno.

Apesar de ter chegado há tão pouco tempo, já rolou o boato de sua performance. Sei que é abolicionista.

-Terei de ser bem rápido e me apresentar na Câmara antes do senhor. Vou relatar que, por sua imprudência, errei e golpeei o escravo, e o responsabilizarei pela morte dele. Tenho mais força que o senhor aqui. Meu nome é Bonifácio, adotado por mim mesmo, então é Bonifácio.

O comendador não falou nada a respeito do ataque recebido, somente olhou bem dentro dos olhos dele e disse:

- Bonifácio, quero que me mostre o veio do ouro e como se processa o trabalho nesta mina. Após você me mostrar todo o trabalho, gostaria que me acompanhasse até a Câmara, e aí reajustaremos a jornada, já que as terras são minhas.

- Melhor do que pensava, senhor...

- Belar!

O capitão, por ser parente do primeiro imediato da Câmara, julgou que ganharia mais força contra Belar.

- Pois bem, sinhozinho, acompanhe-me. Este veio já não produz com tanta abundância e, em breve, teremos de perfurar outro.

Belar se encontrava abatido com tanta brutalidade em tão curto espaço de tempo e permaneceu em silêncio.

Por ter sempre notícias de Vila Rica e saber que Roça Grande distribuía os alimentos, julgou que Sabarabuçu estivesse mais evoluída.

Na verdade, Sabarabuçu transitava com o mental desequilibrado, exacerbado, contaminando todos os que sitiavam as redondezas.

Quando o homem já traz a natureza respaldada pelo bem, sofre na jornada pela insensatez do encarnado que, sem saber, associa-se aos desencarnados de mesma vibração.

Mas o Pai é misericordioso e acolhe os filhos que se projetam para a luz e os envolve na aura cósmica de paz.

Hoje posso dizer: "Segue Belar, sinhozinho, no seu avanço da luz".

Com grande nó na garganta, Belar caminhou em direção à mina. Agora ele podia mensurar a responsabilidade que trazia pelas ordens dadas pelo rei de Portugal, D. João VI.

Pego de surpresa, encontrava-me absorto com o movimento dos encarnados. E assim mesmo, o que a mente não conhece não alcança o coração.

Como já relatei, homem bom e honesto, caminhava em dois planos de emoção, sufocado pela intensidade da dor dos atos dos encarnados e, no frescor da inspiração do Pai, pelo magnetismo de amor que lhe inspirava o bem viver.

E assim que o homem de bem transita no campo árido das manobras impensadas dos companheiros de jornada.

Ressente-se das desastrosas ações, mas não se desvincula da lei Divina. Assim são os passos do homem de bem.

Bonifácio ficava a falar ao vento, enquanto Belar se envolvia em oração a sua devota Sant'Ana.

E sabido que os homens de boa vontade se fortalecem em laços de fé quando estão dispostos a bailar nos ensinamentos do Cristo Jesus.

O comendador já demonstrava, nesta experiência de vida, sua elevação. Diferenciava-se do coletivo pela sensatez e desenvoltura altruísta nas atitudes.

Trabalhava incansavelmente o respeito ao próximo e buscava incluir nisso o negro e os gentios.

Quando retornou ao convívio mental de Bonifácio, alcançou a fala dele.

- Belar, este veio traz uma profundidade alargada, e se fez necessário o amparo com cordas bem grossas para a descida até o ponto de extração. É um trabalho que demanda paciência e controle, pois os escravos preguiçosos não trabalham com afinco. Se isso ocorresse, poderíamos já ter avançado mais na perfuração.

Belar continuou sem manifestar nenhuma palavra, só escutando e observando tudo à sua volta.

Poucos percebiam a vibração de dor e angústia daquele local, mas Belar, sem entender, sentia e se misturava com a aflição. Várias vezes sentiu mal-estar e alegava que ou o alimento não lhe fizera bem ou sentia a falta do mesmo, com o organismo pedindo algo para ingerir.

Como ainda somos todos aprendizes, não compreendemos a extensão de nossos atos no campo magnético que recobre os momentos, e caminhamos deixando rastros deletérios para nós mesmos e nossos irmãos.

Por isso, Jesus, o pedagogo de almas, nos ensinou: "Atire a primeira pedra aquele que estiver isento de faltas".

Faz-se necessário rever as atitudes do dia, todas as noites, para melhor realizar os atos no dia seguinte. Se assim proceder, verá que no fim da jornada terá feito a reforma íntima sem dor. Mas só será sem dor se fizer com o Evangelho nas mãos.

Como que não se importando com o falatório de Bonifácio, Belar perguntou:

- Além da perda deste escravo, que presenciei hoje, outros escravos foram também assim exterminados?

- Bem, o senhor bem sabe que em todo trabalho acontecem acidentes, e aqui não é diferente. Registramos, às vezes, perdas como esta de hoje.

Na semana passada, dentro da mina, um desentendimento entre os escravos ocasionou a perda de um deles. O mais forte cravou no peito do companheiro a machadinha, e este faleceu, esguichando sangue que nem um porco no matadouro.

Era sem nenhuma carga de amor que Bonifácio falava dos ocorridos, como se realmente fossem animais que no matadouro estivessem à espreita do desencarne.

Belar respirou profundamente e perguntou:

- Como você, Bonifácio, classifica os escravos?

- Como eu os vejo? Bem, como animais de carga. E assim que os vejo e eles realmente são.

Belar fazia o exercício de observar tudo, pois precisava arquivar maiores informações sobre Bonifácio, pois, diante do primeiro imediato, teria todos os argumentos para dispensá-lo.

Já sabia quantos escravos estavam na mina trabalhando, quantas pás, martelos e cutelos.

Até no aparadouro ele já trazia a ideia do trabalho e como era realizado.

Como relatei no início, perdemos nossa integridade quando fomos capturados.

Na lavagem do ouro, os escravos tinham de trabalhar nus, pois assim não roubariam nenhuma pepita de ouro nem pó.

Imagine estar despido aos olhos dos senhores de engenho, trabalhando para os próprios terem tecidos belíssimos, feitos para fardá-los e ocultá-los da falta de amor!

31

Conhecendo João

Logo após a vistoria do local, Belar chamou Bonifácio e seguiram juntos até o juiz da Câmara. Dois escravos de confiança do sinhozinho também seguiram para protegê-lo.

Eu deveria ficar com o primeiro imediato para aprender o novo ofício. Feliz daquele que sempre se aprimora. O trabalho é edificante, primeiro ocupa as nossas mãos e a nossa mente e, em

conseqüência, disciplina o espírito ao serviço.

Somente os espíritos que buscam o Evangelho como diretriz concebem que o ofício é o alimento do eixo central do apostolado que Jesus nos ensinou.

Feliz é o encarnado que perfura a pedra bruta do instinto inferior e a lapida com a água do amor para, num trabalho do porvir, encontrar a joia do Criador.

Fui apresentado ao mais velho da companhia. Ele já era bem velho, e por não trazer mais força, ficava a lavar e a retirar os resíduos do pó de ouro que pudessem ficar impregnados nas ferramentas utilizadas no local da extração.

Por volta da hora do almoço, ele me dirigiu a primeira palavra, apresentando-se:

- Olá, meu nome é João, e estou aqui a perder de tempo. Tenho uma marca secreta que, em breve, se possível, te mostrarei. Ninguém sabe desta contabilidade que faço do tempo. Tenho até hoje saudade da minha terra natal. Os meus parentes, todos os que vieram como escravos, já morreram. Então creio que da minha casta só restou eu. Mas, também, o que importa isso, não é?

O Brasil é lindo, não é? Conheço alguns lugares, pois fui vendido por três vezes, e creio que morrerei aqui nesta mina.

Não tenho permissão para sair deste local. Durmo com os outros na jaula. Se eu resisti por tanto tempo dormindo no frio, na chuva e no calor, exposto como um animal, só morrerei quando o deus da morte me chamar.

Gostei de você assim que o vi, e imaginei que, se meu neto estivesse aqui, teria o seu porte. Mas ele não resistiu aos costumes dos senhores e lutou pela liberdade, perdendo a vida.

O pior foi vê-lo morrer exposto no madeiro por cinco dias. Como era forte, custou a morrer. Feriram-no no peito e deixaram-no lá para ser comido pelos abutres, e essa imagem não se apaga da

minha memória.

Às vezes tenho a impressão de que ele ainda está naquele madeiro.

Enquanto ele falava, eu revia as cenas da minha Zambe. Por várias vezes, colocamos inimigos de outra tribo de cabeça para baixo para morrerem como exemplo para que os outros não se aproximassem de nós.

Hoje entendo que, ao colocar um irmão de cabeça para baixo, com o peso do corpo, o pulmão acaba não suportando, levando-o ao óbito.

Gomo brincamos de ser juízes, não é? Sentenciamos nossa própria insanidade.

Senti o toque dele no meu ombro, e retornei da minha divagação.

- Hei! Rapaz, qual é o seu nome?

- Pedro, senhor.

- Pois é, Pedro, temos de passar adiante a nossa história porque somos filhos da África. Estamos aqui trabalhando para quem organiza esta terra. Como sou bem mais velho, pude escutar muitas histórias.

E, das histórias, o homem forma comunidades. Por volta de 1500, mais ou menos, um tal de Pedro Álvares Cabral, em rota santa, chegou ao Brasil trazendo o poderio do reinado de Portugal.

Nesse período, nós ainda não tínhamos nascido, mas provavelmente a nossa África já abrigava nossos irmãos. Ninguém imaginava, naquele tempo, que o homem iria avançar tanto e nos trancafiar aqui neste veio, não é?

E, com uma risada de preto velho de longa estrada, finalizou a fala.

Eu não falei nada, mas fiquei pensativo, e hoje me recolho sempre e procuro entender o espírito encarnado.

Posso, desta instância, apreciar a bondade divina. O orbe é lindo quando magnetizado pelos fluidos da paz. A vibração é eternizante, e só aquele que a experimenta luta pela paz.

Edificar na sintonia de luz é um compromisso para com a criação, mas ainda registramos ações de baixo teor que sufocam aqueles que, como eu, já buscam o equilíbrio constante. Vou explicar por que sufoca: como ainda somos aprendizes, fica muito árduo manter a vibração com tamanha desordem mental; como somos energia, ressentimos os fluidos a mesclarem com o fluido cósmico e o choque constante é efetivado.

Por isso, convido todos os que já experimentaram os fluidos da paz a trabalhar para que esta paz seja instaurada no plano Terra o quanto antes.

Nas esferas conhecidas como superiores, os espíritos que ali permanecem já estão estruturados no halo da paz.

Busquemos a sutilização dos atos para não só ajudar a nós mesmos como também, com nossos fluidos, contaminar outros irmãos.

Após o retorno aos trabalhos, João continuou a falar: - Chegaram ao Brasil os jesuítas, alguns bons e outros maus. Eles, os homens, mataram, aprisionaram e dominaram o terreno. Tudo, Pedro, por causa do ouro, da prata e da esmeralda e em nome de Jesus. Esses artefatos levam o homem à loucura, fazem jóias e encobrem com sangue a sua fé.

Destruíram e, provavelmente, destruirão inúmeras aldeias. Já ouvi muitas histórias, até de que há tribos de índios que se refugiaram para dentro das matas para preservar suas vidas.

Sabemos que o homem ainda mede o território com a marca da violência, e essa violência só se intensifica porque os encarnados não param para analisar que estão aqui de passagem, e que terão de responder a Deus pelo empréstimo

da moradia. Danificam a camada de ozônio e não calculam os danos à camada perispirítica.

Reconstituir as camadas é um trabalho de desprendimento justo que a natureza se dispôs a cobrar. Cabe ao ser que traz o livre-arbítrio buscar reformular a postura de ação.

O pedreiro leva o tijolo da consciência e edifica a parede do amor. O pintor, com seu pincel, dá a luz ao emocional da parede, e o morador lubrifica a parede jorrando incansavelmente os fluidos da paz.

E simples. E só se permitir ser pedreiro, pintor e homem evangelizado.

Naveguei nos pensamentos e fiquei imaginando como realmente o homem fez sua migração, deslocando-se de um local para outro. E questionei qual o objetivo real da construção, se o Pai nos fez semelhantes.

Neil sentou-se a meu lado e, sorrindo, falou:

- Enquanto buscamos questionamentos salutares, estamos movimentando nosso circuito de luz.

O Criador permite aos filhos migrarem para o plano Terra, adensando o corpo físico e dando expressão à forma por meio do perispírito. A etapa migratória tem um tempo encarnatório cedido a cada um por necessidade evolutiva. Finda a etapa, o Criador permite novamente a migração para a erraticidade.

Cada espaço geográfico traz sua vibração e seu corpo fluido para sustentar os encarnados e, por vezes, os desencarnados que mentalmente estão vinculados a esse espaço.

Assim, por necessidade fluídica, os espíritos formam suas colônias também no plano Terra.

O Pai Criador é perfeito, e deu forma de expressão justa aos filhos e aos planos que cada filho necessita experienciar.

Bem, João ficou lavando as ferramentas e eu fui levado ao fundo da mina para observar como se extrai o ouro.

Com o martelo nas mãos e o grampo de ferro cravando a rocha, o negro abala a pedra e dela extrai o ouro.

A capacidade do encarnado é imensa. Naquele ciclo, o homem já dominava as ferramentas e seu manuseio. Edificou e edifica coisas belíssimas, mas jamais conseguiu a perfeição dos atos como o Criador realizou com a criação.

Brincamos de ser deuses e destruimos os deuses.

Voltei a Ouro Preto e revi, no arquivo mental, as igrejas decoradas com as gemas de ouro e percebi o trabalho que se tem para tirar de uma parede formada pelo Pai e formar outra suspensa pelo homem - a decoração para marcar o domínio.

Buscamos o pó e esquecemos que o corpo que guarnece o espírito encarnado se torna pó no porvir da encarnação.

Logo aprendi a bater na pepita sem danificá-la. E este movimento de força o negro poderia ter utilizado contra seu dono branco. Mas, pela bondade divina, poucos ousaram esse enfrentamento.

Logo escureceu e escutei dois escravos falando:

- A hora é esta, vamos fugir, pois o capitão está às voltas com esse tal de Belar. Momento igual a este vai demorar. Se corrermos, alcançaremos o quilombo do Gaia.

Bretão anda rondando por aqui. Se dermos sorte, encontraremos com o grupo dele e teremos proteção até o quilombo.

O outro respondeu:

- Não sei não, ainda tenho medo desta fuga. Lembra do Manoel, que foi pego no caminho e no mesmo local o decapitaram? Ficou exposto lá fedendo. Sei não, tenho medo da morte.

- Olha aqui, seu Pedro, você não viu nem ouviu nada!

- Sim tudo bem, mas quem é Bretão?

- Não tenho tempo para lhe explicar. João sabe quem é ele, e vi vocês conversando hoje. Pergunte a ele.

Voltei para o casarão com meus questionamentos. Quem seria Bretão? E esse quilombo, teria realmente força contra os brancos?

Cheguei a casa já tarde e vi o comendador andando de um lado para o outro nervoso, gesticulando muito. Boa coisa não era.

Olhei para o céu e vi as estrelas. São lindos focos de luz que nunca se apagam. E, quando voltei meu olhar para a estrada, uma figura esquisita de longe me observava.

Arrepiei-me e tratei de me aproximar mais do casarão. Ele fez apenas um aceno e sumiu na escuridão.

Vim a saber, mais tarde, que era o Bretão, homem grande, forte e de emanção segura.

32

Bretão

Neste ínterim, a porta do casarão se abriu e Sebastião saiu e chegou até a grade da varanda e falou:

- Que é isso, homem, tá pálido! Viu o capeta?

- É, preciso conversar com você, Sebastião. Muitas coisas acontecem aqui em Sabarabuçu. Enquanto estava na mina, ouvi falar sobre um tal de quilombo do Gaia e de um escravo que lidera este quilombo, chamado Bretão.

Fiquei sabendo que à noite ele ronda Sabarabuçu para ver se consegue ajudar algum escravo que perambula buscando a fuga.

Tive medo, sim, pois vi do outro lado da cerca um escravo esquisito observando o casarão. Ele percebeu, acenou e sumiu por entre as árvores.

Temo por sinhazinha e acho que o sinhozinho terá de dobrar a atenção, Sebastião. Precisamos saber mais sobre ele e Gaia.

Principalmente porque Ermelinda só pensa em ir à Igreja da Sant'Ana. Ela não pode mais ir só com sua mucamba, você terá de ir com ela também, Sebastião.

Belar não tem observado sinhazinha. Ela anda muito triste, e, às vezes, anda chorando pelos cantos.

- Sim, Pedro, ela está bem magra, não tem se alimentado direito. Anda rejeitando todas as guloseimas que antes vivia mastigando.

Pedro, não estou bem de saúde. Tenho sentido falta de are dificuldade para andar. Então não sirvo também para defesa.

O comendador está muito agitado, tenho observado os donos desta terra, e parece que estão perdendo o controle. Eles chegaram sem ser convidados, mataram, nos fizeram escravos, formaram suas tabas, dominaram o espaço buscando o enfeite que reluz e hoje estão brigando entre si.

- Sim, Sebastião, a Coroa é quem manda e forma a briga. Eles constantemente falam: "irei relatar a Portugal".

Você gostaria de ser rei? Eu ia ser na minha tribo, e vejo que ser rei ou curandeiro é perigoso.

-Sabe, Pedro, nós aprendemos a respeitar a natureza, pois ela tem força, e vemos os homens aqui brincar com os deuses.

Não tenho gostado muito da força das águas, tanto dos céus quanto dos rios, por isso vamos ficar também alerta com elas.

Bem, Pedro, não estou me sentindo bem, estou com falta de ar. Preciso me recolher. Como a bala não pôde ser retirada das minhas costas, ela está me matando lentamente.

Nesse momento, Belar se aproximou e disse:

- Preciso seguir para o Rio de Janeiro, terei uma audiência com o juiz geral. Ficarei umas semanas fora. Cuidem da minha filha e do casarão.

Seguirei com a escolta do rei e os tropeiros, então não preciso de

nenhum de vocês comigo. Vou e volto com eles. Boa noite, olhos abertos, Pedro, bem abertos.

Ao amanhecer, grande tumulto formou-se no lar do coronel Belar. Ele, já pronto, esperava a guarda real e os tropeiros.

Eu continuaria na mina de ouro, pois a produção não podia parar. Sebastião e Fabriciano tomariam conta do casarão. Sinhazinha só poderia ir à igreja quando da volta do comendador.

Bonifácio, do lado de fora, aguardava para seguir viagem também. Sua fisionomia não era de bons amigos.

Os tropeiros chegaram nervosos, pois tiveram notícias de emboscadas perto de Ouro Preto. Sabiam que a guarda real estaria junto com eles, mas temiam pela emboscada, pois a última realizada, dias atrás, foi de enorme selvageria. Retalharam os corpos e colocaram os pedaços nas árvores, como a enfeitar o caminho. Alguns pedaços de corpos se apresentavam mordidos.

Era do conhecimento de todos que ainda havia tribos canibalescas na região, e quando elas atacavam ninguém sobrevivia.

E, por isso, apressaram o comendador para seguir viagem o quanto antes.

Sinhazinha, parada na varanda, olhava o vazio. Parecia que a perda do bebê tinha modificado seus sentimentos, e a vida estava escoando.

O comendador abraçou a filha e pediu para ela se cuidar, pois logo estaria de volta. Pediu para que eu não deixasse a mina sozinha e que ajudasse, também, na guarda do lar.

Sebastião não deveria se afastar de sinhazinha. Pediu ajuda à guarda de Sabarabuçu, e eles iriam fazer a ronda por três vezes, pela manhã, à tarde e à noite.

E acrescentou:

- Volto com o médico para fazer exame em você, querida filha. Creio que a mudança não lhe fez bem.

Sebastião disse:

- Sinhozinho, peço permissão para fazer uma garrafada para sinhazinha. Também me preocupo com ela.

- Sim, Sebastião, pode fazer. Até logo. Dobrem a vigília à noite, pois é nessa hora que tudo fica mais vulnerável.

- Sim, senhor Belar, siga em paz.

Após a partida, segui para a mina, mas não sabia que outra surpresa nos esperava.

Caminhamos em direção à mina, que começava na lateral do casarão. Voltei o olhar para a janela do quarto de Ermelinda e percebi que chorava. Fiquei triste, pois vi a desilusão em seu olhar. Naquele momento, ela se tornara escrava da dor.

Ato impensado nos leva ao cativeiro íntimo. Formamos quilombos mentais e formatamos estruturas deformadas da realidade.

Quantos tratamentos serão necessários para reformar a mente viciada, a mente que rodopia na angústia, na vingança, no ódio e no profundo buraco da insensibilidade?

Inúmeros são os níveis de escravidão que o homem se coloca. E de escravidão em escravidão, em delírios profundos, navega o espírito vicioso. Eternos prisioneiros escravizando o perispírito, não permitindo a sutilização do mesmo e o envolvendo, no exercício encarnatório, em fluidos de baixa vibração. Transportando para si mesmos malefícios magnéticos que se agregam, tornando-se portadores de mais débitos.

Chegamos à mina com um torpor no ar e palavras sonoras!

-Alto aí!

De novo a mesma fala, e um capitão do mato se aproximou e disse:

- O comendador não veio hoje? Eu respondi:

- Não, pois segui para o Rio, e eu estou aqui para ajudar na mina.

- Então venha e olhe com seus próprios olhos.

- Fomos atacados no amanhecer, e perdi muitos homens. Eu só sobrevivi porque na hora do tumulto eu estava no casarão, mas infelizmente os meus companheiros foram todos decapitados.

- Como assim?

- Saqueadores. Eles passam e roubam tudo o que encontram e matam para não serem reconhecidos.

No alto da montanha estava de novo Bretão a nos observar.

O Capitão falou:

- Não olhe para ele, pois fica a rondar constantemente o terreno querendo nos intimidar. Ele é bem forte e tem parte com o demônio, pois ninguém consegue aprisioná-lo.

-Vamos limpar tudo para buscar os negros lá na jaula, para começar o dia. Não diga nada a ninguém, ouviu negro?

O seu senhor deixa vocês muito à vontade e não gosto disso. Recolha os corpos e vamos jogar naquela vala e enterrar bem depressa.

Só eu e você sabemos o que aconteceu aqui, então bico calado, se não quer ficar sem língua.

Nem ousei levantar a cabeça, mas, ao mesmo tempo, estava em pânico. Eu não sabia bem o que o tal de Bretão queria e se podia também querer me matar.

O mais rápido possível, comecei a recolher os mutilados e as cabeças. Meu Deus, que trabalho árduo! Pegar um corpo e levá-lo a uma vala é deprimente, mas uma cabeça solta rolada no terreno é desastroso.

Quando, de repente, por detrás de uma pedra bem próxima de mim, uma voz sonora falou:

- Ei você aí, escravo. Não faça nenhum movimento, só escute. Diga a seu dono que o ajuste não é com ele, mas sim com o Bonifácio.

Ah! Diga ao Bonifácio que mato ele também. Para você, que ainda não me conhece, sou o Bretão. Conselho: cuide da magrela branca, tem muito homem ruim aqui, viu?

- Por que você está se vingando? - eu perguntei, pois queria ter noção de qual terra era aquela em que estávamos.

- Ele matou minha mãe e abusou da minha irmã, que hoje está escondida para nenhum feitor fazer com ela o que ele fez. Ele é um homem sem escrúpulos, e eu também não os terei com ele nem com a família dele.

Quanto aos novatos nesta terra, se não fizerem nada contra mim, eu até os defendo. O meu quilombo é o maior das redondezas, então sou forte.

Bem, tenho de seguir com meus homens. Observei a hora que este capitão se ausentou e poupei-o porque alguém teria que relatar o fato.

Diga ao capitão para ficar parado, pois está cercado por meus homens, e para contar até cem. Depois, podem continuar o trabalho. Estou de olho.

Trêmulo, gritei para o capitão, e paralisado fiquei até acabar a contagem do capitão, que também estava estremecido.

Vimos as ramas se mexer, e eram, provavelmente, mais de cem homens.

Voltei a Zambe e relembrei da guerra que enfrentamos contra a tribo vizinha. Muitos homens perderam a vida, e as duas tribos ficaram enfraquecidas. Levamos muito tempo para recompô-las.

E assim mesmo, os homens se matam e levam encarnações para recompor a jornada de amor.

Quanto sangue rolou, rola e rolará no âmbito da Terra! O homem atual só recebe o nome de atual porque vivência a experiência do ontem no hoje. Mas o espírito encarnado é velho e, provavelmente, está cansado de tantos transtornos mentais. Por isso Jesus asseverou: "deixe o homem velho que

coabita no seu ser, ceda lugar ao homem novo, busque a transformação tão necessária enquanto se faz tempo".

Estou aqui orando por todos, para que encontrem o resgate, até o pobre do Bretão, que ainda corre para se vingar. E isso mesmo, ele é o maior prisioneiro, ainda perambula em busca de vingança.

Ser um trabalhador, ou melhor, um cooperador, porque ainda sou um aprendiz na seara do resgate, é divino e, ao mesmo tempo, um exercício de fé. Temos de orar sempre e buscar energia de irmãos encarnados que se colocam a servir o próximo como a si mesmos.

É de fundamental necessidade que os companheiros encarnados vibrem positivamente para que o magnetismo da Terra mude de padrão vibratório e os necessitados de todas as ordens recebam os eflúvios de paz.

Bretão se encontra encapsulado na vingança, e igual a ele inúmeros irmãos estagiam, tanto encarnados como desencarnados.

Faz-se hora da reforma íntima tão proposta por nossos companheiros guias que se prestam a servir, servir e servir.

Quando estou meditando sempre busco a oração para aliviar os pensamentos desconectados da luz do Pai. Então me permito, agora, orar:

"Pai,

Somos fracos, nos ofertaste o livre-arbítrio, e fizemos desta liberdade a nossa condicional. Caminhamos embriagados pela insanidade que rastreia o mental coletivo e não nos permitimos a mudança.

Árdua mudança que requer conhecimento de nós mesmos, e renegamos a oportunidade do reencontro com a tua essência.

Auxilia, oh! Criador, os fracos e oprimidos na libertação! Somos ainda principiantes da jornada eterna, e fazemos da eterna indisciplina o cárcere da nossa alma.

Alimente de fé aqueles que estão na luta diária da reforma íntima, impulsiona as famílias que já entendem que o caminho da união é o caminho que o teu filho dileto assim nos ensinou.

Sustente todos os trabalhadores que não medem esforços para auxiliar o próximo.

E toque com sua paternidade os rebeldes, para que o coração desabroche em luz.

Que assim seja!"

33

A chacina na mina

Logo em seguida, buscamos os escravos para o início do trabalho. Eu estava estomagado, não queria nem falar, mas João falou:

- Bom dia, homem, hoje você está branco - e deu várias risadas, e eu continuei sem falar nada.

Quando chegamos à mina, de volta com os outros escravos, João perguntou:

- Cadê o Bentinho?

Bentinho era um negro que passava a noite junto com os capitães para servi-los do que necessitassem.

- E os capitães?

Laureano não queria papo, e foi logo apontando a arma para o João e falando:

- Negro velho, cale a boca e escute. Fomos atacados, ontem à noite, pelo grupo de Bretão. Estavam atrás de Bonifácio. Mataram todos, menos eu, que por sorte tinha ido ao casarão ver se tudo estava em ordem. Demorei um pouco e, quando retornei, encontrei este flagelo.

Estão todos na vala logo ali embaixo, desça lá e veja se identifica o Bentinho. Tem tanto sangue nos corpos que não consigo identificá-los, teríamos de lavá-los.

Foi até boa sua pergunta. Façam a contagem dos corpos, assim fica mais fácil saber se Bentinho foi para o Gaia com eles.

Fomos eu e João à vala. Fui rezando e pedindo aos meus amigos deuses que me auxiliassem, pois estava abalado com tudo o que vi.

João contou oito corpos, e teriam de ser dez. Não viu seu amigo Bentinho, mas, além dele, faltava um dos capitães.

Retornamos, e ele mesmo falou:

- Capitão, não encontrei a cabeça do Manoel. Será que o mataram ou o levaram também?

- Também? Por quê?

- Bentinho também não está na vala.

- Então vamos olhar ao redor para ver se encontramos o Manoel, porque Bentinho eles devem ter poupado, não é? Ele também é um escravo e bobo, não faz mal a nenhuma mosca, por isso deve ter sido beneficiado. Vamos, homens, mas não pensem em nenhuma gracinha, vocês estão na minha mira.

Fui para perto de João e perguntei:

- Quem é esse Manoel que deixou o Laureano preocupado?

- Irmão do Bonifácio.

Depois desta resposta, o silêncio se instalou, e começamos a marcha mais dura. O primeiro a encontrar um membro do Manoel foi o próprio João.

Ficou paralisado com tamanha crueldade.

Provavelmente, o próprio Bretão tinha realizado o estrago no Manoel.

Aos pés de João estava o peito do Manoel, a parte superior, da cintura para cima, até o início do pescoço. O coração estava do lado de fora, arrancado pelas próprias mãos de Bretão, provavelmente,

pois foi cavado no peito.

Eu falei ao João:

- Meu bom deus das matas, o que realmente se passou aqui? Que dor deve ter este homem passado! Mesmo sendo escravo, não conseguia ter ódio de um morto como aquele que estava diante dos meus olhos.

- Pedro, isso é o que Bretão faz, parece que vinga todos nós.

- Capitão Laureano, encontrei um corpo que deve ser o Manoel.

- Já vou aí.

- Meu Deus! Que monstruosidade! Vamos procurar o resto deste corpo. Bonifácio não vai gostar disso.

Conforme entrávamos na mata, íamos encontrando os restos do corpo. Pés e mãos decapitados com o cutelo do próprio Manoel, pois ele estava ao lado dos membros. Mais adiante, as pernas, os braços, a genitália dependurada no tronco e, fincada na divisa da mina com a estrada, a cabeça com os olhos fincados em gravetos.

Quanto ódio pode um homem carregar! Quanto mal pode um homem fazer a ele mesmo e ao próximo!

Os homens encarnados ainda se utilizam de abusos de todas as ordens para mutilar uns aos outros. Mas a maior mutilação é do próprio agente da ação. Registros gravíssimos ficam açoitando o espírito que, por ações não bem direcionadas, perfura o próprio perispírito com o magnetismo da vingança.

Quando já evangelizado, o homem deve orar pelos inimigos do ontem, pois somente o perdão modificará o padrão daqueles que vislumbram na insensatez dos passos.

Casas de amor resgatem a oração! Somos todos veículos de energia, e esta energia precisa seguir o curso natural do Pai, que é amar a todos como a si mesmo.

Laureano foi poupado porque se enamorou de uma das escravas e, naquela noite, foi ter com ela. Sorte ou destino, não sei, mas sei que,

depois desse dia, Laureano falou pouco.

Enterramos os cadáveres, ou melhor, os mutilados em silêncio. Laureano era bem religioso, fez uma prece para as almas dos mortos e pediu a Sant'Ana proteção para seguir o trabalho.

Lavamos todo o terreno. O sangue, misturado de novo com o barro fez um curso natural até desembocar no pequeno braço do rio que passava logo abaixo.

Hoje olho esse campo que um dia foi registro de dor, de fúria, de vingança e oro ao Criador pedindo clemência para a limpeza necessária desse local.

Quanto o homem encarnado precisa se harmonizar para ser o servo do Pai!

Jesus nos ensinou que a vigília é a sagrada bênção do Grande Arquiteto das Almas, e a oração o consolo da fé maior.

Busco, junto aos que trabalham no resgate dos irmãos, manter a vibração de paz. Somente quando a maioria dos encarnados enfileirar a vigília da oração é que muitas almas perdidas encontrarão o esteio da brandura nesta morada em que estou.

A reforma já se faz tardia. Busquem o trabalho ativo do amor, todos os que no veículo carnal se encontram, e busquem a interligação com a criação. Somente assim realizarão o que o Mestre nos ensinou. Mente operosa, espírito em reencontro com a lei Divina.

Laureano falou, após a limpeza:

- Por hoje basta! Voltarei com vocês para a jaula. Logo levarei comida para vocês. Preciso convocar outros capitães para este serviço e, enquanto não os encontro, vocês ficarão fora da mina.

Pedro me acompanhará, pois ficará no casarão, como foi determinado pelo comendador.

Fiquei feliz de retornar ao casarão, assim estaria perto de sinhazinha.

Ao retornar, sinhazinha estava na Igreja de Sant'Ana, e logo rumei para lá. Eu estava temeroso por ela. Vi o que Bretão era capaz de fazer.

Na Igreja, sinhazinha estava rezando por seu pai e, no outro banco, um jovem loiro e de boa aparência também rezava por seu pai, Bonifácio, mas ao mesmo tempo não tirava os olhos de sinhazinha.

Percebi que havia se interessado pela moça, e senti raiva, naquele momento, de ser negro, escravo e não ter nenhum atrativo. Lógico que ele conquistaria Ermelinda.

Fiquei em pé do lado esquerdo da igreja, no fundo, esperando por sinhazinha. Ao mesmo tempo que meu coração batia descompassado pelo ocorrido, a pressão aumentara por ver aquele jovem observando Ermelinda.

Senti um grande tremor quando Carlos, filho de Bonifácio, passou por mim. Fitando aqueles olhos grandes e azuis, um enorme mal-estar penetrou nos meus tecidos e atingiu meu sentimento de homem. Só recobrei meu pensamento quando Ermelinda me tocou com suavidade no ombro e falou:

- Meu escravo, o que você está fazendo aqui? Não teria de estar na mina?

Naquela docilidade, voltei a todos os momentos que passamos juntos, até o aborto no caminho para Sabarabuçu. Superei o pensamento rapidamente e cedi aos encantos dela. Como ainda somos espíritos distantes da verdadeira lei! Eu trazia o conhecimento de que um envolvimento com Ermelinda poderia resultar em uma gravidez, mas ansiava por mais uma noite, ainda mais com a presença de um jovem branco com traços portugueses a luzir na face.

Entre a pergunta e meu pensamento, o padre passou apressado, e lembrei do padre de Ouro Preto a nos advertir quanto ao nosso envolvimento. Olhei para o altar e vi Nossa Senhora me advertindo, e pedi perdão a ela.

Já tiveram a oportunidade de observar os santos nas igrejas? Parece que eles nos olham conforme nosso proceder. Isso ficou na minha memória e, quando tive oportunidade, pesquisei sobre esse assunto com Neil, que me clareou o porquê de isso acontecer.

- Pedro, quando temos fé e sabemos da lei que navega dentro de nós, somos, sim, juízes de nós mesmos, encarnados ou desencarnados. Mas isso só acontece com aqueles que já estão buscando o caminho do amor, é o regulador do filho.

Você, por sua fé aos deuses, caminhava na margem da segurança das boas ações. Foi por isso que, naquele momento, enxergou a imagem te recriminando.

Se o homem encarnado se colocasse nesse sentido de amar a si mesmo, cometeria menos delitos contra a lei divina, que não é nada mais do que ele próprio.

Hoje fico aqui observando os encarnados que caminham com a ajuda divina alertando-os contra a contravenção que possam cometer, e muifios duvidam da intuição.

Somos constantemente assessorados pelos incansáveis amigos espirituais e, ainda quando os processos naturais não saem como queremos, julgamos que o Pai é injusto para conosco.

Somos eternos viciados no coitado de mim e, por sermos os coitados, não expandimos nosso perispírito e ficamos presos a rodopiar na faixa de baixa vibração, danificando a abençoada encarnação.

O que representa o cárcere carnal para os que julgam ter introjetado o conhecimento segundo as obras de Jesus?

Será que a passagem do Mestre somente é exercida pelos que estão desprendidos do pó do ouro que o próprio Rabino nos salientou, quando vocalizou sobre a busca do bezerro de ouro?

Quilombando cada um na sua taba concreta de atos egoísticos, sufocam e são sufocados pelo magnetismo lançado pelas mentes sequiosas pelo poder.

Estagiários contínuos para ocupar o posto no apostolado do bem perdem o estágio porque não se soltam do infortúnio fantasiado pelo mecanismo gerador do abismo sórdido da ilusão.

Torna sinhazinha a reafirmar a fala:

- Tudo bem se não vai me responder. Eu peço que me siga, pois preciso me banhar, estou morrendo de calor.

Sebastião estava sério e de poucas palavras, mas aproximou-se e falou:

- Homem, o que está fazendo? Se sinhozinho toma consciência que você está aqui e não na mina, vai ter com você.

- Sebastião, logo te conto o que aconteceu, mas não quero comentar perto de sinhazinha. As ordens são para que eu venha ajudar a tomar conta de sinhazinha, e creio que nem dormir eu vou.

- E grave, Pedro?

- Sim.

- E, deve ser, eu também não gostei daquele moço que estava na igreja, você viu?

E como vi, sei que viria confusão

- Sim, Sebastião, eu vi. Bem, vamos para o casarão. Só lá ficarei tranquilo com Ermelinda.

Quando chegamos, a moça entrou para o banho e contei tudo para Sebastião. A mina ficou parada até o retorno de Belar, pois notícia ruim corre, e Laureano não conseguiu nenhuma ajuda dos capitães, todos ficaram temerosos com a chacina e não aceitaram o emprego. Todos da redondeza conheciam a história de Bretão e Bonifácio.

Bem, passou uma semana neste vai e vem de sinhazinha e Carlos. E, durante esse percurso, sinhazinha e Carlos começaram a se conhecer.

No domingo, no retorno ao lar, Carlos e sinhazinha travaram uma conversa mais longa. Ele ousou acompanhá-la a meia distância, mas

com muita alegria por parte dos dois.

Sabiam que esse envolvimento poderia ser proibido pelos pais, porque, nesse momento, eles não estavam se entendendo bem.

Eu esperava ansioso o retorno do comendador por vários motivos, mas o mais forte era esse namoro, que eu estava torcendo para ser proibido por Belar.

Ajornada da experiência encarnatória é um verdadeiro laboratório, e esse laboratório seria mais funcional se o homem se colocasse diante da pesquisa com mais discernimento.

Quantos vírus mentais são lançados no campo energético planetário! Estes, por sua vez, no tempo certo se fortalecem, ganham vulto de ação e buscam seu alimento que, como vibração, instala-se no próprio encarnado.

A despoluição mental é o mais sensato medicamento para todos os que já trabalham para a grande reforma íntima. Ganham energia e, passo a passo, vão recobrando suas energias saudáveis.

34

Sebastião muda de "plano"

Devido às organizações necessárias no Rio de Janeiro, Belar ficou por lá mais um tempo. A mina estava parada e nós zelávamos pelo casarão e por sinhazinha.

A guarda real sempre a resguardar a filha de Belar. Com a notícia da noite de roda, grande movimento ocorreu na estrada que se avistava da varanda do casarão, o que despertou imensa

curiosidade por parte de sinhazinha.

Logo ela providenciara o pedido de permissão à guarda para assistir. No primeiro momento, foi negada, mas Carlos, sabendo desse desejo e com o próprio desejo de ficar próximo a ela, solicitou a permissão.

Ela ficaria até as vinte horas, pois já seria uma grande concessão, pela intervenção de Carlos no pedido.

Ermelinda ficaria a três metros de distância, pois era moça nobre e só com a presença do pai poderia estar na festa de Nossa Senhora do Rosário.

Foi determinado pela guarda que sinhazinha sairia acompanhada por Generosa, a mucamba, Sebastião e eu.

Que felicidade para todos nós, pois iríamos a uma roda, festa tradicional. Como eu, escravo, poderia ir a uma festa dessa se não tivesse sido selecionado por Belar?

Ela escolheu seu traje mais lindo, branco, com rendas finíssimas azul-turquesa a contornar todo o vestido, luvas de seda finíssima que havia herdado de sua progenitora. Chapéu branco, com uma enorme fita da mesma cor da renda azul-turquesa. Um lenço fino a envolver o pescoço da menina atenuava o ar de mulher que já trazia.

A guarda, às seis da tarde, parada na porteira, aguardava a ordem de se aproximar do casarão e colocar sinhazinha na carruagem, em que só os nobres andavam.

Lindo quadro que ainda registra o tempo. Como a evolução, às vezes, estraga a mais bela poesia, pois as mulheres desse tempo se vestiam com primazia.

Era realmente lindo ver uma mulher bem vestida, ocultando o corpo com elegância. A conquista era o sabor mais nobre que já existiu.

Lloje, o homem atual se encontra depreciado. O corpo, santuário do espírito, perdeu a função real da evolução, e a nudez se fez a armadilha do próprio espírito infantil, que

ainda percorre a experiência do sexo como mero prazer do corpo.

Retomar o santuário sagrado é uma das buscas do espírito encarnado. Vendas de exposições corporais, falência dos encarnados e desencarnados. Estúdios eróticos fomentam inúmeras almas desencarnadas a buscar prazeres com emanções de poses aberrantes, que dizem ser pela arte.

Os que se projetam em nome do ouro contraem demência energética, polarizando com inúmeras formas desordenadas que incitam, cada vez mais, a busca desse prazer vibracional descompensado.

Bem, este festejo de roda, trazido pelos negros, acompanha até hoje os brasileiros em festas de lugarejos, encantando muitos.

Quando Jesus falou: "Diga com quem andas que direis quem tu és", é muito mais amplo do que se pensa, e um dos veios é este, em que hoje posso refletir.

Como é estranho! Somos realmente fluidos que se moldam conforme o frasco. E o frasco é nosso perispírito que, pelo comando da mente, opera onde estagiamos.

Com comandos, os senhores dos escravos logo mostraram quem mandava. Os negros, de posse da observância, por muitas vezes atuavam com companheiros da mesma cor como os senhores faziam.

Assim fica o registro de que as ações são meras repetições, e se são meras repetições, por que o homem não repete as ações do Mestre?

Chegamos à grande e majestosa Igreja do Rosário. Carlos se aproximou de sinhazinha, e a troca de olhares e meias palavras marcaram o anoitecer.

O atabaque coordenava o espaço, som belíssimo saudando Nossa Senhora do Rosário, que foi apadrinhada como protetora dos negros.

Vi que o largo do Rosário estava repleto de irmãos de cor. Nesse momento, vi que a força era mais nossa do que da guarda que por ali rondava.

Aquietei a mente e me deixei envolver pela força da invocação que o atabaque faz e rodopiei junto aos meus conterrâneos.

A dança do agradecimento é realmente linda. Quando nos envolvemos com a alma, penetramos na esfera do Criador, e nos libertamos do exílio constituído por nós mesmos.

E, nesse festejo, Sebastião também se envolveu, rodopiou e foi ao chão. Parei de rodopiar e corri para Sebastião. Fui do delírio ao despertar pelo grito de pavor de Ermelinda. Quando a olhei, já estava sustentada por Carlos.

Fui até o chão para escutar, pela última vez, meu mestre brasileiríssimo:

- Pedro, perdi as forças, retorno às forças da mata e encontro com meus ancestrais. Cuide da sinhazinha. Diga ao comendador que lhe agradeço pela generosidade que teve para comigo. E a você cautela e olhos abertos, lembre-se do Bretão.

E virou o rosto para o lado e suspirou pela última vez. Vim a saber que ele foi logo resgatado e levado para ser tratado. Hoje, opera com os raizeiros, intuindo-os para aliviar as dores dos irmãos.

Aproximei de Ermelinda e falei:

-Vamos, temos de levar Sebastião para enterrá-lo.

Mais uma vez sinhazinha ficou apática do anoitecer ao amanhecer.

Um mensageiro chegou, comunicando que Belar se encontrava a dois dias do casarão para retomar a chefia.

Bonifácio retornou com ele, mas seguiria para o trabalho na Câmara e teria de auxiliar Belar em todas as necessidades.

O enterro de Sebastião aconteceu do lado de fora da Igreja, outra concessão feita a sinhazinha. O padre estava temeroso

com o regresso do comendador e resolveu abrir esse precedente para sinhazinha, que estava novamente desfalecida.

Após o enterro, Carlos estava outra vez rondando a casa e pediu permissão para adentrar o casarão, e nesse momento tive de pedi-lo para não fazer isso. As ordens do comendador eram bem claras: ninguém entraria na casa na ausência do chefe.

No correr do tempo, Belar chegou e encontrou o luto instalado. Eu não tinha a noção de como Sebastião era respeitado pelos negros.

Vi sinhozinho durante a noite chorar pela perda de Sebastião e me comovi com ele.

Os laços afetivos de almas companheiras se manifestam desde que o homem é homem. E não poderia ser diferente. Após muitos anos de convivência com a família, Sebastião deixou saudades.

Belar e Ermelinda estavam muito abatidos. Muito silêncio e respeito. Realmente, o comendador era diferente, alma evoluída, como relatei, fora de seu tempo. Mas é assim mesmo, tem de haver almas mais desprendidas para impulsionar os que ainda se sufocam nas mazelas íntimas.

Generosa levou a comida e a tina para o banho, por dois dias, ao quarto de Belar e Ermelinda. As janelas dos quartos permaneceram fechadas durante esses dois dias, e vim a saber que igual atitude ele tomou quando sua estimada esposa faleceu. Seu filho Manoel partiu para Portugal, não ciando mais notícias após o desencarne da mãe, alegando que o óbito da progenitora era devido ao descaso do pai para com ela, pois viajava mais do que ficava em casa. Findados esses dois dias e recuperado da viagem e dos atropelos ocorridos na fazenda, o comendador retomou a caminhada.

Ele me chamou e pediu para ser o primeiro imediato no lar, assegurando a segurança dele e de sua filha. A partir daquele dia, sinhazinha só sairia quando eu estivesse disponível para acompanhá-la.

O comendador já tinha conhecimento do Gaia e de Bretão. E se tornava mais artiloso, pois teria de manter contato com Bonifácio após as ordens do rei.

A semana corria entre o veio do ouro e as visitas à Igreja com sinhazinha. Nesse vai e vem, Carlos se encheu de coragem e comentou com o pai o interesse despertado por sinhazinha. A princípio, Bonifácio temeu pela aproximação, mas como que a compensá-lo pela perda da mãe, tudo fez pelo filho. E enfrentou a visita ao lar de Ermelinda para acertar o cortejo do seu filho Carlos.

Belar recebeu do mensageiro o pedido de permissão para filho e pai visitá-los no dia da Festa de SanfAna, a pedido de Carlos, pois seria uma estratégia. Ele sabia da devoção da família à SanfAna, e assim ficaria mais fácil, pois estariam mais sensibilizados pelo momento.

Belar concordou com a visita, que ocorreria no domingo seguinte, e pediu a Ermelinda para se vestir adequadamente para as visitas. Queria mostrar a Bonifácio que, apesar de ter praticamente criado a filha sozinho, ela era uma moça bem educada.

Retomamos o trabalho com afinco na mina. Eu ficaria lá e Belar seguiria à Câmara para ter com o juiz geral e Bonifácio, para os ajustes necessários.

João, quando me viu, alegrou-se de novo e falou:

- Oi, rapaz, quanto tempo!

- E, João, algumas coisas também aconteceram no casarão. Sebastião morreu. Sabarabuçu tem uma energia de tristeza constante, não é?

Enquanto estávamos a bater o prego na parede da mina, perguntei a João como havia se formado Sabarabuçu.

-Você é bem curioso, não é? Bem, dizem que um tal de Bartolomeu Bueno da Silva chegou aqui e enraizou moradia. Alguns falam que Bartolomeu era um homem muito rude e, por isso, capturou os índios do local e apoderou-se da terra. Já ouviu falar dos índios canibais?

- Sim, João, e tenho medo só de pensar nisso. Agora temo, também, Bretão.

- E, Pedro, temos de ficar de olhos abertos.

E neste meio-tempo, levamos uma chibatada do capitão e a ordem foi dada:

- Trabalhem em silêncio, se não querem ficar sem língua.

A ação gera ação, não é assim? Um carro de boi se movimenta porque pode atritar com o peso da carroça e promover a ação. Assim é o movimento dos encarnados, que constantemente fazem a ação e, de ação em ação, crescem ladeira abaixo na consttuição dos movimentos, de forma a declinar em sua própria evolução.

O progresso é alimentar a humildade, evangelizar e concretizar no amor. Nesse ensaio de retomada de postura, o homem de bem constrói sua geração mais saudável no princípio do Pai.

Mercê das forças desordenadas estão todos aqueles que se colocam no educandário da vida a conduzir almas. Vemos escolas, doutrinas e direções éticas conflitadas por abolirem o educandário do Cristo Jesus.

Pedagogos, psicólogos, professores e dirigentes acuados na engenhoca mercantilista do ouro dominador. Como irão responder pela falta de controle instalada e vivenciada por apóstolos do educandário? Deveria ser assim, todos os dirigentes de nações terem sobre a mesa do plenário o Evangelho e regerem as normas sob a tutela do Mestre dos Mestres.

No educandário do Cristo Jesus não se desenvolve o orgulho que a façanha imaginária coloca nas escrituras do homem sobre o poder temporário.

Nas páginas executadas pelo Rabino, somente obras de amor e dos dirigentes, obras de interesse íntimo.

Calvário, levando o Mestre à libertação da opressão, este sim, o sentido desenvolvido para o autoconhecimento, mas o calvário do encarnado é o exílio contínuo.

35

Sofrimento na Casa de Deus

Ao findar o dia, retornei ao casarão. Encontrei Belar comunicando a sinhazinha de que fora dado a ele o título de juiz ordinário. Teria de ficar mais tempo longe de casa, por isso queria que Ermelinda só se ausentasse do lar com Generosa e a guarda armada. Então ela ficaria mais dentro de casa.

Belar ordenou que eu o acompanhasse até a igreja, pois iria ter com o padre para compreender como a Igreja interferia nas ordens da Câmara em Sabarabuçu.

Passou pelo soldado da guarda e falou:

- Olhos bem abertos. Sei que Bretão está rondando o casarão à procura de Bonifácio.

Seguimos para a Igreja, e Belar começou a confidenciar:

- Sabe, Pedro, é bem provável que Bonifácio seja transferido para o Rio de Janeiro devido a esse ocorrido. O mensageiro trará a resposta em breve.

Naquele momento, a alegria se instalou no meu coração: o rival se

afastaria.

Chegamos à Igreja, e o padre estava a organizá-la.

- Licença, padre - Belar falou.

Olhei o olhar do padre, que não foi de bom amigo.

- Sim, tem toda.

- Quero lhe falar, mas antes gostaria que me explicasse por que aquele escravo está no tronco próximo ao sino. Volto do Rio de Janeiro com o título de juiz também, então teremos de nos entender bem, não é?

- Sim, senhor juiz, o que queres saber além do corriqueiro, pois um negro no tronco não é nada de mais, não é?

- Bem, representante de Deus, quero lhe dizer que em breve o rei visitará Ouro Preto e virá aqui também. Então a ordem é deixar a cidade organizada para Sua Realeza.

-Vamos para trás da Igreja, assim conversaremos com maior privacidade, senhor juiz.

- Não vejo necessidade, pois não há fiéis na Igreja.

- Mas há aquele escravo que se encontra na porta a nos observar.

- Não se incomode com ele, é de total confiança. Aonde eu for ele vai. Ele me segue para garantir minha segurança.

- O senhor confia muito nesses sem-alma. O que queres saber?

- Primeiro, por que aquele barulho atrás do altar naquele dia? O que o senhor esconde ali?

- Sabia que a primeira pergunta seria esta, Belar. Devem ser ratazanas, aqui em Sabarabuçu tem muitas.

- E desde quando ratazanas choramingam?

- Hoje o senhor está escutando algum ruído?

- Não, padre, mas quero ir lá atrás para ver a Igreja.

- Traz alguma ordem para isso?

- Sim, não só para isso, mas também para tudo o que diz respeito à ordem de Sabarabuçu. Se são ratazanas, temos de

fazer a limpeza, queremos que Sua Realeza se sinta em segurança nesta comarca, não é?

- Vamos logo, não tenho muito tempo, e o senhor também não. Fomos à parte de trás da igrejinha. Havia uma entrada bem pequena que era utilizada para prender os negros, como se fosse uma solitária.

- O que é isso, santo homem de Deus? - Belar indagou.

O padre falou:

- Belar, só foi aquele dia, depois não coloquei mais ninguém aí. A prova é aquele escravo no tronco.

- Cuidado, padre, estou muito próximo da Igreja, então é melhor andar direito. O senhor só tem esse escravo para servi-lo?

- Não, senhor, este infeliz tem esposa e filho.

- Cadê eles, padre? Quero vê-los agora.

- Agora?

- Sim, e sem demora.

- Irei levá-lo, mas, como te disse, eles são desobedientes e hoje todos estão passando por um castigo.

- Já posso imaginar - falou Belar.

Abrindo a porta da casa, vimos o menino amarrado no tronco de sustentação do telhado e a mãe amordaçada, sangrando e seminua.

- Santo Deus, padre, não quero tirar sua autoridade, mas o que você pensa sobre castigo? O que ela e o menino tão pequeno fizeram?

- Eles não fizeram nada, mas o pai sim, então todos pagam. Assim ele irá pensar outra vez antes de não obedecer às ordens.

Mas que ordem foi esta que te levou a chicotear tanto a negra até sangrá-la? O senhor sabe que não está correto, que até escondeu mãe e filho dentro da sua casa para ninguém vê-los!

- Quem o senhor pensa que é, Belar? Os escravos são meus e faço o que quero.

- Veremos padre, veremos.

Dirigindo-se à Câmara apressadamente, o juiz ordinário ganha, em tempo hábil, a presença do senhor

Manoel e começa a relatar o cenário que não aprova.

- Cheguei do Rio de Janeiro e reencontro o padre de Sant'Ana com atitudes complicadas. E de conhecimento que até a Igreja é favorecida com escravos para servir a santidade, mas é também do conhecimento geral que a Igreja representa Deus e, se é representante de Deus, tem de cumprir o que dizem as escrituras, não é?

- Aonde o senhor quer chegar?

- Quero colocar um vigia para seguir o padre. Há rumores de que boa coisa não acontece ali. Já se contam, desde a chegada deste padre, dezenove escravos que desapareceram, sob a alegação de que eles todos fugiram com esse tal de Bretão. Por isso quero tirar isso a limpo.

Falando de Bretão, que não conheço, após minha chegada vim a tomar conhecimento da chacina realizada na minha mina e as providências tomadas por seu comando. Quero agradecer-lhe por enviar ao casarão a guarda para proteger minha filha.

Pedi um mensageiro para ir até o Rio solicitar que Bonifácio seja transferido para lá por segurança, pois o próximo pode ser ele. Pelo que me contaram, Bretão está vingando a mãe, não é? Os detalhes, não precisamos deles, mas quero evitar mais mortes aqui.

- Sim, Belar, nesse aspecto você pensa como eu. Se for aceito este pedido, terá de ser escoltado com a guarda, os tropeiros e alguns negros, pois no Gaia, mais de cem negros se encontram foragidos sob o comando de Bretão. E bom não espalharmos isso também. Ele terá de sair de madrugada, não deixando rastro.

- Vamos aguardar. Voltando ao padre, tenho de resolver este assunto o quanto antes, pois em breve receberemos a visita do rei e quero que tudo esteja em ordem. Quero a banda e a guarda bem ensaiada para um sarau, e o preparo do teatro para o baile. Quero toda a nobreza de Sabarabuçu presente, pois será um momento marcante.

- Bem, senhor comendador, tenho conhecimento de que o senhor trata seus escravos com liberdade. Não tem medo de ser traído por eles? Você é mesmo abolicionista? Seu comportamento com seus escravos nos estranha muito, e não queremos problemas com nossos escravos aqui. O seu cão de guarda, este aí, pode uma hora te dar uma punhalada.

- Ora, homem, quanto medo você tem dos escravos! Não sou abolicionista, mas se tiver algum movimento neste sentido, provavelmente estarei junto a ele. Bem, chega de conversa e vamos trabalhar. Logo será domingo e quero estar em ordem para a festa de Sant'Ana.

Saindo da Câmara, Belar resolveu voltar à Igreja. Ele estava realmente implicado com o padre. Chegando ao lar do padre, bateu na porta, e o negro ainda estava amarrado no tronco.

O padre gritou de dentro da casa:

- Quem a esta hora me perturba? Já não se faz hora de visita. Volte pela manhã que te receberei.

- Sou eu, Belar! Abra agora esta porta.

- Mas não é possível, o que o senhor quer agora? -abrindo meia banda da porta.

- Quero ver sua escrava e o filho dela, pois o escravo continua no tronco.

- Olha como o senhor é observador, comendador! A negra e o menino são minha propriedade, então faço o que quero com eles.

Neste momento, um gemido nós escutamos e Belar

falou:

- E agora este gemido, vai falar que é um rato, ratazana ou coisa assim? Deixe-me entrar!

E, empurrando o padre, começou a correr dentro do lar. Fui barrado pelo padre com duas palavras:

- Fique aí, negro sujo.

- Gelei! Não sei por que, mas tinha medo deste padre.

Belar gritou:

- Cadê a escrava e o menino - e nesta hora outro gemido vindo do chão.

Pela experiência de Belar, ele bateu com os pés no assoalho à procura do som oco, pois seria ali a porta para o suposto porão.

- Que é isso, homem! Agora vai sapatear no meu chão? Peço a gentileza de se retirar do meu lar.

- Não sairei enquanto não vir o menino e a mãe.

- E realmente abolicionista, não juiz?

- Não estamos discutindo o que sou. Quero ver a escrava e o filho. Leve-me a este maldito porão.

- Tudo bem, homem da lei, vamos lá.

E, suspendendo uma das tábuas, encontramos a escrava toda ensanguentada, chutando os ratos, com seu filho nos braços a chorar.

- Oh, meu Deus! Padre, como pode ser tão ruim assim, não tem piedade nesse seu coração?

- Dê o seu preço, pois vou comprar esta família.

- Como assim, eles são meus escravos!

- Eram, agora são meus. E, retirando seu casaco, cobriu a negra, que estava exposta.

Já comuniquei à Câmara sobre as atitudes aqui. Amanhã, provavelmente, mandarão outro escravo para você. E cuidado com suas atitudes!

- Quando me mandaram para o Brasil, a ordem era para catequizar os índios e educar os sem-alma. Agora parece que o senhor está mudando as regras.

- Pode ser, mas por hoje chega. Fale seu preço, estou saindo com eles, o senhor querendo ou não. E torno a falar: cuidado com o que faz.

- Está me ameaçando?

- Não, estou te alertando. E passar bem. Se não dá o preço, eu faço o preço e mando-lhe o dinheiro em breve.

Ao sair da casa do padre, avistou sua filha andando pela rua e sendo amparada pela guarda e pela mucamba. Viu, também, Carlos bem próximo de sinhazinha. Ele se apressou, alcançou os dois e disse:

- Quem te permitiu andar? Quem é este jovem?

- Bem, papai, este é Carlos. Saí porque está muito calor e queria pegar a fresca da tardinha e, por um acaso, Carlos estava passando e começamos a conversar.

- Boa tarde, senhor Belar, sou filho do Bonifácio.

- Sim, no próximo domingo receberei vocês. Agora tenho pressa. Desculpe-me, tenho de cuidar destes escravos e minha filha me acompanhará. E quanto a você, cuidado, pois Bretão não está de brincadeira.

- Sim, o senhor tem razão, devo me apressar, seguirei com a guarda. Boa noite.

Era mais uma preocupação para Belar. Ele já sabia do interesse de sua filha por Carlos, e estava temendo por ela também.

O pedido de casamento

O tempo passa rápido quando estamos trabalhando, e logo chegou a festa de Sant'Ana e a chegada de Carlos e seu pai, Bonifácio.

A política da boa vizinhança se instalou no casarão, mesmo a contragosto de Bonifácio, mas a posição dele agora não era das melhores. Mal ele sabia que em breve seria removido para o Rio de Janeiro.

Carlos pediu para cortejar Ermelinda e, como o juiz nada negava à moça, fez-lhe uma pergunta:

- Querida filha, é o que queres?

- Sim, papai.

- Sabe que terá de seguir seu marido aonde ele for?

- Sim, papai.

Apesar de a tristeza bater no coração de Belar, ele supunha que o casamento da filha a protegeria, pois, casada com Carlos, ela teria de ir para o Rio de Janeiro, e assim seria melhor para ela. Estaria afastada de Sabarabuçu e de Bretão.

Após este acordo, pois era assim que ocorria, foram todos à festa de Sant'Ana. Realmente muito bonita a festa, e logo sinhazinha casaria e seguiria para o Rio.

Entre a mina e a Câmara Belar dividia seu tempo, até que o capitão do mato responsável pela ordem na mina falou:

- Comendador, vejo que os negros não estão produzindo nada. Eles alegam que não há mais ouro neste veio, fazendo-se necessário perfurar outro.

-Terei de ver com meus próprios olhos. Vou descer até o fundo desta mina.

Não, senhor comendador, o senhor não pode fazer isso. É muito perigoso. Parece que vai chover, as nuvens estão bem fortes, não é

bom o senhor entrar hoje, deixe para amanhã.

- Não, tenho de resolver isso hoje. Vou entrar bem rápido e volto antes de esta chuva cair. Pedro, fique aqui. Se precisar de você, te chamo.

- Sim, senhor.

E assim se deu, o comendador entrou na mina e eu fiquei com João, que me colocou mais a par da história de Sabarabuçu.

- Sabe, Pedro, nos registros da história falam que um tal de Fernão Dias veio para Sabarabuçu por causa do ouro. Paulista e muito forte, dominou o local com Borba Gato. Logo em seguida, pediu a um tal de Matias para plantar em Roça Grande, que até hoje fornece o alimento. E bem interessante, não é?

- Sim, mas olha lá, homem, a chuva vem depressa! Vamos avisar o capitão para chamar Belar para fora da mina. Mas logo a chuva chegou com muita força e começou a entrar na mina.

A chuva começa a castigar o terreno. A água que cai do céu encontra a canalização rapidamente, e faz pequenas valas, que, conforme a torrente, ganham força e se alargam rapidamente. Foge à mente acompanhar essa rápida transformação.

Hoje o homem pode, com os próprios olhos, seguir, passo a passo, esse movimento que a natureza realiza. Os aparelhos meteorológicos de precisão auxiliam o encarnado em suas reflexões.

Mas este perde o grande benefício que o Criador Ihe permite no desenvolvimento. Se Ihe é permitido avançar na tecnologia, é para buscar refletir sobre os atos. Como está envolvido somente no obter, não se permite o simples exercício da observação e se esquece das palavras de Jesus: "Orai e vigiai". Não ora nem tampouco vigia. O homem do hoje se concretiza formando blocos compactos que bloqueiam a fé.

Construíram os arranha-céus, colocaram-se dentro de tubos quadrados e se enquadraram em seus tubos compactos.

Voltar ao Pai, ou melhor, às coisas do Criador, requer desbloqueios, e reformar atitudes é a tarefa atual.

Homens sequiosos não analisam o que fazem de real na encarnação.

A fúria das águas ganhava proporção devastadora e começava a desmontar tudo e sobrecarregar a entrada da mina. Neste momento, já estava segurando a corda de acesso à mina para dar apoio ao comendador e aos outros. Pela enxurrada, era impossível que todos os que estavam na mina saíssem vivos, mas a luta era para salvar todos.

Alguns homens, no desespero, descontrolavam-se e, em vez de ajudarem, tumultuavam mais, e assim é em todos os tempos. Sempre quando se passa por alguma prova de fúria da natureza, os mais tranquilos ganham, porque não perdem a força. Eu tinha meu controle, voltei à tempestade que havia enfrentado no navio. Só faltou estar dentro do mar.

Homens gritando fora e dentro da mina, essas ações não perduraram muito, mas a vibração nos leva a registrar como se fossem uma eternidade.

Formou-se um caudaloso rio, pois do morro a água ganhou força e, enfurecida, carregou tudo o que encontrava pelo caminho, toco, tronco, martelo, cutelo, cabaças e pequenas pepitas, que se perderam no próprio terreno.

Conseguimos resgatar Belar e alguns escravos; dois não tiveram sorte e morreram ali soterrados. Como a desordem era total, um escravo conseguiu fugir. Provavelmente juntou-se a Bretão, porque num dos momentos em que olhei para cima vi Bretão no topo da montanha, por entre as árvores, e os chicotes de raios fazendo da figura dele um ser das profundezas.

Como ele em vida já havia perdido a forma de homem e ganhado a forma grotesca de um animal-homem!

Após o vendaval, ficou difícil saber onde não havia barro. Tudo foi destruído. Teríamos de recomeçar limpando o terreno. Belar adoeceu e ficou acamado por três dias.

A força das águas lavou um pouco mais a mente de Belar e, após restabelecer, ele falou:

- Pedro, como sou grato a você, me salvou mais uma vez. Tenho esta dívida com você. Logo minha filha casará, e tenho pressa deste casamento. Já que tenho de afastá-la daqui por proteção, é melhor ir casada. Tenho me informado sobre o Carlos, e todos falam que é trabalhador e um bom rapaz. Ele tem umas terras lá no largo. Vou comprá-las, assim ele pode seguir com Ermelinda para o Rio e construir a vida lá.

Belar seguiu para a Câmara a fim de pedir auxílio para perfurar outro veio, já que aquele estava destruído.

O filho daquela escrava já encantava Ermelinda, que passava o dia brincando com ele. Como sinhazinha se apegava rápido com as crianças, Carlos falava que ela seria uma boa mãe.

A noite chegou e pude sentar com João, que agora partilhava das proximidades do casarão também. Com a volta de Belar, nenhum negro mais dormiu na jaula, podíamos dormir nos fundos do casarão, no paiol.

E, nesta noite, a lua estava linda, cheia e vigorosa. Com minha eterna curiosidade, pedi a João para contar mais sobre Sabarabuçu.

Queria saber sobre o Gaia. Como os mais velhos deveriam ser respeitados! A sabedoria só se assenta após anos de experiência, e João trazia no coração a experiência.

O massacre no Gaia

Olho da colônia de recolhimento, aqui em Sabará, a negligência para com os idosos. São como um estorvo para a sociedade, mas no vigor da experiência se encontram. Ocorre uma ausência de coordenação emocional no exercício encarnatório, e os homens atuais se afastam com naturalidade da lei divina.

Se encarnamos para aperfeiçoar nossos sentidos, retardamos esse aperfeiçoamento negando o acolhimento aos progenitores, dando a terceiros o ofício do envolvimento mais bonito, que é o reconhecimento e agradecimento pela abnegação daqueles que nos permitem, por meio da experiência da vida, evoluir.

Muitas experiências algumas almas necessitam para compreender que daqui não se leva nada, somente a construção de amor. Amoedados eternos, empenhorados, espíritos devedores para consigo mesmos são eternos dependentes químicos mentais de ações destrutivas.

João me contou que mais ou menos em 1740 este quilombo se formou, ganhou tamanha força que fez muitos corações chorarem, porque, por defesa, eles, do quilombo, saqueavam, violentavam as moçoilas, filhas dos grandes portugueses que por aqui passavam. Poucas em vida ficavam e as que morriam eram também esquartejadas.

Que tristeza! O revide é o mal da humanidade. Bretão continuou o revide e até hoje, em seu mental, revida as ações. Busquem os exemplos da guerra. Desde que o homem é homem ele fomenta a guerra. Jesus trouxe a paz e fizeram guerra para exterminá-lo.

Há vários níveis de guerra. Observamos lares em guerra, setores

trabalhistas em guerra, o ensino em guerra, as comunidades e assim por diante, homens armados a retirar vidas.

Moisés asseverou e Jesus confirmou: "Não matarás" e, de vingança em vingança, Bretão continua quilombando juntamente com milhares de irmãos apegados à vingança.

De geração em geração se renovam as atitudes. Nesse período, o bisavô de Bretão foi pego e assassinado. Realizaram uma devastação no quilombo, fizeram uma perfuração no rim direito da bisavó, mataram e martirizaram inúmeros negros.

Havia uma mãe que amamentava o filho na hora da invasão. Os homens, sem escrúpulos, violentaram-na na frente do bebê, arrancaram-lhe os seios, amarraram-na num tronco na margem da estrada e ela, pelo instinto de mãe, resistiu à violência até quando colocaram seu bebê aos seus pés e soltaram os cães, que completaram o serviço.

Vários dos companheiros de Butu, o bisavô de Bretão, foram mortos com muita violência, pés estirados pela estrada, cabeças ficadas no madeiro à espera dos abrutés.

Os corpos mutilados ficaram expostos para os negros temerem a rebelião.

Toda essa violência foi vivenciada por Butu. Logo em seguida, Butu foi levado à praça central para concluírem a execução.

Arrancaram-lhe as orelhas, uma de cada vez, a língua e, por último, a genitália. Como Butu tinha de demonstrar coragem, morreu em silêncio. Mas o silêncio repercute até hoje em seus familiares.

Eles caminham como gatos e agem como cobras, lançam o veneno e pronto.

Em silêncio quem ficou fui eu, não tinha palavras para tamanha crueldade. Como já falei, o revide faz do homem o eterno pião. Eles rodopiam, rodopiam e morrem estirados na própria insanidade.

Fomos acordados deste momento com os cães dos capitães a ladrar, e ficamos imaginando se seria outra busca a algum negro fujão, mas ficou só na imaginação.

Como a noite estava bem iluminada pela lua, deu para vermos o padre correndo na direção do valão.

Falei para João:

- Não gosto dele. João acrescentou:

- Nem eu, fique longe deste padre, ele tem parte com o demônio.

38

Padre Cirlinano -o doente

O tempo corria, e o comendador estava em grande movimento, mina, Câmara e festejos para a corte, que visitava com frequência Sabarabuçu.

Carlos, já como membro da família, organizava o casamento com Ermelinda juntamente com Belar.

Belar pediu à filha e a Carlos para se casarem em Vila Rica. De lá, ele, juntamente com a guarda, os tropeiros e os capitães, acompanharia os recém-casados e Bonifácio até o Rio de Janeiro.

Bonifácio ficaria no Rio, e Ermelinda com Carlos seguiriam para Portugal, onde fixariam moradia.

Como as tias de Ermelinda sitiavam lá, Belar estava aliviado com esta decisão, pois nem seu genro ficaria exposto a Bretão.

O padre estava sendo observado pela guarda e por mim. Algo de sinistro ele fazia no valão. Mas, como a casa estava a todo vapor com o casamento de Ermelinda, preferi esperar o casamento passar.

Foi realmente uma mão de obra. Belar teve de ir a Vila Rica tratar tudo com o padre para o casamento, preparar o salão de festa que se situava próximo do teatro, levar os doces com antecedência. Mas, como era comendador, juiz ordinário e dono de fazenda, tudo ficou resolvido a tempo.

A mucamba Generosa estava muito preocupada com a primeira noite do casal, e estava planejando com Ermelinda como fariam. Ela providenciaria uma galinha para cortar o pescoço e sangrar no lençol do casal. Ermelinda teria de ser cooperativa e oferecer a ele bastante vinho para deixá-lo bem alcoolizado, assim não haveria engano quanto à virgindade dela.

Chegou o grande dia e o casamento foi realizado com todos os preparativos planejados por Belar. A festa aconteceu com perfeita organização, e Carlos, encantado com a doçura de sua noiva, não percebeu nada. Ermelinda conseguiu concretizar o casamento.

Nos dias seguintes, eles seguiram para o Rio de Janeiro, em direção a Portugal. Foi a última vez que os vi. Preferi não ver a partida, por isso me resguardei junto com os outros escravos.

Voltamos a Sabarabuçu com os capitães do mato. Ficaríamos sob a guarda deles até a volta de Belar.

As noites se tornaram longas, o padre a correr para o valão e nós, eu e João, a observar esse trajeto de quase todas as noites. Numa noite rezamos aos deuses e seguimos o padre a distância, e vimos o que ele ali fazia.

Ele removia a terra do valão que cobria ossos que os cachorros desenterravam todos os dias. E ele tinha esse trabalho noite sim, noite não.

Que ossos eram aqueles? Por que ele ia ao valão enterrá-los? Qual era o envolvimento dele com aqueles ossos?

Voltamos na frente dele bem depressa. Se sentia medo dele, agora eu estava apavorado.

Eu estava contando os dias para comunicar ao comendador o que havia descoberto sobre o padre. Agora eram o padre e Bretão a prejudicarem meu sono.

Belar retornou aliviado. Vira com os próprios olhos a filha embarcar para Portugal. Agora ela estava salva, fixando residência lá seria bem mais seguro e, quando ele tivesse tempo, iria visitá-la.

Quando ele passou pela porteira, eu já o esperava ansioso para lhe contar sobre o padre e a história de Butu.

Relatei-lhe tudo e, naquela noite mesmo, ele, eu e João seguimos o padre, de novo, no mesmo movimento de enterrar os ossos.

Belar falou baixinho:

- Era só o que me faltava! Este padre é bem esquisito. Vamos, amanhã volto com a guarda. E melhor fazermos a revista com a guarda montada.

Pela manhã, seguimos bem cedinho até o valão e lá vimos vários corpos picados e enterrados. O cheiro era terrível e, por várias vezes, fizemos vômito.

Belar saiu do valão direto para a casa do padre e bate na porta.

O padre falou:

- Quem, tão cedo, procura por mim, o representante de Deus?

- Sou eu, padre. Belar.

- Já voltou? Seu nome deveria ser senhor encrenca.

- Quero conversar com você.

- Outra vez? Já conversamos tudo.

- Não, padre, é sobre o valão.

- Valão? O que eu tenho com isso?

- É o que eu quero saber. Por que você vai lá noite sim e noite não? De quem são aqueles corpos? Por que os enterra sempre?

- Oh! Minha SanfAna, que homem chato!

- Já tenho conhecimento por que veio para o Brasil. A sua mania de perfeição levou ao óbito um noviço.

- Tá bom, Belar, entre e pare de falar sobre essas coisas aí fora. Está querendo me pôr contra a comunidade de Sabarabuçu, homem? O que te fiz? Vejo que tem o poder realmente nas mãos.

- Entre, já que sabes demais. Peço que isso fique somente entre mim e o senhor, Belar. Depois da sua visita ao Rio, recebi uma advertência. Se houver outra reclamação, irão me mandar para a África. Já pensou nisso? Para mim, aqui já é o fim do mundo, imagine como será viver na terra desses sem-alma?

- Por isso, padre, não tente me enganar. O que o senhor faz no valão? De quem são aqueles ossos? Qual o interesse do senhor em ficar enterrando os ossos que os cachorros famintos desenterram?

- Chega de tantas perguntas, Belar, não aguento mais este interrogatório.

- Padre, cadê o escravo que mandaram para servi-lo?

- Aquele ingrato fugiu

- Fugiu? Por que não deu parte aos capitães?

- Não quis e resolvi ficar sozinho sem estes sem-alma. É melhor. Também sou sozinho e não preciso deles.

- Conversa, não é, padre? Vamos ver como fica essa história do valão, que você não me respondeu. Até mais ver. Saímos, e Belar foi pedir permissão à Câmara para fazer a varredura no valão. Ele precisava descobrir o que estava acontecendo.

Foi dada a permissão e, neste meio-tempo, o padre fugiu. Encontraram um corpo esquartejado em início de decomposição e era o que Belar estava suspeitando: o padre havia exterminado o negro.

- Quantos ele deve ter matado e falado que fugiram? Meu Deus, ele é doente, tem de ser internado no hospício! Vou dar a ordem de prisão.

Mas o comendador chegou tarde: o padre havia desaparecido. As buscas foram feitas por um mês, quando desistiram de procurá-lo. Do paradeiro do padre, ninguém nunca deu notícias.

Foram encontradas no lar do padre correntes, ponteiras de ferro e um serrote.

No porão, uma mesa toda manchada de sangue e sacos de linhaça, em que, provavelmente, ele envolvia os cadáveres para serem jogados no valão.

Quantas anomalias em um espaço tão pequeno como Sabarabuçu! Hoje, tenho o conhecimento de que o padre sofria de transtorno mental profundo, devido aos processos familiares por que passou. Ele passou despercebido por todos que com ele lidaram, porque era padre e ficava mais recluso. Só Belar conseguiu detectar sua doença.

Doenças de todas as ordens são tratadas hoje em dia, mas são necessárias almas desprendidas para se dedicarem aos doentes. Doença emocional requer carinho, proteção e acolhimento. Não é na primeira dose que se cura. São necessárias várias doses de passe, de incentivo ao convívio com palestras edificantes e medicamentos de médicos especialistas, como os psiquiatras.

Tristeza registro por uma alma que, acorrentada na vingança, se utiliza da queima do próprio perispírito.

Tenho feito uma rogativa ao Criador para todas as almas acorrentadas pelo ódio, pela vingança, pela inveja, pelo egoísmo e por todas as mazelas que atrofiam o mental do espírito.

*"Mestre, hoje eu alcanço um pouco mais sobre Tua passagem no plano 'Terra. Quanto o espírito encarnado precisa compreender que a vida é um presente doado pelo Criador para a reforma íntima!
O que se faz necessário para o espírito se permitir, oh! Pai de Misericórdia, a corrigenda necessária para o alargamento do seu próprio veículo de ação, que é nada mais que seu fiel aliado, o perispírito?
Fortaleça todos os fluidos dos companheiros que, incansáveis, colocam-se a orar pelos falidos.
'Tonifica o mental desses irmãos valorosos que fazem da vigília a oração pelo irmão. Envolve todos os desprendidos do cárcere do corpo que se envolvem nas coisas da criação.
Sendo assim, oh Mestre, acolha todos nós. Que assim seja!"*

Belar se encheu de coragem e pediu uma equipe para ir até o valão com ele. Chegando lá, começaram a remover a terra e surgiram mãos, pés, cabeças e corpos petrificados.

Agora compreendíamos o cheiro que às vezes inundava Sabarabuçu, o cheiro do matadouro.

Ainda hoje vemos almas choramingando no valão, mas o maior valão é aquele criado na perfuração do perispírito, que provocamos com as próprias mãos. Que o bom Pai acolha no teu seio de luz o padre e todos aqueles dos quais ele, com as próprias mãos, retirou a vida.

O comendador e os capitães ficaram imobilizados, os cães estavam enfurecidos por quererem usufruir dos restos. Quanta violência, meu bom Pai, registrei nos olhos dos cães!

Parece que a onda da ação maléfica toma forma até com os animais. Um dos cães, depois deste trabalho, ficou louco, babando e atacando tudo e todos. Belar não vacilou e mandou exterminá-lo.

Ainda não sei o paradeiro do padre, mas sei que companheiros valorosos tentam o resgate dele e de muitos irmãos que pelo sacrifício passaram.

A infância do padre não foi das melhores. O pai, muito violento, violentava a mãe todos os dias, prendia o menino no porão por dias no escuro e o chamava de criança imunda. Rejeitava-o, pois o ato da mãe de amamentá-lo o deixava irritado, pois se sentia traído pelo menino.

Quanto o homem, na sua brutalidade, conduz uma família de laços maiores a falir no processo de evolução! Repensar a jornada é ser um irmão em caminhada com os membros familiares. Cada um guardando o devido respeito faz com que os afins cresçam com mais amor e compreensão. Assim é o lar desenvolvido pelo mestre Jesus. Ele nos direcionou, quando assim falou: "Amai- vos uns aos outros como eu vos amei".

Ele, o Rabino, edificou o culto no lar, que fortifica as paredes de amor e laços fraternos, nos orientando pelos próprios lábios articulando a fala do amor.

"Estando dois, ou três, em meu nome, a orar ao nosso Pai, eu também estarei".

Educar os lares sob a luz do Evangelho é o melhor caminho para nos libertar da opressão corrosiva de séculos.

A mina já não produzia mais nada. Belar, homem inquieto e produtivo, desenvolveu o plantio de cana-de-açúcar. A rapadura utilizada pelos tropeiros garantiria a sobrevivência da fazenda. E ele também a mandaria para Vila Rica.

O comércio vinha e ia de vento em popa. Bretão havia se aquietado com a ausência de Bonifácio.

O comendador recebeu a primeira carta de Ermelinda, que, cheia de felicidade, contava em detalhes sobre a arquitetura da cidade de Portugal, os saraus, os musicais e teatros aos quais ela estava tendo acesso.

Mas, em meio a tantas notícias favoráveis à felicidade, uma incomodou Belar: ela não poderia ser mãe, pois o organismo não sustentava a gravidez. Por isso ela perdeu o bebê no caminho para Sabarabuçu.

Esta notícia aliviou o meu coração, pois sempre voltava ao ocorrido e ficava perturbado, julgando ser culpado pela perda do bebê de Ermelinda.

Noites de festa entre nós, os escravos, sempre aconteciam. Belar nos deixava fazer a roda e cantar nossas cantigas.

Ele envelhecia a passos largos, agora mais do que nunca. Ele se sentia sozinho. Às vezes, ele se assentava em volta da fogueira, nos observava e nada falava. Levantava e se recolhia aos seus aposentos.

As cartas de Ermelinda chegavam de três em três meses, e só elas o motivavam a continuar vivendo.

Numa destas noites vimos Bretão rondando de novo o casarão. Falei com João:

- Ele estava sumido, não é? Por que será que está voltando? Bonifácio não mora mais aqui. O que será que ele quer?

- Calma, homem, vou ver o que ele quer. Tenho um sobrinho no Gaia, vai ver que é sobre ele. Eles sempre tentaram me levar para lá, mas eu não quis, prefiro ficar longe dele. Não concordo com que o que eles fazem.

João aproximou-se da meia-luz, onde ele estava, conversaram e Bretão partiu. João voltou e relatou o que foi falado.

- Bretão está indo embora. Ele, pessoalmente, esteve no Rio e não achou Bonifácio. Lá, tomou conhecimento de que Bonifácio se mudou para Portugal, e isso o impediu de segui-lo.

- Para onde ele vai?

- Não relatou, somente falou que estava indo embora, que meu sobrinho não seguiria com ele, e que poucos estavam aderindo à saída do Gaia.

Temo por este ato, não me cheira bem este momento. Ele não estava feliz, e sim abatido. Vamos ver no que vai dar isso.

A apreensão de João me deixou incomodado, e a noite passou sem nenhuma anormalidade. Mas, na manhã seguinte, a

marcha da guarda passou outra vez com aquele tambor maldito, anunciando uma execução na praça do largo, no pelourinho.

Gelei, lembrei-me do caso do bisavô de Bretão, triste caso que revivia a cena com Bretão de novo.

Ele foi traído por um companheiro do quilombo, que o entregou à milícia, levando o comunicado de que ele e mais dez negros haviam partido naquela noite. Eta o negro traindo o negro.

A humanidade caminha sob a pressão do olho por olho no seu inconsciente massificado de atitudes repetitivas. E nada mais do que a ação do ontem no hoje reforçando a vingança.

Lá fomos nós de novo presenciar a execução. Tambores com a batida peculiar para demonstrar que um negro iria morrer.

Ele e os dez companheiros enfileirados diante da guarda armada seriam fuzilados. Foi lida a sentença em tom grave para todos os presentes escutarem, e me surpreendeu como alguém pôde gerenciar um lugar por mais de vinte anos e não ter sido pego antes.

Realmente forças estranhas movem este espaço entre os homens encarnados e os desencarnados.

Reforçar a vigília com a oração é a melhor arma de amor, que pode o filho utilizar como ferramenta de luz contra as trevas que ainda coabitam na esfera mental de muitos encarnados e desencarnados.

A tarefa de amor aos necessitados é o escudo benéfico de paz para os candidatos ao aprimoramento no bem.

Foram todos fuzilados de uma só vez, e Bretão, como relatei, precisa de muita emanção de paz e perdão para ser resgatado do momento quilombado que edificou no coração.

Epílogo -Planeta azul

Após alguns anos, Belar faleceu, e fomos levados de volta ao Rio. Lá permaneci por mais alguns anos, e faleci no porto como auxiliar de navio pesqueiro. João ficou em Sabarabuçu livre, sobrevivendo do auxílio dos outros, então não foi muito longe.

Após alguns anos se deu a abolição, mas reafirmo o que indaguei. Será que realmente ocorreu a abolição?

E assim mais uma jornada encantatória se deu. Eu fico imaginando quando, neste planeta riquíssimo de fluidos de vida, estiverem habitando espíritos que vivam a paz.

Será muito prazeroso sentir as vibrações saudáveis, aquelas vibrações pregadas pelo Mestre Jesus.

Quando a oração não for só dos lábios, mas sim do mental desenvolvido, promovendo o equilíbrio geral, será realmente o planeta azul. E é de conhecimento quase geral que azul é a cor da cura. Se é a cor da cura, por que os homens não buscam esta cura?

O Pai é perfeito. Ele coloca os doentes na fonte mais elevada, que é este planeta que traz todo o equilíbrio da terra, da água, do ar e do fogo, sendo estes os elementos que dão a vida.

Mas o homem, em sua eterna infância, brinca com esses elementos da natureza e destrutura a essência do Criador.

Chegará um dia em que o homem não se subdividirá mais, e sim construirá um único planeta, o verdadeiro planeta azul, e assim estaremos assinando o compromisso da manutenção da saúde planetária.

Por isso dizemos:

Oh! Grande Unificador,

Aquele que calejou os pés para deixar o testemunho da lei Divina, vibre no teor mais elevado para imantar os corações sequiosos, que aguardam uma oportunidade de ver o seu senhor levado ao pelourinho.

Magnetiza de doçura e fraternidade todos aqueles que ainda se encontram no quilombo íntimo, paralisados na queima irreal da vivência vingativa.

Fortifique os centros de amor que trabalham com lealdade à lei do Pai.

Alimente os que têm fome de trabalho ativo em auxílio ao próximo.

Sacie todos os sedentos que buscam o Evangelho. Agasalhe os que se sentem desprovidos do capote de Deus. Calce os que em chagas se encontram na busca do caminho correto.

E envolva todos aqueles que se entregam ao auxílio do próximo.

Que assim seja! Pedro

Fim



Visite nossos blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>
<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>
<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>
<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>
<http://www.loureiromania.blogspot.com/>